



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUÍSTICA APLICADA

Rosineide Tertulino de Medeiros Guilherme

LETRAMENTO RELIGIOSO:
UM OLHAR SOBRE A ORGANIZAÇÃO MENSAGEIRAS DO REI

NATAL/RN
2019

ROSINEIDE TERTULINO DE MEDEIROS GUILHERME

LETRAMENTO RELIGIOSO:
UM OLHAR SOBRE A ORGANIZAÇÃO MENSAGEIRAS DO REI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem. Área de concentração: Linguística Aplicada.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Paz.

NATAL/RN
2019

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN –
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Guilherme, Rosineide Tertulino de Medeiros.

Letramento religioso: um olhar sobre a organização mensageiras do rei /
Rosineide Tertulino de Medeiros Guilherme. - 2019.

137f.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa
de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio
Grande do Norte, 2020. Natal, RN, 2020.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria de Oliveira Paz.

1. Letramento Religioso - Dissertação. 2. Letramento Crítico - Dissertação. 3.
Leitores e Escritores Autônomos - Dissertação. I. Paz, Ana Maria de Oliveira. II.
Título.

ROSINEIDE TERTULINO DE MEDEIROS GUILHERME

**LETRAMENTO RELIGIOSO:
UM OLHAR SOBRE A ORGANIZAÇÃO MENSAGEIRAS DO REI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem. Área de concentração: Linguística Aplicada.

Aprovada em: 30/07/2019.

Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Paz
Orientadora – UFRN

Profa. Dra. Ivoneide Bezerra de Araújo Santos Marques
Examinadora Interna – IFRN

Profa. Dra. Nádia Maria Silveira Costa de Melo
Examinadora Externa – UERN

Ao meu Deus, que me cingiu de forças quando já se esvaíam. Meu grande companheiro nessa caminhada.

Sim, grandes coisas fez o Senhor por “mim”, e por isso “estou” alegre (Salmos 126:3).

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, meu eterno agradecimento por ter me permitido chegar até aqui. Ele que abriu portas, preparou anjos para abençoar essa caminhada acadêmica, que cuidou dos mínimos detalhes com amor sobrenatural.

Aos meus queridos pais, João Almeida de Medeiros e Benedita Tertulino da Cunha Medeiros, de modo muito especial, pelo incentivo à educação. Além disso, pela preocupação com todas as viagens que tive que fazer durante esse período, por seus cuidados e amor. Em especial, à minha mãezinha querida, por ter cuidado da minha filha como se fosse eu, dando-me esse grande suporte.

Ao meu querido esposo, que sempre me apoiou. Pelas muitas viagens que foi comigo, suavizando meu desgaste físico e emocional.

Às minhas queridas irmãs, Rosemary e Rosecleide, que sempre me aplaudiram e se orgulharam de mim por ter decidido trilhar esse caminho acadêmico.

Ao meu querido pastor, João Maria Martins Bezerra, que sempre me apoiou em suas orações.

À minha irmã Rosângela Chagas de Oliveira, pelo texto compartilhado e pelas orações.

Ao meu amigo de trabalho, Jansen Câmara Bezerra (*in memoriam*), por ter sido instrumento de Deus no momento da minha inscrição para concorrer à vaga ao mestrado e por ter ajudado em minha licença para a escrita desta dissertação.

Aos meus amigos de trabalho, Igor Wesceley e Rafael Araújo, em quem encontrei sempre apoio para desabafar as angústias dessa caminhada.

A todas as minhas queridas mensageiras do Rei da cidade de Angicos, pelo apoio e pela colaboração a esta pesquisa.

À irmã Irani, na época Coordenadora Estadual das Mensageiras do Rei, pelas informações preciosas que forneceu ao nosso trabalho.

À irmã Raquel Zarnotti, presidente da União Feminina Missionária Batista do Brasil, pela preciosa colaboração, fornecendo textos que enriqueceram e muito colaboraram para o êxito da nossa investigação.

À minha orientadora, Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Paz, pela valorização do meu objeto de estudo, pelo companheirismo na partilha de saberes e, sobretudo, por tudo que representa, academicamente, para mim.

À minha amiga e irmã Maria Aparecida da Costa, pelas muitas orientações acadêmicas, as quais me ajudaram bastante.

A Klébia Ribeiro da Costa, uma amiga que o mestrado me presenteou.

Ao amigo Carlos Henrique, pela cumplicidade e pelas diversas conversas acadêmicas que esse período nos proporcionou.

Às amigas Lindneide, Alizandra, Jardiene e Valquíria, pelos momentos de encontro como grupo de pesquisa, que acrescentaram ao nosso crescimento acadêmico.

Às professoras Nádia Maria Silveira C. de Melo e Ivoneide Bezerra de Araújo Santos Marques, cujas orientações, emanadas na etapa de qualificação e defesa, contribuíram positivamente para a escrita desta dissertação.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste trabalho.

Com profunda gratidão,
Rosineide Tertulino de Medeiros Guilherme.

RESUMO

A presente pesquisa trata de um estudo acerca da relação entre o letramento religioso e a sociedade, buscando identificar evidências das influências desse letramento nas práticas sociais das integrantes da Organização Mensageiras do Rei, existente desde 1949 e pertencente à Igreja Evangélica Batista da Convenção, trabalhando com meninas de 09 a 16 anos. Nesse sentido, seu objetivo consiste em analisar como se constituem os eventos e as práticas de letramento no ambiente da Organização Mensageiras do Rei, com base nas categorias de Hamilton (2000) em termos de participantes, ambiente/domínio, artefatos e atividades. A pesquisa proposta se insere no campo da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2013) e da Linguística Aplicada Crítica (RAJAGOPALAN, 2003). Quanto à metodologia utilizada, a investigação trilhou a abordagem qualitativa (CHIZZOTTI, 2005; BOGDAN; BIKLEN, 2006; ANDRÉ, 1995; CANÇADO, 1994), com inspiração na vertente etnográfica (ANDRÉ, 1995; CANÇADO, 1994). Em termos de abordagem teórica, a pesquisa se baseia nos postulados dos Estudos de Letramento (KLEIMAN, 2005; BAYNHAM, 1995; OLIVEIRA, 2010), como também nos estudos do Letramento Crítico (FAJARDO, 2015; VASQUEZ, 2016), do Letramento Religioso (COULMAS, 2014; LOPES, 2006; WEBER, 2004; MONTEZANO, 2006), e por fim, do Letramento condutor de leitores/escritores autônomos (MARTINS, 2012; FREIRE, 1989). No trajeto da construção desta pesquisa, encontraram-se apontamentos positivos da influência de um trabalho voltado a uma pedagogia dialógica, gerando agentes reflexivos e escritores autônomos. Outrossim, identificou-se que a dinâmica das atividades realizadas na Organização favorece, através das leituras e debates, o desenvolvimento do senso de equidade e justiça social, ao mesmo tempo que busca orientar a conduta de cada participante, gerando agentes sociais preocupados em seu agir no meio que estão inseridos. Tais resultados tornam relevante esta pesquisa, trazendo a lume ações de um letramento que contribui para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita de suas participantes, demandando saberes de uma prática educativa religiosa e refletindo nas ações sociais.

Palavras-chave: Letramento Religioso. Letramento Crítico. Leitores e Escritores Autônomos.

ABSTRACT

This research deals with a study about the relationship between religious literacy and society, seeking to bring into focus evidence on the influence of this literacy on the social practices of the members of the Messengers of the King Organization, existing since 1949, belonging to the Evangelical Baptist Church of Convention, working with girls from 09 to 16 years. In this sense, its objective is to analyze how the events and practices of literacy in the environment of the King's Messenger Organization are constituted, based on Hamilton (2000) categories in terms of participants, environment / domain, artifacts and activities. The proposed research is in the field of Applied Linguistics (MOITA LOPES, 2013); Critical Applied Linguistics (RAJAGOPALAN, 2003). As for the methodology used, the research followed the qualitative approach (CHIZZOTTI, 2005; BOGDAN; BIKLEN, 2006; ANDRÉ, 1996; CANÇADO, 1994), inspired by the ethnographic aspect (ANDRÉ, 1996; CANÇADO, 1994). In terms of the theoretical approach, the research is based on the postulates of Literacy Studies (KLEIMAN, 2005; BAYNHAM, 1995; OLIVEIRA, 2010), as well as studies of Critical Literacy (FAJARDO, 2015; VASQUEZ, 2016), Religious Literacy (COULMAS, 2014; LOPES, 2006; WEBER, 2004; MONTEZANO, 2006), and finally, Conducting Literacy of freelance readers / writers (MARTINS, 2012; FREIRE, 1989). In the course of the construction of this research, positive notes were found of the influence of a work aimed at a dialogical pedagogy, generating reflective agents and autonomous writers. Furthermore, it was identified that the dynamics of the activities carried out in the Organization favor, through readings and debates, the development of the sense of equity and social justice, while seeking to guide the conduct of each participant, generating social agents concerned with their actions in the middle that are inserted. Such results make this research relevant, highlighting literacy actions that contribute to the development of reading and writing skills of its participants, demanding knowledge of a religious educational practice and reflecting on social actions

Keywords: Religious Literacy. Critical Literacy. Autonomous Readers and Writers.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	– Monograma da Organização Mensageiras do Rei	24
FIGURA 02	– Pacto da Organização Mensageiras do Rei	25
FIGURA 03	– Hino da Organização Mensageiras do Rei	26
FIGURA 04	– Manual com deveres da Presidente da Organização MR	63
FIGURA 05	– Manual com deveres da Diretora de Música da Organização MR	64
FIGURA 06	– Manual com deveres da Secretária da Organização MR	65
FIGURA 07	– Manual com deveres da Líder de sociabilidade da Organização MR.	66
FIGURA 08	– Manual com deveres da Líder de serviço real da Organização MR ...	67
FIGURA 09	– Reunião de Pequeno Grupo Multiplicador	68
FIGURA 10	– Reunião de Pequeno Grupo Multiplicador	69
FIGURA 11	– Fachada da Sede Nacional da União Feminina Missionária Batista Brasileira.....	70
FIGURA 12	– Fachada da Igreja Batista em Angicos/RN	70
FIGURA 13	– Capas de revistas Aventura Missionária.....	72
FIGURA 14	– Sumário de uma das revistas Aventura Missionária	73
FIGURA 15	– Orientações para a realização de um encontro de PGM	76
FIGURA 16	– Texto base para o desenvolvimento de um PGM.....	77
FIGURA 17	– Texto produzido para seção Comportamento da revista Aventura Missionária	82
FIGURA 18	– Texto escrito por ex-mensageira do Rei	90
FIGURA 19	– Texto escrito por ex-mensageira do Rei	93
FIGURA 20	– Texto escrito por ex-mensageira do Rei	96
FIGURA 21	– Texto escrito por ex-mensageira do Rei	98
FIGURA 22	– Texto escrito por Mensageira do Rei da cidade de Angicos	100

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	–	Relação de colaboradores da pesquisa	28
QUADRO 02	–	Elementos constitutivos de eventos e práticas de letramento	34
QUADRO 03	–	Tradições teóricas, objetivos e compreensão do objeto de estudo no Ensino Comunicativo e no Letramento Crítico	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBNR	–	Convenção Batista Norte Riograndense
CEMR	–	Coordenadora Estadual da Organização Mensageiras do Rei
CIEM	–	Centro Integrado de Educação e Missões
CMR	–	Coordenadora da Organização Mensageiras do Rei
EXMR	–	Ex-Mensageira do Rei
LA	–	Linguística Aplicada
MR	–	Mensageira do Rei
MRA	–	Mensageira do Rei Ativa
PGM	–	Pequeno Grupo Multiplicador
PUC	–	Universidade Católica de São Paulo
UFMBA	–	União Feminina Missionária Batista Agreste
UFMBB	–	União Feminina Missionária Batista do Brasil
UFMBL	–	União Feminina Missionária Batista Leste
UFMBN	–	União Feminina Missionária Batista Norte
UFMBO	–	União Feminina Missionária Batista Oeste
UFRN	–	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
USP	–	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
2	PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	19
2.1	INSERÇÃO NO CAMPO DA LINGUÍSTICA APLICADA	19
2.2	PARADIGMA E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	20
2.3	OBJETO DE ESTUDO E OBJETIVOS DE PESQUISA	22
2.4	CENÁRIO DA INVESTIGAÇÃO	22
2.5	COLABORADORES	27
2.6	INSTRUMENTOS DE CONSTITUIÇÃO DOS DADOS	28
2.6.1	A observação: um olhar criterioso	29
2.6.2	Os questionários: uma forma de remir o tempo	30
2.6.3	As entrevistas: uma conversa direcionada	31
2.6.4	Registro de pesquisa: um diário	33
2.7	DADOS DA PESQUISA: O <i>CORPUS</i>	33
2.8	AS CATEGORIAS DE ANÁLISE	34
3	APORTES TEÓRICOS	35
3.1	SITUANDO O FENÔMENO DO LETRAMENTO	35
3.1.1	Eventos e práticas de letramento	40
3.1.2	Elementos constitutivos de eventos e práticas de letramento	41
3.2	LETRAMENTO CRÍTICO	44
3.3	LETRAMENTO RELIGIOSO	50
3.4	O LETRAMENTO CONDUTOR DE LEITORES/ESCRITORES AUTÔNOMOS	58
4	PERFILANDO O LETRAMENTO NA ORGANIZAÇÃO MENSAGEIRAS DO REI	61
4.1	PARTICIPANTES	61
4.2	AMBIENTES/DOMÍNIO	67
4.3	ARTEFATOS	71
4.4	ATIVIDADES	74
5	AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO DA ORGANIZAÇÃO MENSAGEIRAS DO REI – CONSTRUINDO AGENTES REFLEXIVOS	80
6	O EXERCÍCIO DA LEITURA E ESCRITA NA ORGANIZAÇÃO MR – FOMENTANDO ESCRITORES	88
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
	REFERÊNCIAS	105
	APÊNDICES	114

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Havia um livro específico cujo título era “Mordomia, uma tarefa minha”. Esse livro ensina muito sobre a maneira como devemos cuidar não somente dos bens que temos, mas das pessoas que estão à nossa volta, trazendo uma lição muito importante sobre a responsabilidade social.

(EXMR REBECA)

O recorte acima apresenta um modo de viver que moveu nossa curiosidade investigativa. A partir dele, propomo-nos buscar no ambiente da Organização Mensageiras do Rei subsídios que a diagnosticassem como uma agência de letramento, uma vez que age em um determinado contexto e fomenta transformações em suas integrantes por meio da leitura e da escrita. O foco da nossa investigação consiste na relação entre religião e sociedade e nas influências dessa Organização religiosa na formação de leitores e escritores, com o intuito de identificar os impactos causados na vida de cada mensageira do Rei.

A Organização Mensageiras do Rei é uma organização religiosa que há 70 anos atua no Brasil (1949-2019). Tem raízes protestantes, direcionando-se a um público feminino, com idade de 9 a 16 anos, funcionando, geralmente, no interior de alguma Igreja Batista da Convenção.

O nosso interesse pelo letramento no âmbito da referida organização surgiu a partir da nossa experiência como coordenadora na entidade, unindo-se aos conhecimentos que fomos adquirindo acerca dos letramentos quando cursávamos a disciplina *Estudos de Letramento* no mestrado em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). À medida que nos inserimos nas discussões da área, fomos enxergando a possibilidade de encontrar os elementos de Hamilton (2000) nesse ambiente, classificando-o como uma *agência de letramento*, ao mesmo tempo que intencionávamos refletir acerca da sua atuação, capaz de fomentar ações transformadoras na vida de suas agentes.

Assim, pouco a pouco, traço a traço, a nossa pesquisa foi sendo desenhada, os dados sendo gerados e as ações, observadas. As leituras e escritas realizadas pelas colaboradoras, suas falas, o cenário, as leituras das referências e as imagens constituíram práticas de grande importância para a concretização deste trabalho. Nesse percurso investigativo, visualizamos que o *letramento religioso* constitui um tripé que envolve religião, educação e sociedade.

Observamos que as práticas de leitura e escrita estão presentes nas atividades diárias da organização pesquisada. Durante os dez anos de atuação nesse domínio religioso, tivemos e temos a oportunidade de conviver com essas práticas, desenvolvendo-as igualmente. Esse período de experiência contribuiu, também, para a pesquisa em questão, “portas abertas”, ou seja, possibilitou maior fluidez na construção dos dados e naturalidade na interação com as colaboradoras.

Ao longo desse tempo, tivemos que nos despir do papel de coordenadora para assumir o lugar de pesquisadora. Refletimos, assim, a respeito das leituras e escritas ali desenvolvidas, observando suas falas, como as integrantes interagem com a leitura e entre elas mesmas e as demais atividades ali desenvolvidas.

Partindo das nossas observações preliminares sobre as atividades letradas desempenhadas nesse contexto religioso e as inquietações que surgiram a partir de algumas leituras de artigos publicados na revista *Aventura Missionária*, que traziam algumas entrevistas com ex-mensageiras de diversos estados, dentre as quais duas se tornaram nossas colaboradoras, sobre a importância da organização no viver de cada uma, elegemos a seguinte questão de pesquisa:

Como se constituem os eventos de letramento no ambiente da Organização Mensageiras do Rei?

Sob a perspectiva dessa questão, o objetivo mais amplo da nossa pesquisa consiste em analisar os eventos de letramento realizados na Organização Mensageiras do Rei. Em termos específicos, formulamos como objetivos: a) descrever os eventos e as práticas de letramento promovidos pela Organização Mensageiras do Rei; b) investigar como os eventos de letramento da Organização Mensageiras do Rei dialogam com as práticas sociais das suas integrantes; c) identificar os impactos dos letramentos da organização, no exercício da leitura e escrita, na vida da mensageira do Rei.

Diante do exposto, procuramos, à luz dos Estudos de Letramento, mais precisamente com base nas categorias propostas por Hamilton (2000), analisar os eventos de letramento a partir dos seguintes elementos: participantes, ambiente/domínio, artefatos e atividades. Para tanto, iniciamos um longo percurso de leituras, pesquisas e aplicação de questionários junto a colaboradoras, constituindo-se, cada uma dessas ações, peças de grande relevância para a concretização do nosso trabalho.

Nesse período, na fase em que foram sendo desenhados os traços desta dissertação, observamos a existência de poucos trabalhos que abordam o tema *letramento religioso*. Podemos destacar alguns, como o de Lage (2013), intitulado “Letramento religioso e cultura

escrita: as Clarissas em Portugal e no Brasil (século XVIII)”, que estabelece um diálogo entre o *letramento religioso* e a cultura escrita, na busca de compreender a produção e a utilização de livros devocionais pelas mulheres que seguiam a regra de *Santa Clara* em Portugal e no Brasil no século XVIII.

Outro trabalho que destacamos é o de Leite (2013), que implementa discussões com o intuito de identificar as contribuições da religião para os processos de ensino-aprendizagem, com ênfase no letramento. A pesquisa foi desenvolvida por meio de observações em sala de aula e eventos de uma escola confessional, com crianças na faixa dos dez anos de idade.

Podemos também ressaltar uma pesquisa desenvolvida por Dantas (2012), apresentando o letramento na esfera religiosa, ao mesmo tempo que contextualiza a influência que a família tem na formação dos seminaristas, colaboradores da pesquisa. Ainda, observa o papel do grupo de jovens na formação pessoal destes, bem como no fortalecimento do sentimento de autoestima produzido pela relação de confiança e pela delegação de responsabilidades, existentes na organização.

Evidenciamos também os trabalhos de Almeida (2009), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), intitulado “Leitura e escrita como prática religiosa: um estudo de caso sobre crianças e adultos pertencentes à Igreja Metodista”, e de Montezano (2006), da Universidade de São Paulo (USP), intitulado “Cultura religiosa protestante e rendimento escolar nas camadas populares: um estudo sobre práticas socializadoras”. Ambos abordam a importância do letramento desenvolvido pelas igrejas protestantes. As leituras desses dois estudos constituíram-se artefatos que forneceram significativas contribuições à pesquisa em questão.

Diante do exposto, esperamos que a presente investigação possa contribuir no sentido de preencher lacunas, ainda existentes, no que diz respeito ao domínio do *letramento religioso*, uma vez que identificamos a parca presença de trabalhos acadêmicos nessa área, apesar das muitas contribuições que as instituições religiosas, em específico, as cristãs evangélicas, como agência de letramento, têm ofertado à sociedade. A esse respeito, podemos citar o que menciona Almeida (2009, p. 9), ao observar que alunos oriundos de famílias com baixo capital escolar, mas que eram assíduos frequentadores, desde tenra idade, de instituições religiosas apresentam-se como exímios leitores.

Acrescenta-se como relevante o fato de este trabalho trazer contribuições tanto no âmbito religioso quanto no dos estudos da linguagem, especialmente para os que se inserem no campo da Linguística Aplicada.

Em termos metodológicos, optamos por fazer o percurso da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, uma vez que entendemos que, para chegarmos aos dados que responderiam às indagações da nossa pesquisa, seria necessário nos aprofundarmos no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 1994). Além disso, precisaríamos lançar mão de procedimentos que tradicionalmente são associados à etnografia.

Quanto à estrutura organizacional, a presente dissertação contempla sete capítulos, antecedidos pelas respectivas *Considerações iniciais*. Esta apresenta o percurso da nossa investigação, as questões norteadoras, os objetivos e ainda o trajeto metodológico adotado.

No segundo capítulo, intitulado *Pressupostos metodológicos*, ilustramos o universo em que se enquadra a nossa pesquisa, sua filiação à Linguística Aplicada. Na sequência, detalhamos os seguintes itens: a abordagem e a natureza da pesquisa; o objeto de estudo e os objetivos de pesquisa; o cenário de investigação; os colaboradores; os instrumentos de constituição de dados; os dados da pesquisa: o *corpus*; e as categorias de análise.

No terceiro capítulo, estão expostos os aportes teóricos que fundamentam o nosso trabalho. Inicialmente, situamos o fenômeno do letramento, apresentando-o como *ideológico, múltiplo, dêitico e crítico* (OLIVEIRA, 2010). Incluímos também, nesse capítulo, um tópico alusivo aos eventos e às práticas de letramento, com foco nas categorias propostas por Hamilton (2000), as quais compreendem os participantes, o ambiente/domínio, os artefatos e as atividades. Em seguida, trazemos à baila as discussões sobre o letramento crítico, fazendo uma abordagem histórica das suas raízes, por meio dos vários trabalhos realizados nessa área e dos diversos teóricos, com destaque para o brasileiro Paulo Freire. Mais adiante, discorreremos acerca do *letramento religioso*, tratando da sua relevância e expondo também uma abordagem histórica, mediante as grandes contribuições de Weber (2004), com sua obra *Ética protestante e o espírito capitalista*. Por último, versamos a respeito do letramento condutor de leitores/escritores autônomos, refletindo sobre a importância de trabalhar a leitura, a fim de formar leitores/escritores que sejam capazes de expressar seus pensamentos e agir no mundo.

No quarto capítulo, intitulado *Perfilando o letramento na Organização Mensageiras do Rei*, apresentamos a descrição dos participantes, os ambientes, os artefatos e as atividades da organização pesquisada, de acordo com os conceitos apontados nas categorias de Hamilton (2000).

No quinto capítulo, defendemos o *letramento religioso* como um *aporte que dialoga com as práticas sociais* dos que dele fazem uso. Nesse tópico, procuramos estabelecer uma interface entre as ações vivenciadas no ambiente pesquisado e as categorias de Hamilton.

Pautamos nossas análises à luz das as teorias dos Estudos do Letramento, presentes no terceiro capítulo.

No sexto capítulo, apresentamos produções textuais de messageiras. Através desses artefatos, enxergamos o reflexo do envolvimento dessas escritoras com a leitura e com o conhecimento, constituindo-se leitoras e escritoras autônomas, as quais elaboram produções textuais que refletem sua identidade e a esfera da comunidade discursiva a que pertencem.

No âmbito das considerações finais, evidenciamos os achados da pesquisa, procurando retomar a questão de pesquisa e os objetivos formulados para o desenvolvimento da investigação. Na sequência, apresentamos as referências utilizadas no decorrer da presente dissertação, seguidas dos respectivos apêndices do trabalho.

2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Neste segundo capítulo, expomos o percurso metodológico da pesquisa. A princípio, contextualizamos a investigação no campo da Linguística Aplicada, bem como a inserimos na perspectiva da abordagem de dados qualitativa. Em seguida, focalizamos o seu objeto de estudo e os objetivos propostos. Incluem-se ainda, neste capítulo, o cenário da investigação, os colaboradores e os instrumentos utilizados na construção dos dados. Por fim, trataremos acerca do *corpus* e das categorias que elegemos para efetivar as análises propostas.

2.1 Inserção no campo da Linguística Aplicada

A nossa pesquisa se insere no campo da ciência social denominada Linguística Aplicada (doravante, LA), uma vez que ela se volta para a questão da linguagem em uso social. A LA surgiu no período da Segunda Guerra, por existir uma necessidade de se estabelecer uma comunicação rápida e eficaz entre falantes de diferentes línguas, ou seja, a urgência de atualizações no campo do ensino e do aprendizado de línguas estrangeiras. Aos poucos, ela vem firmando seus alicerces epistemológicos, encontrando-se, ainda, em pleno processo de desenvolvimento. Muitas mudanças já ocorreram no seu escopo de atuação, o qual antes era limitado ao contexto escolar e, hoje, possui um novo paradigma, ampliando seu campo de investigação, como afirma Moita Lopes (2013, p. 17):

[...] a outra grande virada na LA ocorre quando, abandonando a restrição de operar somente em investigação em contextos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras (notadamente, inglês, embora ainda preponderante) e tradução, o campo começa a pesquisar contextos de ensino e aprendizagem de língua materna, no campo dos letramentos, e de outras disciplinas do currículo, e em outros contextos institucionais (mídia, empresa, delegacia de polícia, clínica médica etc.).

Sob esse viés, Moita Lopes (2013) explica que tais transformações se tornaram perceptíveis no Brasil a partir dos anos 1990. Nesses termos, a linguagem passa a ser vista como um instrumento de construção do conhecimento e da vida social. Os estudos da LA passaram a atuar para além da sala de aula, agora em um cenário em que os atores sociais em sua heterogeneidade, fluidez e mutações, agindo por meio da linguagem, são protagonistas. Os

estudos partem da abstração do conhecimento linguístico para a sua aplicação em situações reais de uso da linguagem.

Desse modo, a LA com o seu caráter indisciplinar, sendo uma área mestiça e nômade (MOITA LOPES, 2013), dialoga com várias disciplinas, espalhando-se em vários contextos, a fim de construir um entendimento a respeito das ações sociais em que a linguagem tem o papel de grande relevância.

Em consonância com a LA, nossa pesquisa se efetiva buscando estabelecer diálogo entre diversas disciplinas, como Pedagogia, Sociologia e Teologia, na perspectiva de compreendermos os letramentos habitualmente realizados pelas meninas que integram a Organização Mensageiras do Rei. Isso posto, podemos citar o que estabelece Rajagopalan (2003, p. 76), ao ressaltar que “pensar em Linguística Aplicada nada mais é do que pensar a linguagem no âmbito da vida cotidiana que nós estamos levando”.

À medida que avançamos em nosso estudo, encontramos a existência de uma relação deste com a Linguística Aplicada Crítica (RAJAGOPALAN, 2003), que é motivada pelos critérios da aplicabilidade, na busca de mudanças sociais. Os sujeitos pertencentes ao contexto pesquisado se utilizam da linguagem (escrita ou oral) para construir significados, são agentes catalisadores das mudanças sociais e intentam participar do processo de construção social, agindo no mundo, transmitindo seus conhecimentos, refletindo sobre si e o outro e, assim, abarcando “o social e a si mesmo” (MOITA LOPES, 2002, p. 31).

2.2 Paradigma e procedimentos da pesquisa

A pesquisa proposta se insere no paradigma de investigação de natureza qualitativa. Este, segundo André (1995), se configura pela não existência de manipulação de variáveis nem de tratamento experimental, interessando-se pelo estudo do fenômeno em seu acontecer natural. Em outras palavras, o acontecer das ações, o uso da linguagem, o contexto, as ideias dos investigados acerca dos fatos não devem ficar para além do olhar do pesquisador qualitativo que, por vezes, adotará uma conduta participante, frequentando o contexto de estudo e indo em busca de compreender a “significação social que [os atores] atribuem ao mundo que o circunda e aos atos que realizam” (CHIZZOTTI, 2005, p. 82).

Em conformidade com esse entendimento, a nossa investigação foi conduzida de modo a não apenas adentrarmos o ambiente pesquisado, mas também observarmos o transcorrer dos fatos, buscando compreender e atribuir sentidos às práticas observadas, como também analisar

o dizer de cada participante da organização em estudo acerca de seus fazeres e o que pensam a respeito deles.

Ao discorrerem sobre a pesquisa de natureza qualitativa, Bogdan e Biklen (2006) ressaltam que os dados desse tipo investigação, no seio da situação, têm no investigador o instrumento principal. Nessa perspectiva, é por meio do seu contato direto com os sujeitos pesquisados em seu ambiente, vivenciando suas práticas, que conseguirá obter as respostas para seus questionamentos.

Desse modo, utilizamos uma abordagem qualitativa do tipo etnográfico, visto que tivemos como foco estudar o comportamento do grupo que forma a Organização Mensageiras do Rei. Para tanto, fizemos uso das técnicas que tradicionalmente são associadas à etnografia, ou seja, a observação participante, a entrevista e a análise de documentos. Acerca da observação, André (1995) explica que essa técnica é, por vezes, chamada de participante, uma vez que o pesquisador não será um mero observador, mas estará imerso no cotidiano dos sujeitos pesquisados, a fim de entender as representações que estes têm sobre suas experiências e fatos vivenciados.

A autora ainda comenta que a técnica de entrevista ajudará o pesquisador a esclarecer questões e problemas. Assim, será possível colher informações baseadas no discurso, gestos e olhares dos sujeitos, razão pela qual o estudioso deverá se despojar dos seus conceitos para, a partir disso, construir novo entendimento.

A fase de análise dos documentos, destacada por André (1995), consistiu, em nossa pesquisa, uma etapa muito importante, uma vez que nos possibilitou fazermos uso de instrumentos que os sujeitos pesquisados utilizam em seu ambiente ou que são produzidos por eles, comparando, analisando as suas vozes e sua posição ideológica e social e ajudando a ampliar o conhecimento.

Cançado (1994, p. 56) comenta que a etnografia é guiada por dois princípios básicos: o êmico e o holístico. O primeiro mostra a necessidade de o observador despir-se de “visões pré-estabelecidas, padrões de medição, modelos, esquemas e tipologias”, considerando o contexto, como os fatos se realizam no seu dia a dia. No tocante ao *holístico*, deve-se examinar o contexto como um todo, pois qualquer aspecto possui “relevância para a análise da interação; tanto os aspectos sociais, como as pessoas, os físicos etc.” (CANÇADO, 1994, p. 56).

É na harmonia desses dois princípios que construímos nossa pesquisa – observando e levando em consideração todo o contexto, como peças fundamentais para a construção do nosso entendimento, e formulando respostas para as indagações da nossa investigação.

Desse modo, ratificamos e justificamos a ideia de que nossa pesquisa adotou o paradigma qualitativo e o procedimento etnográfico, uma vez que nos propomos a analisar as práticas de letramento observáveis de um determinado grupo, em seu ambiente natural, mais precisamente no domínio da Organização Mensageiras do Rei. Para tanto, priorizamos o ambiente desses sujeitos, suas falas, a utilização de seus artefatos materiais e sua importância em suas práticas sociais.

2.3 Objeto de estudo e objetivos de pesquisa

O presente estudo se ocupa das práticas de letramento desenvolvidas na esfera religiosa, mais precisamente na Organização Mensageiras do Rei, pertencente à Igreja Batista da Convenção. Nessa perspectiva, foram observadas as atividades de leitura e de escrita desenvolvidas pelas Mensageiras do Rei que atuam e atuaram nesse ambiente, a fim de responder a seguinte questão de pesquisa, que norteou nosso trabalho:

✓ *Como se constituem os eventos de letramento no ambiente da Organização Mensageiras do Rei?*

Para responder essa questão, traçamos os seguintes objetivos:

Geral: analisar as práticas de letramento realizadas durante as atividades religiosas nas reuniões da Organização Mensageiras do Rei, intentando descrever os benefícios gerados na vida das meninas que fazem uso das leituras ali desenvolvidas.

Específicos:

- 1) descrever os eventos e as práticas de letramento promovidos pela Organização Mensageiras do Rei;
- 2) investigar como os eventos de letramento da Organização Mensageiras do Rei dialogam com as práticas sociais das suas integrantes;
- 3) identificar os impactos dos letramentos da organização, no exercício da leitura e escrita, na vida da mensageira do Rei.

2.4 Cenário da investigação

A Organização Mensageiras do Rei, fundada em 1949, pela missionária americana Minnie Lou Lanier, tem ênfase na pregação dos ensinamentos da palavra de Deus. Contudo, ela não deixa de lado questões sociais, trabalhando assuntos relacionados ao contexto de suas

sócias, como relacionamentos familiares e escolares, na perspectiva de prepará-las para o agir em sociedade, trabalhando seu caráter e alargando sua visão de mundo.

Inicialmente, o trabalho começou no estado do Rio de Janeiro, onde foram desenvolvidas as primeiras sociedades: na Igreja Batista de Itacuruçá, na Igreja Batista da Tijuca e outra no colégio Batista (MANUAL DA ORGANIZAÇÃO MENSAGEIRAS DO REI, 2004). Hoje, possui representatividade em todos os estados do Brasil, tendo líderes que são hierarquicamente subordinadas às presidentes estaduais da União Feminina Batista de cada estado brasileiro. Todas elas, por conseguinte, são subordinadas à presidente nacional, localizada no Rio de Janeiro.

No Rio Grande do Norte, a União Feminina se divide em cinco eixos: 1) União Feminina Missionária Batista Agreste (UFMBA); 2) União Feminina Missionária Batista Leste (UFMBL); 3) União Feminina Missionária Batista Norte (UFBMN); 4) União Feminina Missionária Batista Seridó (UFBMS); e 5) União Feminina Missionária Batista Oeste (UFMBO). Cada eixo é coordenado por líderes regionais, subordinadas à presidente estadual. Conseqüentemente, cada Organização Mensageiras do Rei pertence à União Feminina Missionária Batista (UFMB), de acordo com a região onde está localizada, possuindo, cada uma, sua coordenadora/Conselheiras.

A coordenação estadual, por sua vez, subordina-se à coordenação nacional, com sede no Rio de Janeiro, hoje, representada por Raquel Brum Zarnotti dos Santos, formada em comunicação social com habilitação em jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas e graduada em Missiologia pelo Centro Integrado de Educação e Missões (CIEM) (JORNAL BATISTA, 2017).

O cenário em que desenvolvemos a maior parte da nossa investigação (observações e entrevistas) foi na organização pertencente à Igreja Batista em Angicos/RN, situada à rua João Alexandre, S/N, Centro, em Angicos, cidade que fica localizada na região central, no interior do Rio Grande do Norte.

Para conhecermos melhor o ambiente pesquisado, entendemos ser necessário começarmos esclarecendo o significado do próprio nome. Mensageira do Rei significa aquela que leva a mensagem do grande Rei, Jesus Cristo. A organização possui uma logomarca (Figura 1). A estrela branca representa a própria mensageira, que deve se esforçar para conduzir suas atitudes e pensamentos, convergindo com os ensinamentos cristãos. As cinco pontas da estrela representam os cinco ideais da organização (os quais descreveremos mais adiante), que a mensageira é desafiada a praticar em sua vida. Praticando esses ideais, ela cresce espiritualmente, através do conhecimento de Cristo e das escrituras sagradas. Esse crescimento

cristão é representado pelo contorno verde da estrela. O traço amarelo representa a luz de Cristo, que a mensageira é desafiada a refletir no mundo, representado pelos traços verdes, ao lado. O monograma/sigla MR significa a Mensageira do Rei, mensageira real e mensagem real de Cristo, lembrando as etapas que passam para serem graduadas.

FIGURA 01 - Monograma da Organização Mensageiras do Rei



Fonte: http://ufmabb.org.br/mr/?page_id=87

A Organização Mensageiras do Rei também possui uma divisa “levanta e resplandece, pois já vem a tua luz” (ISAÍAS 60.1a), que consiste em um convite às meninas a terem boas ações que resplandeçam, brilhem e reflitam o caráter cristão. Além disso, tem cinco ideais, os quais são: 1) *viverei em Cristo pela oração*; 2) *crescerei em sabedoria pelo estudo da Bíblia*; 3) *reconhecerei a minha mordomia*; 4) *enfeitar-me-ei com boas obras*; e 5) *reconhecerei a responsabilidade da grande comissão*. Observamos que esses ideais são atitudes pretensas, representadas pelo verbo no futuro do presente do indicativo, levando-nos a entender que se espera que essas ações sejam realizadas após o discurso, bem como sejam vivenciadas, apresentando-se como compromissos que devem ser assumidos.

A organização possui um manual em que relata a sua história, apresenta a sua proposta de trabalho e orienta a sua realização. Norteia também na constituição de uma diretoria, que deve ser formada, por meio de votação, entre as mensageiras e por elas constituída. Encontra-se também, nesse manual, o pacto, que deve ser sempre lido em seus encontros, juntamente com os ideais e o hino. O pacto que as sócias da organização devem estabelecer constitui, para estas, uma promessa, uma aliança, um contrato (Figura 2).

FIGURA 2 - PACTO DA ORGANIZAÇÃO MENSAGEIRAS DO REI

Na figura acima, encontramos textualizado o compromisso a ser assumido pelas integrantes da organização. Ele demonstra uma preocupação com o próximo, mas, ao mesmo tempo, consigo mesma, ao cuidar de sua mente, seu corpo, suas ações, trabalhando o seu caráter e a sua personalidade, para que essa menina possa crescer saudável emocional, espiritual e fisicamente.

Ainda podemos ressaltar o hino oficial, que é sempre cantado durante os encontros. Composto por cinco estrofes, inicia-se sempre com um incentivo a uma ação diante do mundo que as cerca (Figura 3).

FIGURA 3 - Hino da Organização Mensageiras do Rei

Manual da Organização MR

NÓS TEMOS TAMBÉM UM HINO OFICIAL, QUE SE INTITULA "CONTAREMOS A HISTÓRIA". NÃO FIQUE AÍ SÓ LENDO. APRENDA A MÚSICA E CANTE CONOSCO.

Contaremos a História

1. Às nações contaremos a história, que é capaz de livrá-las do mal; revela a verdade e a vida e dá uma paz real. (bis)
2. Às nações cantaremos um hino, pra atrair corações ao Senhor; dissipa a tristeza e a mágoa, difunde no mundo amor. (bis)
3. Às nações mostraremos o Cristo, pois só Ele conduz para os céus; que assim por Jesus todos venham humildes servir a Deus. (bis)
4. Às nações pregaremos a nova, que Jesus outra vez há de vir; e salva por fé todo aquele que sua palavra ouvir. (bis)

*Raiará novo dia de glória,
quando Cristo Jesus retomar,
e as nações pelo mundo inteiro
diante dele vão se curvar.*

FONTE: <http://ufmbb.org.br/mr/>

No hino, encontramos uma chamada a todas as meninas para contarem uma *história* às nações, que revela a verdade e a vida, trazendo a paz verdadeira. Essa história refere-se às boas novas do evangelho, sobre o grande amor do Criador por toda a humanidade. O hino ressalta que essa história leva uma mensagem que difunde o amor no mundo, dissipando toda tristeza e ressentimentos.

Além de todos esses artefatos, o trabalho conta com diversos textos e literaturas, como a revista trimestral *Aventura Missionária*, que traz em seu arcabouço temas como comportamento, valores, orientação profissional, passatempo, clube do livro real e orientações, além de outros assuntos. Apresenta ainda a programação para o *serviço real*, que compreende tudo aquilo que as mensageiras podem fazer em benefício de alguém por amor ao Rei, que pode ser ajudar idosos, crianças, famílias carentes, enlutados, isto é, caracteriza-se como um campo vasto de atuação.

Contam ainda com a revista das etapas, intitulada *Aventura Real* (1, 2, 3 e 4). Cada edição corresponde a um nível vivenciado pelas postulantes até o seu efetivo ingresso e permanência na organização, cuja idade limite é de 16 anos. Ou seja, elas iniciam como *candidatas*, depois passam a ser *mensageiras*, em seguida, *mensageira real* e, então, *mensageira real em ação*, para, por fim, serem diplomadas (em nossas análises, apresentaremos mais um pouco desse importante artefato).

2.5 Colaboradores

Para que nossa pesquisa se realizasse, contamos com a colaboração de 18 participantes. Elas se dividiam como: 1 coordenadora estadual, 5 coordenadoras locais, 5 ex-mensageiras e 7 mensageiras atuantes. Essas colaboradoras residem em diferentes estados brasileiros. Optamos por desenvolver nossa pesquisa com agentes de diversos estados, com vistas a focalizar a abrangência do trabalho da organização, mas dando ênfase à organização local. Sendo assim, dentre essas coordenadoras que participaram da pesquisa, 1 reside no Amazonas, 1 no Espírito Santo, 2 na Bahia e 2 do Rio Grande do Norte. No que diz respeito às ex-mensageiras, contamos com a participação de 1 residente no Rio Grande do Sul, 1 na Bahia, 1 no Rio de Janeiro e 2 no Rio Grande do Norte. Quanto às mensageiras ativas, tivemos 1 do Amazonas, 1 do Ceará e as demais do Rio Grande do Norte.

Com o intuito de preservarmos a identidade de cada colaboradora, optamos por referenciá-las por meio de nomes fictícios. Sendo assim, apresentamos, no quadro a seguir, a relação das colaboradoras, distribuídas em conformidade com as suas respectivas funções na organização, identificadas pelos códigos CEMR (Coordenadora Estadual das Mensageiras do Rei), CMR (Coordenadora das Mensageiras do Rei), EXMR (Ex-Mensageiras do Rei) e MRA (Mensageira do Rei Ativa).

QUADRO 1 – RELAÇÃO DE COLABORADORES DA PESQUISA

COORDENADORA ESTADUAL DAS MENSAGEIRAS DO REI – (CEMR)	• Maria
COORDENADORA DAS MENSAGEIRAS DO REI – (CMR)	• Lia, Rute, Isabel, Raquel e Tamara
EX-MENSAGEIRAS DO REI (EXMR)	• Sarah, Débora, Noemi, Rebeca, Quéren-Hapuque
MENSAGEIRAS DO REI ATIVAS (MRA)	• Abigail, Talita, Eunice, Jemina, Priscila, Salomé, Késia e Ester

FONTE: ACERVO DA PESQUISA

No primeiro e segundo grupo, que concernem às coordenadoras, temos participantes que se inserem numa faixa etária de 21 a 52 anos. Destas, 3 são graduadas em Pedagogia, 2, em Teologia e 1 é graduanda em Pedagogia. Vale ressaltar que a maioria dessas colaboradoras começou na Organização como mensageira e depois passou a atuar como coordenadora.

No segundo grupo, contamos com as ex-mensageiras, as quais se enquadram numa faixa etária que varia de 21 a 39 anos. Em termos de formação acadêmica, 1 possui pós-graduação na área de Direito, 1 é graduada em Psicologia, 1 é graduanda em Pedagogia, 1 possui graduação em Teologia e outra é graduanda em Administração.

Por último, temos o quadro das mensageiras ativas. Estas, por sua vez, situam-se numa faixa etária que varia de 11 a 15 anos. Em termos de instrução, 6 estão cursando o Ensino Fundamental e 2 cursam o 1º ano do Ensino Médio.

2.6 Instrumentos de constituição dos dados

Entendemos que o pesquisador qualitativo, no seu fazer científico, apoia-se em técnicas e métodos para a constituição do seu *corpus*, considerando relevante a participação do sujeito pesquisado e o seu comportamento no seu contexto social. A esse respeito, Erickson (1981 *apud* CANÇADO, 1994, p. 56) aponta duas técnicas: as *do olhar* e a *do perguntar*. Segundo ele, as

primeiras consistem em um variado número de técnicas existentes, como a observação, por exemplo. Quanto ao perguntar, refere-se à utilização de questionários, entrevistas, diários de pesquisa, dentre outros.

Compartilhando o uso dessas duas técnicas, desenvolvemos nossa pesquisa mediante o emprego da observação participante, de questionários, de entrevistas e de diário de pesquisa, construído a partir do que podemos perceber no decurso das observações efetivadas. Sobre esses instrumentos, discorreremos mais significativamente a seguir.

2.6.1 A observação: um olhar criterioso

A observação constituiu uma das fases da nossa pesquisa. Consideramos essa etapa de suma importância, pois observar os detalhes que constituem o ambiente dessa organização – as pessoas, suas falas, sua forma de agir, o próprio lugar – teve grande relevância. Lüdke e André (1986, p. 26) apresentam como o principal instrumento de investigação, uma vez que permite ao pesquisador “chegar mais perto da perspectiva dos sujeitos”. É durante esse procedimento, *in loco*, que será possível ao investigador acompanhar as experiências diárias dos sujeitos colaboradores.

Ao utilizar esse método, o pesquisador deve ter o cuidado de não se tornar um intruso, provocando alterações no ambiente ou até mesmo no comportamento de seus atores sociais e ocasionando uma distorção da realidade.

Consideramos que o percurso que trilhamos foi sinalizado com marcas de confiabilidade, uma vez que já atuávamos no contexto pesquisado, ou seja, já tínhamos familiaridade com as pessoas observadas, o que viabilizou uma observação natural. Atuamos como líder da organização observada há mais de 8 anos, assim, à medida que íamos agindo nos trabalhos, ativávamos o olhar sempre atento de pesquisador, seja nas conversas corriqueiras, seja nos estudos, seja nas ações sociais, seja nas visitas a pessoas da comunidade. Nestes últimos momentos, elas compartilhavam o que aprendiam na organização com atitudes e palavras.

O período de observação ocorreu a partir do mês de março de 2017, mas nosso trabalho se intensificou no segundo semestre do mesmo ano, ocasião em que cursávamos a disciplina de *Tópicos de Metodologia da Pesquisa em Linguística Aplicada*, momento em que, sob a orientação das professoras Ana Maria de Oliveira Paz e Maria do Socorro Oliveira, foi firmado o nosso objeto de pesquisa, focando nas práticas de leituras da Organização Mensageiras do Rei e dialogando com o exercício de leitura e escrita na vida de cada mensageira e sendo, aquela,

instrumento gerador de mudanças em suas atitudes, em diversas áreas de seu viver. A partir daí, iríamos catalisar fatos que comprovassem essa ideia. Para tanto, observamos ações, falas, escritos, revistas, livros, sempre com o cuidado de não criarmos uma visão parcial e tendenciosa acerca do fenômeno pesquisado.

Três tipos de observação foram usados: a *participante natural*, que consistiu na participação ativa da pesquisadora, que ao mesmo tempo também exercia atividade de líder, como mencionado acima; a *assistemática*, haja vista que os acontecimentos foram ocorrendo sem serem previstos, apesar de anuirmos com a ideia de que uma observação não é totalmente casual, pois o observador sempre sabe o que extrair dela; e a *observação na vida real*, pois realizamos a pesquisa no contexto onde os acontecimentos transcorreram (LAKATOS; MARCONI, 2003).

2.6.2 Os questionários: uma forma de remir o tempo

O uso do instrumento *questionário* é muito recorrente no campo da pesquisa qualitativa. Moreira e Caleffe (2006) apresentam quatro vantagens de um pesquisador utilizar a técnica de questionários. Segundo eles, esse instrumento é um meio de usar eficientemente o tempo, uma vez que conseguirá atingir uma quantidade maior de pessoas. Outra vantagem repousa na questão do anonimato dos colaboradores. Corrobora, ainda, a possibilidade de uma alta taxa de retorno, como também a padronização das perguntas.

Aliado às proposições acima, Richardson (2009) reforça a ideia da importância da aplicação do questionário, comentando que as informações obtidas por meio deste permitirão pelo menos realizar duas funções: “descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social” (RICHARDSON, 2009, p. 189). Nessa perspectiva, permite um conhecer mais detalhado a respeito das características de um indivíduo ou grupo (idade, sexo, estado civil, nível de escolaridade etc.) e, também, de fenômenos atitudinais. Busca-se apreender, ainda, as “opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (GIL, 1999, p. 128).

As questões que compõem o questionário podem ser fechadas, abertas ou uma combinação de ambas. Para a geração do *corpus* da nossa investigação, fizemos uso de questões abertas, no intuito de deixar os colaboradores livres para responderem da maneira mais apropriada e apresentarem suas impressões sobre o assunto abordado.

Optamos por itens breves, uma quantidade razoável de no máximo 11 questões, intencionando que fossem fáceis de compreender, para que se tornassem atrativas (Apêndices)

para responderem. O referido questionário engloba três dimensões: identificação, atuação organizacional e práticas de letramento. Nesta última dimensão, utilizamos “perguntas de ação, que se referem a atitudes ou decisões tomadas pelo indivíduo e perguntas de/ou sobre intenção, que tentam averiguar o procedimento do indivíduo em determinadas circunstâncias” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 208-209).

Encaminhamos todos os questionários via e-mail, pois objetivávamos conseguir atingir um maior número possível de colaboradores, de diferentes lugares, em um curto prazo. Fizemos uma busca via internet das igrejas que faziam o trabalho das MRs. Na maioria, entramos em contato com a igreja, por telefone, explicamos o nosso trabalho e, em seguida, elas forneceram os contatos de *Whatsapp* e *Messenger* dos sujeitos da pesquisa, assim como seus e-mails, posteriormente. Todas se mostraram bem receptivas a colaborar, mas ainda tivemos, apesar de pequeno o quantitativo, um número de questionários que não obtivemos o retorno.

Intencionávamos conseguir colaboradores de todas as regiões do Brasil, para mostrar a abrangência do trabalho da Organização Mensageiras do Rei. Desse modo, encaminhamos questionários para algumas organizações nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Ceará, Recife, Bahia, Rio Grande do Sul, Manaus e Rio Grande do Norte. Obtivemos retorno das colaboradoras dos oito últimos estados citados.

Formulamos dois tipos de questionários. O primeiro foi aplicado com as líderes da organização, contendo 11 questões. O segundo foi aplicado com as messageiras ativas e ex-messageiras do Rei, com 10 questões. A aplicação do referido instrumental foi sempre munida de esclarecimentos acerca da seriedade da pesquisa e da importância da participação de cada uma no processo de geração de dados.

2.6.3 As entrevistas: uma conversa direcionada

Na geração de dados de uma pesquisa social, dentre tantos instrumentos de que o pesquisador lança mão, a entrevista constitui mais um diapasão¹, que vem auxiliar na afinação da construção da melodia de informações, ajudando a escrever os arranjos da pesquisa, com o auxílio de instrumentos, vozes e músicos.

Para Marconi e Lakatos (2003, p. 195-196), a entrevista tem sido considerada como “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de

¹ Diapasão é um instrumento metálico em forma de forquilha, que serve para afinar instrumentos e vozes através da vibração de um som musical de determinada altura. Foi inventado por John Shore (1662–1752). Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Diapas%C3%A3o>>.

determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. É nessa conversa que o pesquisador, atendo-se a todo o contexto que envolve aquele momento, buscará obter as informações para sanar as inquietações que o levaram a desenvolver a pesquisa.

Szymanski (2002) nos lembra que, ao utilizarmos esse instrumento na geração dos nossos dados, não podemos esquecer que, onde existem relações humanas, há o *entrelaçamento das emoções*. Nessa perspectiva, apresenta-nos algumas questões recorrentes em uma situação de entrevista, como

[...] a relação de poder e desigualdade entre o entrevistador e o entrevistado, a construção do significado por parte tanto de quem é entrevistado como de quem entrevista, no jogo de emoções e sentimentos que permanecem como pano de fundo durante todo o processo (SZYMANSKI, 2002, p. 12).

Essa técnica de gerar dados face a face é indubitavelmente uma situação de interação, em que o pesquisador deve se ater a todos os aspectos acima citados, para que não venha a construir dados inverídicos. Em nosso processo de entrevista, tivemos o cuidado de buscar instaurar uma confiança no pesquisado, para que esse realmente fosse um colaborador, sentindo-se importante e capaz de fornecer informações, externando suas impressões e reflexões acerca do contexto vivenciado e de si mesmo e, assim, cooperando para que construíssemos os dados do trabalho.

Comprendemos que, nas investigações, de maneira geral, a entrevista é apresentada como uma conversa com um propósito. Szymanski (2002, p. 12) nos lembra que o entrevistador é possuidor de informações e está em busca de outras, ao mesmo tempo que o “entrevistado também processa um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o entrevistador, organizando suas respostas para aquela situação”.

Nesse processo de construção de informações, optamos pela técnica de entrevista semiestruturada, em que o pesquisador exerce um “certo controle sobre a conversação”, estruturando esse momento através de um guia de entrevista (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 169). Realizamos um encontro com roteiros semiestruturados (Apêndices), em que as questões foram centradas no *letramento religioso* e sua ação social, bem como nas transformações positivas que ele gera para o contexto em que se insere.

A gravação em áudio teve duração de 11 minutos e 35 segundos. Ela foi articulada a partir de um protocolo de 7 questões, sendo que, à medida que sentimos necessidade, fazíamos interferências. Essas questões se referiam às experiências de leituras religiosas e à sua

relevância para o viver de cada mensageira do Rei, ressaltando quais as mudanças em suas atitudes que tiveram algum impacto no meio social.

2.6.4 Registro de pesquisa: um diário

Durante nosso período de observação, contamos com uma ferramenta muito útil: as *notas de campo*, que serviram de diário para os nossos registros. Minayo (2001, p. 64) descreve o diário de campo como um instrumento “pessoal e intransferível, em que o pesquisador se debruça no intuito de construir detalhes que no seu somatório vai congrega os diferentes momentos da pesquisa”.

As notas de campo serviram como dispositivo para guardarmos as memórias escritas do que vivenciamos nesse período. Nelas, estão guardadas as nossas impressões, o nosso olhar e os fatos, para que não ficassem esquecidos. Realizamos o registro de nove eventos (Apêndices), ocorridos tanto na área interna da organização quanto na comunidade. Foram postos datas, local, resumos de momentos e aspectos relevantes.

Esse “amigo silencioso” (MINAYO, 2001, p. 64) nos serviu de seta, apontando para detalhes que nos serviram de base para a elaboração de questões e para que desenvolvêssemos a nossa entrevista, sendo também a *pedra angular* na construção desta pesquisa.

2.7 Dados da pesquisa: o *corpus*

O *corpus* desta pesquisa é composto por dados oriundos da utilização de 04 (quatro) instrumentos, descritos nos itens anteriores: observação participante, questionário aplicado via e-mail, entrevistas semiestruturadas e diário de campo.

Além desses dados, tornam parte integrante do *corpus* os materiais impressos, as revistas trimestrais e os livros utilizados na organização durante as atividades e as fotografias que registram as ações realizadas pelas mensageiras e relatadas em suas falas. Acerca do uso e da importância da fotografia na construção dos dados, Monteiro (2006, p. 12) assevera que

[...] a fotografia é um recorte do real. Primeiramente, um corte no fluxo do tempo real, o congelamento de um instante separado da sucessão dos acontecimentos. Em segundo lugar, ela é um fragmento escolhido pelo fotógrafo pela seleção do tema, dos sujeitos, do entorno, do enquadramento, do sentido, da luminosidade, da forma etc. Em terceiro lugar, transforma o tridimensional em bidimensional, reduz a gama das cores e simula a profundidade do campo de visão.

A fotografia alia-se aos demais instrumentos, armazenando as informações através das imagens. Entendemos que o uso de cada um desses recursos é bastante útil e contribui significativamente para a construção da nossa investigação. Enxergamos esses métodos como peças do quebra-cabeça da pesquisa, que aos poucos vão se integrando, carregadas de informações, até a construção de um só artefato.

2.8 As categorias de análise

Fundamentando-nos na proposta de Hamilton (2000), que aborda as práticas e os eventos de letramento a partir de quatro elementos – *participantes*, *ambientes*, *artefatos* e *atividades* –, procuramos analisar os eventos de letramento da Organização Mensageiras do Rei. Esses elementos se configuram conforme evidencia o quadro a seguir:

Quadro 2 – Elementos constitutivos de eventos e práticas de letramento

ELEMENTOS VISÍVEIS NOS EVENTOS DE LETRAMENTO	CONSTITUINTES NÃO VISÍVEIS DAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO
PARTICIPANTES: pessoas que podem ser vistas interagindo com textos escritos.	PARTICIPANTES OCULTOS: outras pessoas ou grupos de pessoas envolvidas em relações sociais de produção, interpretação, circulação e, de modo particular, na regulação de textos escritos.
AMBIENTES: circunstâncias físicas imediatas nas quais a interação ocorre.	O DOMÍNIO de práticas dentro das quais o evento acontece, considerando seu sentido e propósitos sociais.
ARTEFATOS: ferramentas materiais e acessórios envolvidos na interação (incluindo os textos).	Todos os outros recursos trazidos para a prática de letramento, incluindo valores não materiais, compreensões, modos de pensar, sentimentos, habilidades e conhecimentos.
ATIVIDADES: as ações realizadas pelos participantes no evento de letramento.	Rotinas estruturadas e trajetos que facilitam ou regulam ações; regras de apropriação e legibilidade, quem pode ou não se engajar em atividades particulares.

Fonte: Hamilton (2000, p. 17).

A partir dos elementos dispostos no Quadro 2, apresentaremos os *participantes* da Organização Mensageiras do Rei, assim como o seu *ambiente* de atuação no *domínio* religioso, além de discutirmos acerca dos *artefatos* utilizados pelas Mensageiras do Rei nas *atividades* da referida organização.

3 APORTES TEÓRICOS

O presente capítulo objetiva apresentar os quatro pilares que sustentam nossa pesquisa. Para tratarmos do fenômeno do letramento, firmamos nossas discussões nos pensamentos de pesquisadores como Kleiman (2005), Oliveira (2010), Street (2006) e Paz (2008). Quanto ao *Letramento Crítico*, buscamos ancoragem teórica em Fajardo (2015), Vasquez (2016), Mattos e Valério (2010) e Freire (1979, 1987, 1996, 2001). Ao abordarmos o *Letramento Religioso*, apoiamo-nos em teóricos como Cambi (1999), Teixeira e Cordeiro (2008), Santos (2007), Weber (2004, 2008) e Montezano (2006), com o intuito de especificarmos a abrangência e a importância desse letramento através da história na educação e na sociedade. O último pilar dessa construção foi intitulado de *o letramento condutor de leitores/escritores autônomos*, momento em que trouxemos à baila discussões sobre a importância de trabalhar na formação de leitores/escritores reflexivos.

3.1 Situando o fenômeno do letramento

Para elucidar acerca do termo letramento, é necessário fazer uma breve retrospectiva, a fim de conhecer o contexto em que ele emergiu no cenário brasileiro. Na década de 1980, enquanto se discutiam as taxas de analfabetismo e repetência no ensino básico, surgiu a necessidade de criar um termo que denominasse a condição daquele que dominava a escrita e a leitura e, além disso, a articulação desse domínio em sociedade. A princípio, foi apresentado o termo alfabetismo, que não teve grande aceitação entre os estudiosos, os quais, gradativamente, permutaram pela palavra letramento (GRANDO, 2012, p. 82), já utilizada pelos pesquisadores anglo-saxões.

No contexto acadêmico, o termo letramento surgiu há pouco mais de quatro décadas. Soares (1999) registra que uma das primeiras ocorrências foi em um livro de Mary Kato, de 1986. Etimologicamente, a palavra em inglês *literacy* vem do latim *littera* (letra), com sufixo *cy*, que denota qualidade, ação ou prática, estado, ou seja, a palavra em ação, trazendo consequências para aquele que se utiliza dela. Em outras palavras, pensar em letramento, *literacy*, é pensar na condição ou estado de alguém que é capaz de ler e escrever e nas

consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas e linguísticas na vida desse indivíduo, oriundas do ato de apropriação da leitura e da escrita.

Soares (1999) nos leva à reflexão de que o letramento é muito mais do que uma simples verificação da presença da habilidade de codificar em língua escrita, consistindo na capacidade de utilizar a leitura e a escrita para uma prática social, como, por exemplo, a escrita de um bilhete. O interessante é que um indivíduo pode ser considerado letrado apesar de não ser alfabetizado, por ser capaz de identificar a utilidade de um determinado artefato.

Advogando nessa mesma linha, Freire (1979) apresenta argumentos em que prova que o homem é um ser inacabado, incompleto e por isso não sabe de maneira absoluta. Comenta ainda que, em um “grupo de camponeses se conversarmos sobre colheitas, devemos ficar atentos para a possibilidade de eles saberem muito mais do que nós” (FREIRE, 1979, p. 14). Ou seja, não há como uma só pessoa deter todo conhecimento, pois sempre iremos ser desconhecedores de algum assunto. Não somos letrados em todas as matérias, na medida em que todos têm suas limitações, por isso, somos seres inacabados, sempre em processo de construção, o qual ocorre com o auxílio de vivências e relações sociais.

Ainda a respeito de letramento, não podemos deixar de citar Kleiman (1995). A pesquisadora, baseando-se em Scribner e Cole (1981 *apud* KLEIMAN, 1995, p. 19), define o fenômeno do letramento como “[...] um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Essa concepção conjectura a ideia do uso da escrita em diversos domínios da sociedade.

Assim, Kleiman (1995) esclarece que o termo letramento é utilizado para referir-se aos usos da escrita não somente na escola, mas também em todas as instâncias sociais. A verdade é que a vida social é permeada por linguagem de múltiplas formas e destinadas a diferentes usos. Daí o porquê podermos contemplar o letramento fora do arcabouço da educação, uma vez que a escrita circula nas ruas, na família, na igreja, enfim, em diferentes contextos, onde diversas pessoas se utilizam de distintos gêneros, com propósitos, funções, interesses e necessidades comunicativas específicas.

Sendo assim o Letramento vai além de alfabetização. A alfabetização, por sua vez, compreende uma das fases ou etapas do letramento. Acerca do que consiste o letramento, Kleiman (2005, p. 15) explica que

[...] o conhecimento da função do objeto cultural envolvido pode ser suficiente para o indivíduo ser considerado letrado. Em outras palavras, uma pessoa não-alfabetizada que conhece a função do bilhete, da carta, das etiquetas, dos

rótulos de produtos participa, mesmo que de forma marginal, nas práticas de letramento de sua comunidade e, por isso, é considerado letrado. Nesse sentido, o indivíduo inserido em uma sociedade grafa, por mais que não domine o sistema alfabético e ortográfico, mas conhecendo a utilidade de determinados gêneros, é um ser letrado.

Esses indivíduos, ao se utilizarem da leitura e/ou escrita para se inserir e interagir no seu meio social, estão exercendo práticas de letramento – são as leituras familiares, na igreja, no supermercado e nas ruas. Baynham (1995) esclarece que as práticas de letramento são formas culturalmente aceitas de se usar a leitura e a escrita, as quais se realizam em eventos de letramento. “Envolvem não apenas o que as pessoas fazem, mas o que elas pensam sobre o que fazem e os valores e ideologias que estão subjacentes a essas ações” (BAYNHAM, 1995, p. 39).

Monte Mor (2007) lembra que o termo letrado esteve muito tempo caracterizando alguém que foi capaz de ler uma mensagem simples e decodificar seu próprio nome, no entanto, atualmente tem sido aplicado para descrever o indivíduo que usa a leitura e a escrita dentro e para uma prática social.

Todos os indivíduos praticam diversas atividades de letramento no seu cotidiano de forma espontânea, ao tomar um ônibus, ao usar celular, ao preencher um requerimento, ao identificar produtos de supermercados, dentre tantas outras atividades. Vivendo em uma sociedade grafocêntrica, não há como ficar indiferente à escrita. Marcuschi (2007, p. 35) reforça o entendimento, chamando a atenção de que o letramento “se volta para os usos e as práticas, e não especificamente para as formas, envolve inclusive todas as formas visuais, como fotos, gráficos, mapas e todo tipo de expressão visual e pictográfica, observável em textos multimodais”.

A ideia pluralizada dos usos sociais da escrita nos leva à compreensão de que há uma diversidade de letramentos e que eles são situados em diversos domínios. Isso posto, Barton, Hamilton e Ivanic (2000, p. 1) declaram que “literacies are situated, all uses of written language can be seen as located in particular times and places”². Nesse viés, o letramento é localizado em circunstâncias e lugares específicos, basta observarmos o que as pessoas fazem com a leitura e a escrita nos domínios familiar, religioso, jurídico, dentre outros.

Seguindo essa ótica dos letramentos múltiplos, Kleiman (1995, p. 20) chama a atenção para o fato de que há muitas agências de letramento e que a escola não se atenta para o letramento social. Vejamos o que a autora afirma:

² Os letramentos são situados. Todos os usos da linguagem escrita podem ser vistos como localizados em determinados momentos e lugares (BARTON; HAMILTON; IVANIC, 2000, p. 1).

[...] o fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento [...] necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento como a família, a igreja, a rua – como lugar de trabalho –, mostram orientações de letramento muito diferentes.

O fato é que se revela possível encontrarmos o uso da leitura e da escrita para além do arcabouço da escola. Esse objeto tem sido elemento de discussões de muitos estudiosos, uma vez que se entende que há uma pluralidade de contextos sociais que fazem uso da escrita. Com essa forma de enxergar os letramentos, “diferentes mundos de letramento têm sido explorados e tornado visíveis” (OLIVEIRA, 2010, p. 330).

Pesquisas acadêmicas têm surgido no âmbito jurídico, religioso, da saúde, dentre tantos outros ambientes. Podemos citar Paz (2008), que desenvolveu sua pesquisa tendo como cenário uma instituição pública hospitalar, observando as práticas de letramento através dos registros de ordens e ocorrências dos enfermeiros. Outro exemplo que apresentamos é o trabalho intitulado “Letramento no trânsito: eventos e práticas na formação de condutores de veículos”, da pesquisadora Costa (2012), que investiga as atividades de leitura e de escrita realizadas em eventos de formação de condutores de veículos.

Fortalecendo as trincheiras desse solo do letramento, evidenciamos mais algumas pesquisas, como a dissertação de mestrado intitulada “Ô de casa, com licença, posso entrar? São os agentes comunitários de saúde e suas práticas de letramento no programa saúde da família”, de autoria de Silva (2013). Outro trabalho que podemos mencionar é “Blog Proerd no sertão: letramento e ação social”, realizado por Oliveira (2015).

Ainda, analisando os usos do letramento sem estar encapsulado unicamente no processo de escolarização, temos a pesquisa desenvolvida por Medeiros (2016), denominada “Letramento e trabalho: um estudo sobre práticas de letramento de profissionais da saúde no curso de formação para maternidade”, que tem como objeto de pesquisa os eventos de letramento promovidos pelos profissionais ministrantes de aulas que constituem o currículo do curso de formação para maternidade, destinado a mulheres grávidas assistidas pelo Centro de Referência e Assistência Social (CRAS). O sexto trabalho que ressaltamos é o de Costa (2016), que tem como título “Um estudo das práticas de letramento de técnicos e agentes de pesquisa na PNAD/IBGE”, em que busca discutir as práticas de letramento em atividades censitárias

desenvolvidas por técnicos e agentes de pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na realização da pesquisa nacional por amostra de domicílios (PNAD).

Essas ilustrações trazem à baila a ideia da multiplicidade de letramentos e que cada um tem suas marcas ideológicas. Street (2006) apresenta o modelo “ideológico”, enxergando a existência de uma quantidade variada de letramentos e que os usos das suas práticas estão relacionados a contextos culturais específicos, não sendo, assim, tecnologias neutras.

Tais implicações levam à afirmação de que as práticas de letramento estão associadas a uma ideologia, ou seja, ao utilizar-se de um letramento, tem-se um objetivo e busca-se um fim específico. Como exemplo dessa afirmação, podemos citar as palavras da pesquisadora Oliveira (2010), comprovando que o letramento não é neutro, mas possui uma natureza ideológica. Vejamos:

Embora se possa entender, a partir desse contraponto, que apenas esse modelo alternativo está atravessado de ideologias, como a própria adjetivação indica, apresentando-se o modelo autônomo como neutro, no sentido de que busca a universalização das práticas de letramento, e como hegemônico, por estar a serviço do poder de um grupo particular, não se trata de uma relação tão simples. Com vistas a essa relação, é importante entender que mesmo as concepções que se apresentam como neutras (letramento autônomo) camuflam pressuposições culturais e visões particulares do mundo social, interessadas em sustentar determinadas relações de poder, sendo, por isso, ideológicas (OLIVEIRA, 2010, p. 333).

Assim, a ideia de neutralidade do letramento se desfaz, não havendo como contestar que as práticas de letramento estão sempre imbuídas de ideologias e propósitos que se materializam nas práticas discursivas dos sujeitos. Além de os letramentos serem ideológicos, Oliveira (2010) evidencia que também são múltiplos, dêiticos e críticos.

Nesse sentido, são caracterizados como múltiplos por existir uma variedade deles, como familiar, religioso, laboral e assim por diante, sendo que cada um desses têm funções e propósitos diferentes. A autora expõe como exemplo a questão do gênero bilhete, que pode circular em distintos lugares, apresentando características diferentes. É interessante observar que “o que se lê e o ‘como’ se lê, é fortemente determinado pelo ‘lugar’ onde lemos. Não lemos, por exemplo, a bíblia em família do mesmo modo que a lemos na igreja” (OLIVEIRA, 2010, p. 6). Em ambientes diferentes, as ideologias são diferenciadas: no primeiro, a leitura é feita na busca de desenvolver um caráter moral, ético; já no segundo, o interesse é evangelizar, transmitir verdades bíblicas, levar outros às mesmas práticas e crenças.

Quanto à característica dêitica, leva-se em consideração o caráter situacional do letramento, assim como sua dimensão histórica e topográfica, observando a questão de que as

práticas de leitura e escrita sofrem as influências das transformações sociais. Street (2014, p. 31 *apud* CLANCHY, 1979) exemplifica bem essa ideia, quando relata:

O ato aparentemente simples de datar uma carta comercial na Inglaterra medieval tinha profundo significado religioso e doutrinal: para uma pessoa secular, localizar-se num quadro temporal que era essencialmente não secular era visto como um sacrilégio, uma profanação, não apenas uma questão técnica de aprendizado das convenções de diferentes gêneros de escrita.

Observemos, então, que o letramento é situado, refletindo a cultura de cada época. “As práticas de leitura e escrita são dinâmicas: mudam em termos de forma e função; evoluem e se transformam segundo condições sócio-histórica” (OLIVEIRA, 2010, p. 332). Hoje, os agentes de letramento já não se utilizam desse tipo de letramento da era medieval, pois certas formas vão ficando obsoletas com o passar do tempo. Podemos constatar que, com o advento das novas tecnologias, o letramento foi sofrendo transformações e exigindo adaptações e novas habilidades dos seus agentes.

No que pese ao atributo crítico do letramento, enxerga-se a linguagem oral/escrita não como um simples meio de comunicação, mas como um instrumento de poder, capaz de transformar uma realidade e fazer dos seus agentes pessoas conscientes dos seus direitos e deveres, sabendo usar a democracia. É um letramento libertador, criador de uma consciência reflexiva, de um cidadão crítico, que reflete sobre as ações à sua volta e age conscientemente no mundo.

Amparados nesse pensamento, discorreremos no próximo capítulo acerca do letramento crítico, carregando essa base de empoderamento da linguagem escrita/oral, que se constitui um dos pilares da nossa pesquisa. No entanto, antes, entendemos ser necessário explanarmos um pouco a respeito dos estudos sobre os eventos e as práticas de letramento.

3.1.1 Eventos e práticas de letramento

A noção de *eventos de letramento* foi primeiramente apresentada por Heath (1982, p. 50), conceituando o constructo como “qualquer ocasião em que uma peça de escrita integra a natureza das interações dos participantes e seus processos interpretativos”. Dizendo de outra forma, para que se concretize um evento de letramento, é necessário que seus participantes façam uso de textos em suas interações sociais.

Em consonância com o exposto, Barton e Hamilton (2000 *apud* MARCUSCHI, 2001, p. 37) lembram que os eventos de letramento são em geral atividades que têm textos escritos

envolvidos, seja para serem lidos, seja para se falar sobre eles. Assim, sempre que uma atividade social for mediada por um texto escrito, entende-se que esse episódio é definido como um evento de letramento. Ele pode se caracterizar como a leitura de um conto de fadas para dormir, a leitura da bíblia em uma igreja, entre outros, existindo, assim, um variado número de eventos sociais que processam o uso de textos.

Ao discorrer sobre esse fato, Barton (1991 *apud* MARCUSCHI, 2001, p. 37) define a noção de *eventos de letramento* como atividades particulares em que o letramento exerce um papel: costumam ser atividades regulamente repetidas. Exemplificando essa postulação, podemos apresentar um evento litúrgico evangélico que é sempre mediado por louvores, leitura da bíblia, finalizando sempre com a explanação dessa leitura, por meio de um preletor.

Assim, cada evento segue um rito. A maneira como se processam varia, nem sempre é a mesma, uma vez que seguem regras e objetivos específicos, variando também de acordo com os agentes sociais que estão envolvidos. Nessa perspectiva, Barton e Hamilton (2000, *apud* MARCUSCHI, 2001, p. 37) acentuam essa discussão esclarecendo que os *eventos de letramento* são episódios observáveis que emergem de práticas e são por elas moldados. Por assim ser, também são caracterizados como situados, uma vez que ocorrem em um determinado contexto.

Quanto às *práticas de letramento*, referem-se tanto ao comportamento quanto à conceituação social e cultural que confere significado aos usos da leitura e/ou da escrita (STREET, 1995 *apud* MARCUSCHI, 2001, p. 37). Assim, são moldadas pelas concepções estabelecidas socialmente. Como exemplo, podemos mencionar a prática da leitura bíblica, que difere quando realizada na igreja, quando é feita em visitas domiciliares, para explanação, ou até mesmo quando ocorre em particular, intencionando o estudo e o aprofundamento do conhecimento. O comportamento do agente social irá variar de acordo com sua concepção e a intenção com cada contexto.

Assim, compreende-se que as *práticas de letramento* são “modelos que construímos para uso culturais em que produzimos significados na base da leitura e da escrita” (MARCUSCHI, 2001, p. 37).

3.1.2 Elementos constitutivos de eventos e práticas de letramento

Para melhor emoldurar os *eventos de letramento* e suas *práticas*, Hamilton (2000) sistematiza os elementos recorrentes em situações em que há letramento. Assim, a autora traz relevante contribuição para os estudos do letramento, desenvolvendo o quadro dos *elementos*

constitutivos de eventos e práticas de letramento, tencionando definir e caracterizar os *eventos* (elementos visíveis), os *participantes*, os *ambientes*, os *artefatos* e as *atividades* e suas respectivas *práticas* (elementos não visíveis). Estes serviram de subsídios para as análises contidas no quarto capítulo desta pesquisa, intitulado *perfilando o letramento na Organização Mensageiras dos Rei*.

Na perspectiva de Hamilton (2000), os *participantes* correspondem a pessoas que podem ser vistas interagindo com textos escritos. Quanto aos denominados *ambientes*, são caracterizados como lugares onde esses participantes trabalham com textos, ocorrendo a interação entre estes por meio de leituras e escrita.

Os contextos onde circundam as leituras e escrita influenciam a forma como os sujeitos usam os artefatos, o que pressupõe que o letramento não é o mesmo em todos os ambientes, podendo inclusive sofrer variações ao longo do tempo (BARTON; HAMILTON, 2000).

Marcuschi (2007) chama a nossa atenção para os denominados *domínios discursivos*, ressaltando a existência de diferentes letramentos associados a diferentes domínios e apresentando-nos os domínios familiar, do trabalho, escolar, religioso, do esporte, do lazer etc. Destaca, ainda, que estes podem “acoplar-se e interagir como é o caso da família e a escola; da saúde e o trabalho, e assim por diante” (MARCUSCHI, 2007, p. 52).

Ponderando acerca da influência do domínio no letramento, apresentada anteriormente por Barton e Hamilton, Marcuschi (2007) traz o exemplo do debate na sala de aula e do debate televisivo, levando o leitor a uma reflexão sobre suas proximidades e distanciamentos. Assim, Marcuschi (2007) expõe a influência das circunstâncias e do domínio na configuração do gênero. Essa influência pode se presentificar tanto no âmbito linguístico quanto no pragmático, especialmente no que se refere ao propósito comunicativo e ao público a que se destina.

Observa-se, também, que, de acordo com alguns ambientes em que ocorrem práticas de letramento, pode-se identificar a existência de assimetria e poder do uso linguagem, conforme estudos de Fairclough, em que se constatou o poder da linguagem centrado em um dos agentes envolvidos na ação de linguagem. Ele observou quem inicia e controla o desenvolvimento de uma interação verbal em um ambiente de consulta médica, como também em um inquérito policial, entre o policial e a testemunha, ou entre o professor e alunos em sala de aula (MEURER, 2005).

Em consonância com os entendimentos acima, Paz (2008) vem endossar afirmando que as condutas e os posicionamentos adotados pelos sujeitos sofrem influências de acordo com os domínios discursivos e suas especificidades. “A esse respeito, é ilustrativo dizer que os modos

de se comportar assumidos pelos sujeitos em situações da esfera lúdica diferem consideravelmente das posturas adotadas em eventos do domínio religioso” (PAZ, 2008, p. 82).

Os textos trabalhados nesses ambientes são denominados de artefatos. Em qualquer atividade social, por mais variados que sejam os contextos, os seus agentes lançam mão de uma diversidade de instrumentos, objetos, símbolos e imagens para tornar possíveis suas ações, objetivando um determinado fim. Assim, ao definir os artefatos, Cole (1998 *apud* PAZ, 2008, p. 93) apresenta-os como “aspectos do mundo material modificados historicamente e incorporados às ações humanas com vistas a atingir a metas”.

A noção de artefato trazida por Bakhurst (1995 *apud* DANIELS, 2003) esclarece a diferença entre um artefato e um objeto bruto, apresentando o exemplo da distinção entre uma mesa e a matéria-prima da qual é feita. Essa diferença reside no fato de que o artefato porta significado, tendo sido produzido para um determinado uso e incorporado num sistema de fins e propósitos humanos.

Em termos de organização, Cole (1998 *apud* PAZ, 2008) apresenta três níveis hierárquicos da noção de artefatos: os primários, os secundários e os terciários. Os *primários* compreendem instrumentos ou objetos materiais construídos e manuseados pelos agentes sociais em seus processos de interação. São eles: tigelas, agulhas, computador.

Quanto aos *artefatos secundários*, correspondem às representações dos objetos e dos instrumentos primários, como também a forma como são utilizados nas ações sociais. Podemos exemplificar com receitas, normas, o preenchimento de um requerimento, o modelo de escrita de um artigo científico. Caracterizam-se, dessa forma, como “tradições ou crenças” (WARTOFSKY, 1973 *apud* DANIELS, 2003, p. 34).

Os *artefatos terciários* são representados como o âmbito de *settings* de atividades cotidianas, povoados por seres humanos em desenvolvimento. São os *scripts* que norteiam os sujeitos em relação ao que é esperado em diferentes situações. Apresentados como níveis de maior complexidade (COLE 1998, *apud* PAZ, 2008), correspondem ao mundo imaginário, como, por exemplo, as obras de arte (WARTOFSKY, 1973 *apud* DANIELS, 2003).

Esses elementos empregados nas práticas sociais cotidianas dos sujeitos, mediando suas ações, muitas vezes, correspondem a artefatos particulares de cada domínio, diferenciando e possuindo regras e normas para a sua aplicação, ou seja, tendo uma função e uma história definida. Exemplificando essas ponderações, podemos citar o artefato *Mandado de Penhora*, que se refere ao domínio jurídico, e a *Nota de Empenho*, do domínio contábil. Assim, há artefatos que são específicos de um determinado domínio, no entanto, existem os que são comuns a um variado número de ambientes.

Já as *atividades* são conceituadas por Hamilton (2000) como um conjunto de ações realizadas pelos participantes nos eventos de letramento. Acrescenta, ainda, que essas atividades são realizadas de forma rotineira, facilitando e regulando as ações, bem como direcionando quem pode ou não se engajar nas denominadas atividades particulares.

Paz (2008, p. 150) vem corroborar essa discussão, comentando que

[...] dependendo de variáveis relacionadas à sua natureza, ao contexto em que se estabelecem e às metas que suas ações pretendem atingir, as atividades podem ser executadas coletivamente ou de maneira individual, como também se desenvolver em cadeias ou em redes de ações que se interrelacionam.

Sob essa ótica conceitual, é pertinente afirmar que as atividades humanas podem ser compreendidas como fenômenos rotineiros, alguns complexos e situados, outros privados a determinados ambientes. Elas podem ser realizadas coletivamente ou de maneira individual.

3.2 Letramento crítico

Fajardo (2015), em seu artigo intitulado “*A review of critical literacy beliefs and practices of english language learners and teachers*”, apresenta um breve histórico do trajeto do Letramento Crítico, ressaltando que, desde os anos 1980, muitos estudos têm sido desenvolvidos nesse campo, em diversos contextos de países como Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos, Canadá e Reino Unido. Evidencia, ainda, que as raízes do letramento crítico podem ser atribuídas à Pedagogia Crítica de Paulo Freire, que se pauta numa perspectiva problematizadora, orientada na dimensão sociopolítica entre brasileiros e chilenos.

Para complementar o entendimento acima, citamos Vasquez (2016), que observa a caminhada do letramento crítico em diferentes lugares ao redor do mundo, apresentando-se com uma acentuada contribuição social. Como exemplo, a autora expõe um trabalho desenvolvido na África do Sul, em que Hilary Janks utilizou o letramento crítico como uma ferramenta na luta contra o *apartheid*. Ao desenvolver o seu trabalho, principalmente entre adultos jovens e adolescentes, buscava aumentar a conscientização dos estudantes sobre a forma como a linguagem era usada para oprimir a maioria negra, ganhar eleições, negar educação e esconder a verdade e a opressão. Na Austrália, foram criados materiais críticos, a fim de desconstruir textos literários.

A referida autora ressalta ainda o trabalho realizado nos Estados Unidos, desenvolvido por ela, com crianças de faixa etária entre três e cinco anos, que foi o precursor nas pesquisas

para exploração em ambientes envolvendo crianças que pertencem à primeira infância, de modo que usa suas investigações sobre o mundo ao seu redor para levantar questionamentos acerca da justiça e igualdade social. A pesquisadora utilizava como artefatos de seu trabalho textos do cotidiano, como embalagens de alimentos, anúncios de mídia e literatura infantil.

Vasquez (2016), enfatizando a abrangência do trabalho com o letramento crítico, apresenta vários teóricos que desenvolveram pesquisas nessa área: na África do Sul (GRANVILLE, 1993; JANKS, 2003, 2010), na Austrália e na Nova Zelândia (COMBER, 2001, 2016; MORGAN, 1997; O'BRIEN, 2001) e nos Estados Unidos e no Canadá (LARSON; MARSH, 2015; LEWISON; LELAND; HARSTE, 2014; PAHL; ROWSELL, 2011; VASQUEZ, 2001, 2010, 2014).

Mattos e Valério (2010) comentam que o letramento crítico, doravante LC, foi desenhado a partir dos pressupostos da Teoria Crítica Social, que surgiu em 1924, tendo seu berço na sociedade alemã, com a formação da escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais. Os cientistas sociais intentavam expandir o conhecimento para além do círculo acadêmico, a fim de que produzissem intervenções práticas na sociedade, objetivando provocar mudanças ou até transformações sociais.

Ainda no que tange à estruturação do LC, Vasquez (2016) declara ainda que foram muitos os paradigmas teóricos que influenciaram as definições do letramento crítico, sua circulação e sua prática, citando dentre eles a Linguística Crítica e a Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1995; JANKS, 2010), os Estudos Culturais (PAHL; ROWSELL, 2011), a Sociolinguística Crítica e a Antropologia Linguística (MAKONI; PENNYCOOK, 2007; BLOMMAERT, 2013; MCKINNEY, 2016). Essas teorias fizeram emergir diferentes orientações para o letramento crítico. No entanto, apesar de ter sido moldado através de diversas visões, Vasquez (2016) esclarece que a visão principal consiste em trabalhar com a linguagem intentando uma ação social transformadora, buscando uma ordem social equitativa. Comenta ainda que

[...] um entendimento comum acerca do letramento crítico é que este se concentra no poder desigual das relações – e questões de justiça social e equidade – em apoio a diversos alunos. Diversidade dos alunos inclui levar a sério as línguas que levam consigo para a escola e compreender as formas como as crianças multilíngues são tratadas injustamente quando repertórios linguísticos são excluídos das salas de aula³ (VASQUEZ, 2016, p. 4, tradução nossa).

³ “[...] as such, regardless of the view one takes, a common understanding is that critical literacy focuses on unequal power relations – and issues of social justice and equity – in support of diverse learners. diversity of

Tais concepções levam-nos a construir o entendimento de que o letramento crítico é muito mais que habilidades de leitura e escrita, visto que é um processo que envolve questões para além dos muros escolares, trabalhando o desenvolvimento reflexivo do aluno e capacitando-o como sujeito a tornar-se consciente, um ser politizado, reflexivo das suas ações e do outro. Consiste em tentar inserir-se no mundo como agente transformador da realidade à sua volta, desenvolvendo a cidadania participativa, capaz de atuar em uma sociedade heterogênea.

Inserindo-se nessa perspectiva, podemos destacar um dos trabalhos relevantes que foi realizado por Vasquez (2016), em que buscava a construção de um currículo crítico, utilizando-se de perguntas direcionadas a alunos pré-escolares acerca de crueldade e maldades dentro de sua escola, tentando romper com a cultura de desigualdades e criando novas práticas e lugares mais equitativos. Nesse contexto, foi trabalhada a leitura de mundo como um texto que poderia ser desconstruído e reconstruído, redesenhando práticas escolares.

O trabalho com o letramento crítico no ambiente escolar tem ganhado espaço em alguns países. Vasquez (2016) comenta que governos como o de Ontário, no Canadá, e o de Queensland, na Austrália, têm endossado os currículos escolares, garantindo, assim, o ensino desse letramento e o desenvolvimento de tais práticas. A esse respeito, podemos citar Norton (2007), que nos apresenta um trabalho realizado com alunos do ensino médio, crianças refugiadas do afegã em Karachi, no Paquistão, envolvendo um projeto de educação global chamado Youth Millennium Project. Ao investigar suas percepções sobre letramento, identificou que estudantes fizeram referência à relação entre letramento, distribuição de recursos e desigualdades, ou seja, letramento está intrinsecamente relacionado a práticas sociais, de modo que essa visão tem sido despertada entre estudantes.

Norton (2007) advoga que o educador que se propõe a realizar um estudo com letramento crítico está interessado em trabalhar textos escritos ou qualquer tipo de artefato que traga a ideia de luta, negociação e mudança. Por exemplo, uma aula de redação crítica é um lugar em que os professores convidam os alunos a se aprofundarem em interrogações de conhecimento em seus contextos (SHOR, 1999).

Não há como estarmos inseridos em um mundo sem nos darmos conta do nosso papel como cidadãos e ficarmos alheios ao que acontece ao nosso redor. Entendemos ser a escola uma das agências que têm um papel importante nesse despertar a uma reflexão crítica.

learners includes taking the languages they bring with them to school seriously and understanding the ways in which multilingual children are treated unjustly when their linguistic repertoires are excluded from classrooms”.

Canagarajah (1999 *apud* NORTON, 2007), discorrendo a respeito da relevância de desenvolver o pensamento crítico, faz um alerta, argumentando convincentemente que, nos países em desenvolvimento onde há luta diária por comida, vestuário, abrigo e segurança, os pesquisadores não podem se dedicar a debates teóricos e políticas abstratas, mas precisam lidar com as realidades materiais das comunidades.

Jones e Mccaffery (2007), imbuídos nessa visão de letramento envolvido com o social, discorrem sobre um projeto desenvolvido no Guiné, Serra Leoa e no Sudão do Sul, em um cenário de guerra e pós-guerra, com destruições materiais, físicas e psicológicas. O programa desenvolvido envolvia letramento, resolução de conflitos e construção de paz. Os autores alegam que, quando modelos transformadores de letramento e um modelo de processo de resolução de conflitos e construção de paz são combinados, a sinergia resultante adiciona valor a cada um deles.

Os autores comentam ainda que os projetos ali desenvolvidos, além de trabalharem com letramento, envolviam também treinamento agrícola e de habilidades, inserindo as pessoas em um projeto com paradigma de meios de subsistência, o que ocasionava impacto indireto dos programas de letramento sobre a atividade econômica local. Ao mesmo tempo, tais projetos engajavam os participantes nas tomadas de decisões locais, aumentando sua autoestima e confiança e permitindo às pessoas abordarem questões, terem vozes nas reuniões, acessarem e analisarem informações e se envolverem com indivíduos de fora e funcionários de forma mais eficaz⁴ (JONES; MCCAFFERY, 2007, tradução nossa).

Desenvolver o senso crítico de uma pessoa, fazendo-a se sentir capaz, ao valorizar seus pensamentos e posicionamentos diante de uma sociedade, constitui-se um fator muito relevante na educação, visto que é uma forma de valorizar o próximo. Nesse sentido, Freire (1979) apresenta o elemento essencial na educação – amor –, o que nos leva a acreditar que educação não é fria, mas há sentimento, pois trabalha com gente, sendo, por esse motivo, que a sociedade da qual esses agentes são oriundos, são gerados, também é importante para a educação. O autor afirma:

[...] não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita (FREIRE, 1979, p. 15).

⁴ “have a voice in meetings, access and analyse information and engage with outsiders and officials more effectively”.

O amor é apresentado como uma condição para o entendimento, para uma educação eficaz e para o respeito ao outro, aos seus pensamentos e ao seu modo de ser, trazendo a ideia da percepção humana do próprio inacabamento, não existindo ser humano detentor de todo o conhecimento, por isso, temos a necessidade de educação e do respeito às limitações do outro. Portanto, não podemos perder de vista a ideia de que a educação não é solitária, mas constrói-se em uma troca com o outro, havendo “um sujeito cognoscente de um objeto cognoscível [...] por isso a consciência reflexiva deve ser estimulada, conseguir que o educando reflita sobre sua própria realidade” (FREIRE, 1979, p.16).

Encontramos, na pedagogia crítica de Freire (2001), pensamentos carregados das ideias do letramento crítico. Essas reflexões incluem conceitos de um letramento que não seja puramente mecânico, mas que conduza a uma mudança interna, vindo a se externar através de uma ação consciente, politizada, de modo que o sujeito seja conhecedor dos seus direitos e deveres e, por isso, capaz de trazer alguma mudança social.

A esse respeito, é ilustrativa a experiência vivenciada por Freire (2001) na cidade de Angicos (Rio Grande do Norte), onde um dos participantes em um dos círculos de cultura, ao se dirigir ao quadro-negro, após textos terem sido estudados e discutidos, fazendo relação com a sua realidade, escreveu: “o povo vai resolver (por resolver) os problemas (por problemas) do Brasil votando conciente (por consciente)” (FREIRE, 2001, p. 25). Apesar de esse participante ainda não possuir o domínio da linguagem culta, o trabalho em desenvolver sua consciência crítica havia obtido êxito.

Nesse sentido, Freire (2001, p. 27) postula que “a alfabetização e a conscientização são inseparáveis. Todo aprendizado deve estar intimamente associado à tomada de consciência de uma situação real e vivida pelo aluno”. Esse autor conduzia os participantes dos seus círculos a refletirem sobre suas realidades, até mesmo por meio de propaganda de cigarro, levando-os a extraírem as ideias que não estavam explícitas, demonstrando que o que se diz e o que se escreve podem ter significados muito mais abrangentes, o que possibilita ao homem conhecer melhor sua realidade. Lançando mão dessas informações que apontam para um trabalho de letramento crítico, Freire (2001, p. 27) assegura que “a única maneira de ajudar o homem a realizar sua vocação ontológica, a inserir-se na construção da sociedade e na direção da mudança social, é substituir esta captação principalmente mágica da realidade por uma captação mais e mais crítica”.

Ao desenvolver o seu trabalho de alfabetização, Freire oportunizava aos participantes ampliarem sua visão de mundo e trabalhava com questões que os levavam a refletirem sobre a realidade a sua volta, para que desenvolvessem uma atitude crítica, fazendo-os também

“compreender que a falta de conhecimento é relativa e que a ignorância absoluta não existe” (FREIRE, 2001, p. 29). Desse modo, eles enxergavam também o seu valor, conforme exemplifica através de uma das falas de um participante: “faço sapatos – disse uma vez um deles – e agora descobri que tenho o mesmo valor que o homem instruído que faz livros” (FREIRE, 2001, p. 29).

É essa performance que também foi assumida pelo LC, tendo o desenvolvimento da consciência crítica e a luta contra as desigualdades como seu principal escopo, na busca de promover a inclusão social de grupos marginalizados. Mattos e Valério (2010) abordam que para o LC a língua é um instrumento de poder e de transformação social. Elas elencam, em um quadro demonstrativo, análises das tradições teóricas, objetivos e compreensão do objeto de estudos entre o ensino comunicativo e o letramento. No entanto, voltaremos nosso olhar para o que nossas discussões têm se debruçado – o letramento crítico.

Quadro 3 – Tradições teóricas, objetivos e compreensão do objeto de estudo no Ensino Comunicativo e no Letramento Crítico

	Ensino Comunicativo	Letramento Crítico
Origens	Filosofia da linguagem Antropologia linguística Linguística sistemática	Teoria Social Crítica Pedagogia Crítica Pós-estruturalismo
Objetivos	Desenvolvimento da competência comunicativa (usar para aprender e aprender para usar)	Desenvolvimento da consciência crítica (aprender para transformar)
Visão de língua	Recurso dinâmico para criação de significados	Instrumento para a reconstrução social
Implementação	Promovido por atividades que envolvem comunicação real.	Promovido por um diálogo que elicie a crítica social.

Fonte: Mattos e Valério (2010, p. 140).

O referido quadro reforça todas as discussões anteriormente abordadas, contemplando as raízes do letramento crítico, seus objetivos e sua importância como instrumento para a

transformação social, promovido através do dialogismo social. A voz da consciência crítica ecoa convocando cada um, no ambiente escolar, familiar ou em qualquer outro, indicando que a realidade social é produto da ação dos homens e que esta não se transforma por acaso. Nessa perspectiva, Freire (1987, p. 20) lembra que “se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na ‘invasão da práxis’, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens”.

No afã do desenvolvimento dessa consciência, entendemos que devemos nos pôr “pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos” (FREIRE, 1996, p. 20). Ainda nos apoiando em Freire (1979), lembremos sua advertência para que seja desenvolvida, com urgência, uma consciência crítica que venha a permitir que o homem transforme a sua realidade.

3.3 Letramento religioso

O uso do letramento religioso está registrado na história da humanidade. Assim, conforme se sabe, a história da religião entrelaça-se com a história da escrita. Coulmas (2014, p. 119) ratifica essa ideia ao comentar que os “adeptos de uma fé baseada nas escrituras eram conhecidos como o povo do livro”⁵ e que até esse povo identifica a “própria divindade com a escrita, o início e o fim, o que na mente letrada se estende de alfa até o ômega”.

Estudos relatam a existência do imbricamento entre a aplicação de métodos na aprendizagem da leitura e o ensino religioso, o que nos permite afirmar que a leitura foi, em boa medida, um exercício espiritual. Ao longo da história do Ocidente, em particular nos séculos XVI e XVII, salvo alguns literatos, intelectuais e elites ilustradas que podiam fazer um uso diferente, ler, para a maioria das pessoas, era uma atividade vinculada à religião, que colocava a pessoa diante da palavra divina (SOLÉ, 1996, p. 18).

Pensando na educação sendo tecida também pelos fios da educação bíblica cristã, passaremos a analisar as marcas deixadas pelo letramento religioso, visto que “a história da educação está intimamente ligada à própria história das instituições religiosas” (TOSCANO, 2001, p. 139), sendo os cristãos responsáveis pelo legado ao mundo de um “vastíssimo patrimônio cultural e uma extraordinária riqueza filosófica e pedagógica” (BORGES, 2002, p. 40).

⁵ No judaísmo, o termo se refere ao povo judeu. Já os muçulmanos o usam para se referir aos seguidores do judaísmo e do cristianismo (COULMAS, 2014).

Na Bíblia, encontram-se notas que registram eventos de letramento, escritas em 400 a.C. pelo profeta Neemias. Em seu livro, que ensina princípios morais e espirituais, descreve uma cena em que encontramos o escriba Esdras reunindo todo o povo para ler a Lei diante dessa assembleia, constituída de homens e mulheres: “ele leu em voz alta desde o raiar da manhã até o meio-dia, de frente para a praça [...]. E todo o povo ouvia com atenção a leitura do livro da Lei” (BÍBLIA, NEEMIAS, p. 598). No versículo 8 desse mesmo capítulo, encontramos o registro de que o livro foi lido, interpretado e explicado a fim de que o povo entendesse o que estava escrito. O escriba instrui os israelitas sobre como reconstruir aquela nação moral e estruturalmente destruída. Jerusalém encontrava-se desassistida do braço repressor da lei, da ação dos juízes. O povo campeava em corrupção e indisciplina. Porém, a linguagem escrita e oral era cuidadosamente usada para promover uma mudança naquela situação. O grande impacto causado pela leitura da Bíblia por Esdras é comparável ao impacto da Bíblia na época da Reforma (LOPES, 2006).

Seguindo essa linha de pensamento, citamos Jesus, que é um exemplo de mestre. Multidões se reuniam ao seu redor para ouvir seus ensinamentos e suas orientações, com o intuito de adquirirem conhecimento de como serem pessoas bem-aventuradas e terem um viver harmonioso em sociedade. Para exemplificarmos, destacamos o sermão do monte, em que as palavras de Cristo ensinam como deve ser o viver do cristão, pautado em humildade, busca pela justiça, com corações íntegros e pacificadores. Jesus transmitia sua mensagem não somente com a linguagem verbal, mas também com a não verbal, pois seu discurso caminhava paralelamente com suas ações, pautadas no bem do outro.

Domingues (2017) comenta que Jesus, além de ser um excelente contador de histórias, era também um grande Mestre. O escritor e professor explana ainda o fato de que Jesus exercia a arte do ensino com desenvoltura, criatividade e muita responsabilidade, utilizando-se de uma metodologia completa, significativa e, sobretudo, relacional.

Complementando esse pensamento, podemos citar as palavras de Cortez e Martins (2014). Ao analisarem o ensino andragógico de Jesus, os escritores afirmam que

os métodos de Jesus moviam seus ouvintes do simples conhecimento dos fatos para atitudes e ações apropriadas. Jesus usou os seguintes métodos andragógicos em seu ministério de ensino e pregação: lições práticas (João 4.1-42). Usou a conhecidíssima água para ajudar a mulher samaritana a entender a desconhecida “água da vida”. Ponto de contato (João 1.35-51). Servia-se de oportunidades para construir relacionamentos com pessoas: André, João, Pedro, Felipe e Natanael. Alvos (João 4.34). Para colocar as pessoas em ação. Solucionando problemas (Marcos 10.17-22) para fazer com que as pessoas entendessem e aplicassem as suas palavras. Conversas (Marcos

10.27). Para levar as pessoas à obediência. Perguntas. De acordo com o registro dos evangelhos, Jesus fez mais de cem perguntas com finalidade de compelir as pessoas a pensar e buscar a verdade. Respostas (CORTEZ; MARTINS, 2014, p. 7).

Após Jesus, destacamos as *cartas paulinas*, escritas pelo apóstolo Paulo entre 62 e 68 d.C. A prática da escrita era muito recorrente por Paulo para expandir os ensinamentos de Cristo às igrejas em Coríntios, Galácia, Filipos, Tessalônica, Éfeso, Roma e Colossos, além de escrever a alguns pastores, como Timóteo e Tito. Era a forma que tinha para se comunicar quando esteve por diversas vezes preso, por causa da pregação do evangelho, ou por algum motivo impedido de ensinar pessoalmente.

Cambi (1999, p. 121) advoga que o “advento do cristianismo operou uma profunda revolução cultural no mundo antigo, talvez a mais profunda que o mundo ocidental tenha conhecido”. O fato é que foram transformações profundas que até hoje, na sociedade contemporânea, visualizamos os reflexos das mudanças.

O autor ressalta ainda a criação de mosteiros como uma estrutura educativa, elaborada pelo cristianismo, que marcou fundamentalmente o Ocidente. Esses mosteiros constituíam-se como instituições de formação, orientando os monges para a vida espiritual e submetendo-os a um processo formativo baseado no princípio da ascese. Cambi (1999) explica que no século VI o Ocidente teve seus modelos mais significativos de monasticismo, também no sentido cultural e educativo.

Ao longo da história, encontramos registros que comprovam a importância da igreja no letramento, nas práticas sociais, podendo ser classificada como uma das agências de letramento mais antiga. Aqui no Brasil, no final do século XVI, ao ser introduzido o método de ensino intitulado *ratio studiorum*, elaborado pela Companhia de Jesus, educação e catequese andavam atreladas, uma vez que a compreensão dos preceitos religiosos implicava, em primeiro lugar, o uso de um aparato educacional (TEIXEIRA; CORDEIRO, 2008).

De acordo com os autores, o público-alvo era preferencialmente as crianças, as quais se constituíam o eixo da atividade missionária no Brasil Colônia, de modo que, através das cantigas pias, ficavam responsáveis por repeti-las para os parentes em sua própria língua. As práticas metodológicas voltadas para a educação eram bem dinâmicas, uma vez que consistiam na utilização de música para despertar a atenção e a simpatia dos nativos. O teatro também foi um recurso pedagógico muito utilizado, dentre outros. Com essas técnicas, os religiosos promoveram a educação e evangelizaram os silvícolas.

Na metade do século XIX, emergem no Brasil os primeiros elementos de confessionalidade religiosa, os protestantes, de missões estadunidenses. Tais missões eram providas de um aparato ideológico cultural permeado pela sociedade norte-americana e adotavam como estratégia missionária, entre outras, a educação, encontrando o favorecimento em razão da precariedade em que se encontrava o sistema escolar imperial (SANTOS, 2007, p. 114).

O espírito de filantropia foi uma marca na educação protestante, inserida por missionários norte-americanos. Os professores apresentavam consigo a nova tecnologia metodológica que marcou essa educação, com caráter intuitivo e silencioso, sem a excessiva memorização. O processo educacional implicou também a inserção de arte literária, ciência, poesia, francês, inglês, execuções musicais, cântico e exercício calistênicos, sendo a Bíblia o livro texto (SANTOS, 2007, p. 124).

A relevância do trabalho educacional protestante pode ser vista pelo impacto social causado, pois, apesar de ser um grupo ainda minoritário, fundou algumas universidades protestantes, como, por exemplo, o Centro Universitário Adventista de São Paulo⁶ (UNASP) e a Universidade Metodista de São Paulo. Santos (2007), comentando acerca dos trabalhos iniciais com a educação, expõe que eram norteados pela visão de estabelecer a cultura civilizatória cristã protestante e, assim, a inoculação de uma nova mentalidade ideológico-religiosa que acarretasse na mudança da sociedade. Essa modificação social viria através de uma inovadora prática pedagógica, que objetivava encaminhar os educandos para a aceitação de uma nova maneira de ver a realidade, valorizando o trabalho (SANTOS, 2007).

É perceptível a importância social que essa agência de letramento causou na sociedade brasileira. Ainda hoje, podemos evidenciar que nesse domínio os atores utilizam-se de variados artefatos – estudos bíblicos, cânticos e revistas para escola bíblica –, bem articulados, para instruir um povo, a comunidade, levando seus fiéis ao contato com a escrita e a leitura. Barton, Hamilton e Ivanic (2000) lembram que os modos regulares de como devem ser as ações das pessoas em muitos eventos de letramento, em contextos particulares, acontecem porque os domínios são contextos estruturados e padronizados. Atividades dentro desses ambientes não são acidentais ou aleatoriamente variadas: existe uma configuração específica de práticas de letramento.

⁶ Em 2018, adquire nota 5 no conceito institucional realizado pelo MEC acerca dos seus cursos. Disponível em: <<https://www.unasp.br/reitoria/documentos-oficiais/avaliacao-dos-cursos-pelo-mec/>>. Acesso em: 20 maio 2019.

Olson (1997, p. 162) ressalta que “a história da leitura no ocidente é em boa parte a história da leitura da Bíblia”. O fato é que as práticas de leitura foram grandemente impactadas pela leitura de textos bíblicos. Ainda hoje, as escritas religiosas têm influenciado muitas pessoas a se envolverem com a leitura e, conseqüentemente, ajudado seus usuários em suas práticas sociais.

Sob o eixo dessas ponderações, destacamos o estudo de Max Weber, considerado um dos fundadores da sociologia. Em seu livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, faz uma análise de história comparada entre diversos países e observa que países como a Inglaterra foram grandemente influenciados pelo capitalismo e pelo reflexo da religião protestante, no caso, o calvinismo, como fundamento dessas transformações sociais.

O sociólogo buscava entender os sentidos que a religião imprimia na sociedade. Ele observou que, onde o espírito do calvinismo fora mais difundido, o capitalismo teve grande progresso, ocasionando avanço social. Além disso, comenta que as “camadas de artesãos católicos mostravam uma tendência mais acentuada a permanecer no artesanato [...] ao passo que os protestantes afluem em medida maior para fábricas para aí ocupar os escalões superiores” (WEBER, 2004, p. 32).

Weber (2004) observou que o calvinismo incutiu o espírito capitalista nos seus adeptos, uma vez que pregava a ideia de que o sucesso econômico era o indicativo da predestinação para a salvação, norteador, assim, desde as escolhas de maior aperfeiçoamento profissional, ao nível mais elevado de instrução, de busca pelo conhecimento. O autor reforça essa ideia comentando que

[...] a relação de causalidade repousa, sem dúvida, no fato de que a peculiaridade espiritual inculcada pela educação e aqui vale dizer, a direção conferida à educação pela atmosfera religiosa da região de origem e da casa paterna, determinou a escolha da profissão e o subsequente destino profissional (WEBER, 2004, p. 33).

Observa, ainda, que as leituras religiosas e os ensinamentos protestantes, os quais se alastraram em países como a Inglaterra, ocasionaram uma envergadura econômica de grande impacto social. Da educação religiosa desse período, emergiram grandes nomes, como de Cecil Rhodes⁷. Weber ressalta que da casa de pastores nasceram empresários de grande estilo e destaca que o “senso de negócios capitalista coincide, nas mesmas pessoas e nos mesmos

⁷ Foi um colonizador e homem de negócios britânico. Além disso, caracterizou-se como um personagem essencial no projeto britânico de construção do caminho de ferro que ligaria o Cairo, no Egito, ao Cabo, na África do Sul, nunca realizado.

grupos [...] Marcas distintivas de grupos inteiros de igrejas protestantes” (WEBER, 2004, p. 36).

Weber (2004) elucida que, com o advento do letramento religioso calvinista, há uma nova conotação acerca do trabalho, o qual, antes desprezado, agora estava sendo buscado. Ele observou que a concepção religiosa, teológica, fez estimular o trabalho e a busca pelo trabalho. “O calvinismo fomentava o espírito comercial, sendo considerado o viveiro que floresceu a economia capitalista” (WEBER, 2004, p. 37).

No seu livro *Ensaio de sociologia*, Weber (2008), ao estudar a psicologia das religiões mundiais, explicita que “uma religião exerce habitualmente uma influência de amplas consequências sobre o modo de vida de camadas muito heterogêneas” (WEBER, 2008, p. 312). É bem verdade que as leituras e os ensinamentos religiosos causaram e causam grandes mudanças sociais, uma vez que o modo de se enxergar a vida, a conduta das pessoas e a forma de agir diante do mundo sofrem influências através da crença religiosa.

O fato é que, desde muito cedo, as pessoas são inseridas na visão de algum tipo de crença, de modo que os eventos litúrgicos se tornam corriqueiros em seu viver. Jung e Semechechem (2009) observam que os sujeitos geralmente participam de algum deles ao longo de suas vidas, o que influenciará no seu modo de ver a vida e nas suas ações.

Ressaltamos também que são variados os motivos que conduzem indivíduos a se apropriarem de leituras religiosas. Olson (1997) exemplifica que, na época de Carlos Magno, os estudiosos liam os textos religiosos para entender o que estava além das palavras escritas. Havia, ainda, aqueles que liam para encontrar respostas às suas angústias, incertezas vindouras, buscar eternidade, adquirir seu próprio conhecimento acerca do Deus supremo e ter orientações para a vida, existindo, assim, um vasto terreno religioso que podia ser percorrido.

Encontramos também a utilização de textos sagrados com a finalidade social de manutenção da identidade de uma determinada comunidade, como aponta Tusting (2000 *apud* JUNG; SEMECHECHEM, 2009, p. 30), ao realizar estudos a partir de uma análise das práticas em torno de folhetos paroquiais de uma igreja católica.

Para Mendonça (1991), a preocupação com a divulgação das ordenanças bíblicas fez da educação um instrumento muito recorrente na implantação do protestantismo no Brasil, utilizando-se da leitura da Bíblia como artefato em seus eventos de letramento. De acordo com Montezano (2006, p. 26), o protestantismo

[...] propaga e instiga a leitura da bíblia, como instrumento de compreensão da palavra escrita, e considera que a educação da família cristã passa pela

educação secular instituída, desempenhando, dessa forma, um papel relevante na trajetória educacional dos filhos das famílias protestantes.

Os ensinamentos protestantes trouxeram muitas contribuições à educação. Buscavam combater o analfabetismo, uma vez que este apresentava-se como um obstáculo para a propagação do evangelho. Como o uso da leitura da Bíblia é muito recorrente nas reuniões, há um incentivo na aquisição dessas práticas, fazendo com que os fiéis queiram ter suas próprias experiências com a palavra de Deus, a fim de aprofundar o seu conhecimento com o Deus da palavra através da leitura, levando-os a práticas em torno da leitura e da escrita.

Os estudos de Montezano (2006) apontam que as famílias que têm um envolvimento com o letramento religioso possuem um alargamento da visão a respeito da importância da educação. Conforme a pesquisadora, as famílias protestantes

investem no capital moral e religioso da prole, de acordo com os princípios da religião, motivados a nosso ver principalmente pela ausência de capital econômico e cultural legitimado pela sociedade. Consideram a religião e o trabalho como requisitos indispensáveis para o pertencimento e reconhecimento social (MONTEZANO, 2006, p. 86).

O *ethos*⁸ do povo estudado por Montezano (2006) é construído em volta da leitura da Bíblia. O letramento religioso exerce grande influência no modo de viver dessa comunidade e na forma como perpetua a leitura a seus filhos, refletindo também na educação regular.

Caputo (2004 *apud* ALMEIDA, 2009), em estudo realizado nos Estados Unidos objetivando identificar a incidência do processo da religiosidade dos pais no comportamento dos filhos, concluiu que adolescentes cujos pais são mais religiosos tendem a um menor comportamento de *risco*, afastando-se de problemas como vícios, gravidez precoce, dentre outros, e tendo a um maior compromisso com os estudos, um êxito escolar.

Em consonância com as pesquisas acima, evidenciamos as ponderações de Montezano (2006). Nesse contexto, ao discutir sobre as influências da cultura religiosa no desempenho escolar, comenta:

[...] o êxito no desempenho escolar de alunos protestantes servia-se de *habitus*, que adquirido na igreja e potencializado na família, parecia agir em consonância com as práticas escolares, criando disposições que contribuíssem para a adaptabilidade dos alunos ao nível de exigências da escola. [...] configurou-se, nessas famílias, um estilo de vida, situações e práticas restritas às possibilidades de ganho no trabalho e às exigências divinas, sendo a religião

⁸ *Ethos* é uma palavra com origem grega, que significa caráter moral. É usada para descrever o conjunto de hábitos ou crenças que definem uma comunidade ou nação.

o elemento prioritário do *ethos* cultural desses entrevistados (MONTEZANO, 2006, p. 85).

Essas considerações levam-nos ao entendimento da relevância do letramento religioso para uma sociedade. Montezano (2006, p. 30), ao destacar a educação luterana, ressalta que esta “traz em sua bagagem convicções, maneiras de perceber, agir e pensar que se traduzem num estilo de vida que valoriza o conhecimento escolarizado”. Advoga ainda que nas escolas ligadas às igrejas luteranas, apesar de terem surgido, inicialmente, “voltadas principalmente para educação dos seus próprios filhos, são indiscutíveis a importância e o êxito do trabalho que desenvolveram na área da educação escolarizada” (MONTEZANO, 2006, p. 30).

As agências de letramento evangélicas são observadas por Almeida (2004), que advoga que elas trabalham em favor da valorização das relações pessoais, gerando um aumento de autoestima e, ainda, um impulso empreendedor, além de promover ajuda mútua, proporcionando laços de confiança e fidelidade. Observa ainda que tais redes atuam em contextos de carências e trabalham para as mudanças nesse cenário, operando com circuitos de trocas, que envolvem dinheiro, comida, utensílios, informações e recomendações de trabalho, entre outros, realizam um trabalho de prestação de serviço social.

Desse modo, podemos afirmar que o método e as bases do ensino, das leituras e das escritas cristãs têm perpetuado gerações, atuando não somente nos ambientes fechados das suas igrejas, mas também se instaurando junto à sociedade. Muitos já tiveram/têm contato com tais estudos ou pelo menos já ouviram falar. O fato é que, após a Reforma Protestante, a sociedade sofreu grandes mudanças. Luzuriaga (1959, p. 5) é ainda mais enfático nesse ponto e chega a afirmar que a educação pública, isto é, “a educação criada, organizada e mantida pelas autoridades oficiais – municípios, províncias, Estados –, começa com o movimento da Reforma religiosa no século XVI”. A expansão do conhecimento e o acesso à educação para todos devem-se em boa parte ao protestantismo. É o letramento que trouxe transformações para a economia da Inglaterra, como observou Weber (2004), e para a educação, conforme ressaltou Montezano (2006), enfim, para o modo de viver da sociedade.

Diante de tais ponderações, lembremos as palavras de Eby (1962), quando afirma que a Reforma foi o despertar mais profundo e de mais amplo alcance na história da civilização ocidental. Considerá-la apenas como uma reforma da organização Igreja, ou como práticas morais, ou como doutrina é interpretar mal a sua mais ampla significação para o progresso humano. Nenhum aspecto da vida humana ficou intacto, pois abrangeu transformações políticas, econômicas, religiosas, morais, filosóficas, literárias e também em instituições, de caráter definitivo; foi, de fato, uma revolta e uma reconstrução (EBY, 1962, p. 3).

3.4 O letramento condutor de leitores/escritores autônomos

A leitura e a escrita sempre estiveram presentes em toda a humanidade, ainda que por meio de desenhos e de símbolos. O fato é que o homem sempre sentiu a necessidade de estabelecer interação social por meio da linguagem. Para tanto, utilizou-se de diversos símbolos, como a escrita pictográfica, por exemplo, até chegar ao sistema de escrita atual, a fim de comunicar, trazendo mudanças para si e para o seu meio social, por meio da leitura e da escrita.

Entendemos que se torna impossível vivermos alheios ao mundo da leitura/escrita, tendo em vista que fazemos parte de uma sociedade grafocêntrica. A grande verdade é que já fazemos uso dessa importante ferramenta chamada leitura antes mesmo de termos o contato com as letras, de sermos alfabetizados. Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, ainda enquanto bebês, já fazemos uso do exercício da leitura e assim, somos capazes de perceber o calor e o aconchego de um berço, diferentemente das sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos enlaçam. É nessa etapa que começamos a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca, construindo os primeiros passos para aprender a ler (MARTINS, 2012, p. 11).

Executamos a leitura no nosso dia a dia em um processo natural. Lemos as expressões da face de alguém, o olhar, os trejeitos da boca, seus gestos e suas ações, que sempre transmitem alguma mensagem. Lemos o mundo que nos cerca, o que foi dito e o silêncio. A leitura de mundo precede a leitura da palavra, de modo que a linguagem e a realidade se prendem dinamicamente (FREIRE, 1989, p. 9).

É importante lembrarmos, mais uma vez, as palavras de Freire (1989), quando ressalta o entendimento de que a compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, sendo esta antecipada e alongada através do dinamismo do envolvimento com o mundo. Uma não anula a outra, mas se completam. O “debate ‘decodificação versus compreensão’ parece estar se esvaziando. Ambas são necessárias à leitura. Decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível” (MARTINS, 2012, p. 32). O mecanismo do conhecimento adquirido através da vivência é ativado para que a compreensão de uma leitura ocorra.

Apesar dessa compreensão, por muito tempo, o exercício da leitura esteve relacionado somente à decodificação da palavra escrita. Assim, mesmo quando não tinha sido organizado um pensamento, um entendimento do que foi lido, dizia-se ter ocorrido a leitura. Atualmente, entende-se que o ato de ler é muito mais abrangente do que simplesmente essa leitura mecânica

dos signos linguísticos, não geradora de sentidos. Há a necessidade de estabelecer relações entre o que se lê e as nossas vivências, gerando leitores reflexivos.

Uma leitura participativa, que gera sentidos, torna-se muito mais prazerosa para quem a realiza. Quando possibilita aos agentes sociais atuarem em sociedade, capacitando-os a resolver problemas que se apresentem, ela faz com que enxerguem o lado otimista e deleitoso do aprendizado da leitura, oportunizando aos que fazem uso dessa ferramenta a visão de que o mundo está ao seu alcance. Isso posto, não somente podem compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo, à medida que é incorporada a experiência de leitura (MARTINS, 2012, p. 17).

Nesse processo de compreensão do que se lê, o leitor aprende, ao passo que sua leitura informa, permitindo que se aproxime do mundo de significados de um autor. Assim, é oferecido a ele um leque de novas perspectivas ou opiniões sobre determinados aspectos e assuntos (SOLÉ, 2014, p. 46). Esse processo de cognição, através da leitura, é individual e interativo, dependendo da relação que o leitor estabelece com o contexto em que vive (CAFIERO, 2005, p. 30).

Nesse contexto, não basta apenas ler, visto que é necessário que essa leitura faça sentido, pois, se observarmos o que fica em nossa memória depois do que lemos, descobriremos que não são palavras literalmente, mas o sentido que conseguimos construir. Cafiero (2005) comprova esse pensamento propondo o desafio de tentarmos contar um livro que tenhamos lido. Em seguida, a autora ressalta que não nos lembraremos de todas as frases e períodos, mas dos sentidos que produzimos.

Nesse processo de construção de sentido, é acionado um conjunto de conhecimentos denominado de *conhecimentos prévios*. Cafiero (2005, p. 34) comenta que

fazem parte desses conhecimentos informações de diversos tipos que o leitor foi armazenando em suas experiências: conhecimentos linguísticos ou de como funciona a língua; conhecimentos enciclopédicos ou conhecimentos de mundo, conhecimentos específicos sobre o assunto do texto que ele estiver lendo; conhecimentos sobre como funciona a comunicação e como funcionam os textos, sobre o gênero do texto, a situação em que o texto foi escrito, o momento histórico que ele representa, a cultura que o gerou, entre outros.

No exercício da leitura, esses mecanismos devem ser acionados, caso contrário, não se terá um resultado eficiente, exitoso, ocasionando uma leitura exaustiva, ineficiente, que não adicionou conhecimento, por não ter produzido sentido. Outro grande desafio a ser enfrentado pela escola é enxergar o ato de ensinar a ler e escrever não somente para fins didáticos, mas também para trazer à eminência a sua função social, uma vez que se pressupõe que lemos e

escrevemos para nos comunicarmos com o mundo e conhecermos ou apresentarmos novas possibilidades.

Agindo assim, é necessário que a escola funcione como uma microcomunidade de leitores e escritores, de modo que possam produzir seus textos para apresentar seus pensamentos e pontos de vistas acerca de determinados assuntos, sendo estes construídos a partir de leituras realizadas. Há a necessidade de desenvolver no ambiente escolar práticas de leituras vivas e vitais, nas quais ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitam repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento (LERNER, 2002). Além disso, o exercício da escrita não deve ter somente fins avaliativos, mas os alunos precisam enxergar a valorização do seu texto, tornando-se, assim, verdadeiros escritores sociais, capazes de compartilhar seus pensamentos acerca do mundo.

Com essa finalidade, muitas práticas pedagógicas têm se ancorado nos projetos de letramentos que buscam a ressignificação do trabalho escolar, a fim de que possa promover práticas de leituras e escritas relacionadas às ações sociais dos sujeitos envolvidos. As atividades desenvolvidas se originam de um interesse real na vida dos alunos, cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade (KLEIMAN, 2000).

Pensar o trabalho de leitura e produção textual nesse viés, distanciando-se de uma atividade de mero cumprimento de tabela, que culmina em uma nota avaliativa, é projetar a cidadania no espaço da sala de aula, na comunidade escolar e na sociedade mais ampla, refletindo e refratando ações efetivas de uma educação emancipatória (SANTOS, 2012).

No mundo presente, representado por uma sociedade acelerada, não cabe mais um ensino de aprender por aprender, escrever por escrever, de modo que as ações realizadas na escola têm que fazer sentido para o aluno, para o seu contexto, para o seu dia a dia. É preciso implantar ações que viabilizem o empoderamento dos sujeitos, a fim de que sejam capazes de se dispor quanto à (re)construção histórica, social e política, adquirindo a consciência do seu papel de sujeito ativo e protagonista social (SANTOS, 2012).

4 PERFILANDO O LETRAMENTO NA ORGANIZAÇÃO MENSAGEIRAS DO REI

Temos como eixo norteador deste quarto capítulo a proposta de Hamilton (2000), ao apresentar elementos básicos que caracteriza como visíveis ou não visíveis no âmbito dos eventos e das práticas. Com base nisso, empreendemos descrever um *evento de letramento*, dentre os vários vivenciados na Organização Mensageiras do Rei, a fim de destacarmos os *participantes*, o *ambiente*, os *artefatos* e as *atividades* que o constituem

Nessa caminhada, será possível responder a indagação que suscitou a presente pesquisa, ou seja, *como se constituem os eventos de letramento no ambiente da Organização Mensageiras do Rei?* O intuito é alcançar um dos nossos objetivos específicos, que consiste em *descrever os eventos e as práticas de letramento promovidos pela organização Mensageiras do Rei*. Faremos esse percurso a partir das categorias estabelecidas por Hamilton (2000), em termos de participantes, domínio, artefatos e atividades.

O grupo de estudos da Organização Mensageiras do Rei participa de inúmeros *eventos de letramento*, dentre eles, o compartilhamento de textos bíblicos na comunidade, o estudo das revistas das etapas (necessárias para graduação de uma etapa para outra), a partilha de receitas no dia de culinária e o encontro do pequeno grupo multiplicador (PGM). Escolhemos este último para desenvolvermos nossas análises.

O pequeno grupo multiplicador, doravante PGM, geralmente é desenvolvido na casa de uma das integrantes, seguindo o rito instituído na revista trimestral *Aventura Missionária*, na seção *Aventura Real*, do qual participam todas as suas integrantes, sobre as quais discorreremos nos tópicos seguintes. Além disso, acrescentaremos a análise das categorias atividades, ambiente e artefatos utilizados.

4.1 Participantes

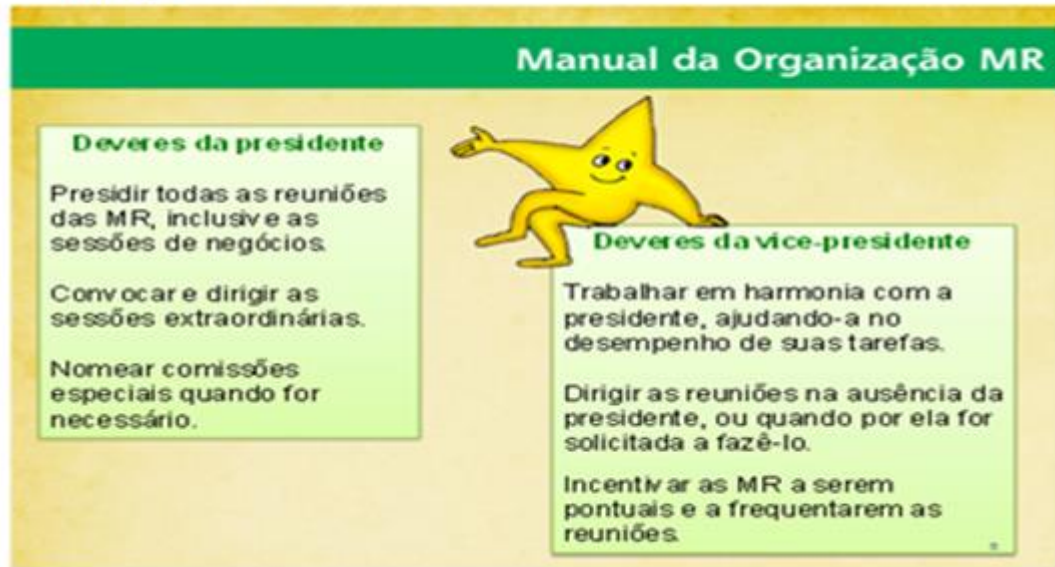
Um evento de letramento é composto por várias categorias, dentre elas, a denominada de *participantes*. Para Hamilton (2000), participantes compreendem indivíduos que interagem em uma determinada situação em que são utilizados materiais escritos.

Nesse sentido, a Organização Mensageiras do Rei se organiza em grupos de estudo. Fundada no Brasil em 1949, mais precisamente no estado do Rio de Janeiro, foi inicialmente implementada pelas Igrejas Batistas de Itacuruçá e da Tijuca, inclusive pelo Colégio Batista. Essa organização pertence à Igreja Evangélica Batista da Convenção e contempla meninas, evangélicas ou não, interessadas em tomar parte do grupo, desde que estejam inseridas numa faixa etária de 09 a 16 anos. Essas meninas, no âmbito dessa organização, são denominadas *sócias*.

Participa da organização local de cada grupo uma coordenadora (membro da igreja do gênero feminino), que conduz os trabalhos do grupo de estudos. Além dessa coordenadora, há uma diretoria constituída pelas próprias sócias da Organização Mensageiras do Rei. Essa diretoria, por sua vez, compreende uma presidente, uma vice-presidente, uma diretora de música, uma secretária, uma líder de sociabilidade e uma líder de serviço real. Todas são eleitas por votação em eleição realizada entre as próprias mensageiras. A coordenadora e o pastor da igreja são membros *ex-offício* da diretoria, tendo direito a voto durante as reuniões deliberativas. As demais meninas constitutivas do grupo seguem as orientações estabelecidas pelas integrantes da referida diretoria e pela coordenadora do grupo, cabendo a elas participarem das atividades propostas.

De acordo com o manual da Organização Mensageiras do Rei (2007), cada membro da diretoria deve exercer atribuições em conformidade com suas funções. Assim sendo, cabem à presidente e à vice-presidente os deveres estabelecidos na Figura 4:

FIGURA 4 - Deveres da Presidente e Vice-presidente da Organização Mensageiras do Rei

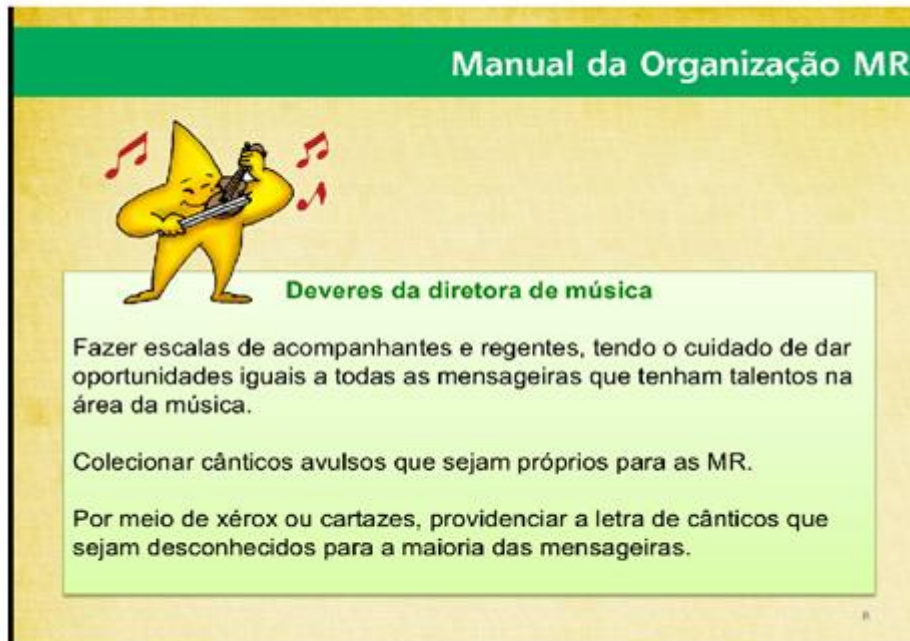


FONTE: <http://ufmbb.org.br/mr/>

Por meio da descrição de cargos acima mencionada, observamos que tanto a presidente quanto a vice têm a oportunidade de exercitar o espírito de liderança, podendo coordenar as reuniões, dependendo da situação. A esse respeito, Gramigna (2002 *apud* ARAÚJO, 2017) comenta acerca da importância do exercício da liderança, apontando sua relevância como um meio de estabelecer parcerias e estimular a atuação contínua e consciente, bem como o crescimento da equipe. A autora ainda acrescenta que deve haver, por parte do líder, a motivação e a captação dos esforços de todos os integrantes da equipe, dispendo-os como peças-chave do processo e valorizando-os em cada etapa. Um líder, antes de tudo, pode desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe, visando à evolução da organização a que pertence. Aprender esses princípios, desde cedo, refletirá nas ações futuras das mensageiras.

Destacamos também a função de diretora de música, sendo conferidas a esta as seguintes atribuições, descritas na Figura 5, abaixo apresentada:

FIGURA 5 - Deveres da Diretora de música da Organização Mensageiras do Rei



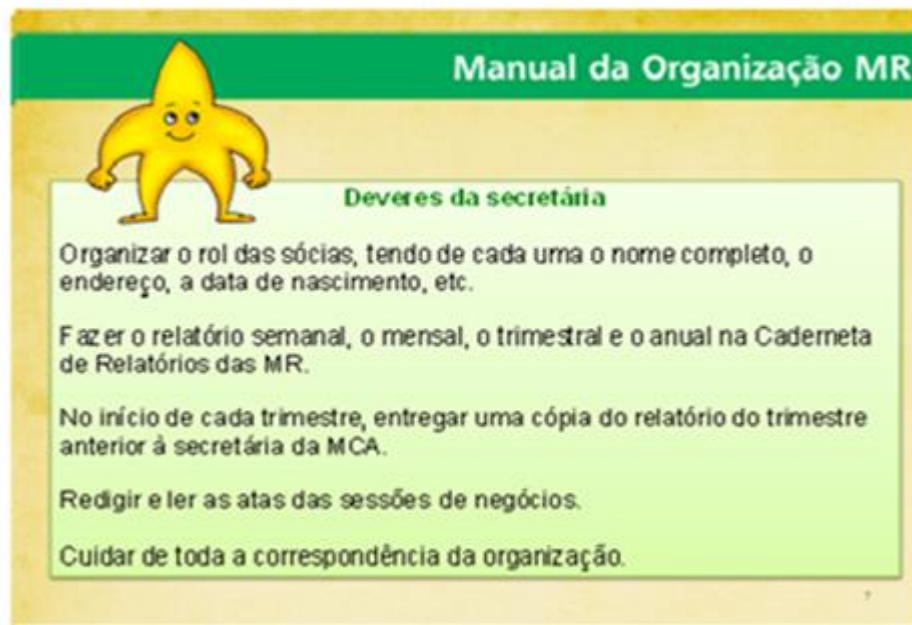
FONTE: <http://ufmbb.org.br/mr/>

Essa função é tão importante quanto as demais. No entanto, o estudo e o uso de escalas e regência dos louvores não são frequentes, em razão de a maioria das igrejas não possuir ministros de louvores com tais habilidades para ensinar às meninas atuantes na organização. Sendo assim, o cargo fica limitado a colecionar os cânticos, geralmente relacionados com os estudos a serem ministrados, e a ensaiar o hino da organização.

A música é uma ferramenta de suma relevância para o desenvolvimento cognitivo. Na infância, em especial, o seu uso é apresentado como “um conjunto de estímulos que proporcionam o desenvolvimento das fibras nervosas capazes de ativar o cérebro e dotá-lo de habilidade” (COSTA, 2002). De acordo com essa ideia, quanto mais cedo a criança for exposta ao mundo musical, melhores resultados serão obtidos no desenvolvimento das suas habilidades motora, afetiva e social.

Na diretoria, outro cargo que merece destaque é o de secretária. Cabem a ela as atribuições apresentadas na Figura 6, propostas no manual das Mensageiras do Rei, conforme expomos a seguir:

FIGURA 6 - Deveres da secretaria da Organização Mensageiras do Rei



FONTE: <http://ufmbb.org.br/mr/>

A menina responsável pela atividade de *secretária na organização MR* tem uma série de deveres a cumprir. Dentre eles, está uma quantidade razoável de práticas de escrita, sendo assim exposta a alguns gêneros que não são tão comuns à sua faixa etária, como são os casos da *ata* e do *relatório*, por exemplo. O contato da mensageira com essas práticas de letramento é imprescindível tanto para o seu desenvolvimento no domínio da escrita como para sua formação cidadã.

Outro cargo da organização é o de *líder de sociabilidade*. A menina mensageira que cumpre essa função, segundo o manual da organização, é responsável por ações direcionadas a demandas sociais, tais como: organização de eventos, atividades de lazer e receptividade. Corroborando essa informação, trazemos a Figura 7, abaixo:

FIGURA 7 - Deveres da Líder de sociabilidade da Organização Mensageira do Rei



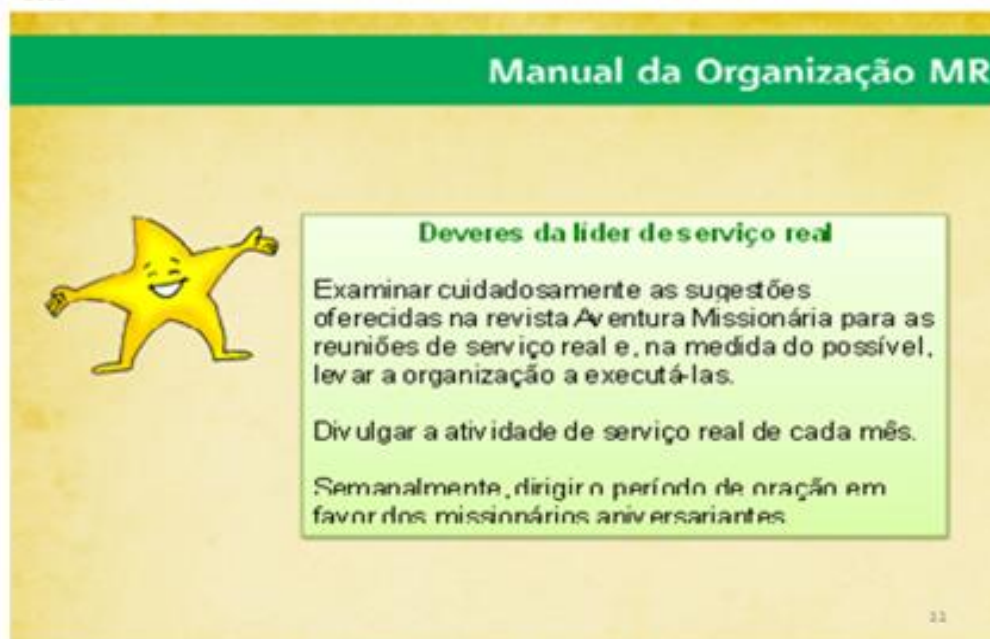
FONTE: <http://ufmabb.org.br/mr/>

Em outras palavras, a *líder de sociabilidade*, como o próprio nome nos permite inferir, é aquela que conduzirá as demais integrantes a um ambiente onde se trabalham a harmonia e os relacionamentos por meio de atividades recreativas e sociais. Estudos apontam a importância da recreação no desenvolvimento social e cognitivo da criança.

A esse respeito, Lopes (2006, p. 110) pontua alguns benefícios do exercício da atividade lúdica/recreativa para o desenvolvimento infantil. Dentre eles, está o fato de ela melhorar o relacionamento interpessoal e a socialização, como também a autoestima, além de proporcionar prazer, alegria e inclusive, o despertar para a criatividade.

A *líder de serviço real*, por sua vez, responsabiliza-se por conduzir as demais mensageiras ao serviço, ou seja, a servir no meio social em que estão inseridas. Nessa função, encontram-se imbuídos a obrigação com o outro e o exercício do viver em sociedade, visto que não somos seres isolados. Desse modo, enxergar o seu papel diante do meio em que se está inserido é fundamental na construção do caráter, das relações pessoais e do viver em harmonia, o que exige de cada um o cumprimento de regras de convivência, como boas maneiras e respeito mútuo. Preocupar-se com o outro e praticar o exercício de servir são aspectos fundamentais para a construção de uma sociedade mais humanizada. Ilustrando esse pensamento, apresentamos a Figura 8 referente ao manual:

FIGURA 8 - Deveres da Líder de serviço real da Organização Mensageira do Rei



FONTE: <http://ufmbb.org.br/mr/>

Essa líder também tem a responsabilidade de organizar reuniões para planejar as atividades a serem realizadas trimestralmente, observando as sugestões da revista *Aventura Missionária*. Essas sugestões podem ser acolhidas ou não, inclusive adaptadas à realidade local. Mesmo sendo organizadas pela líder de serviço real, cabe à presidente da organização fazer a convocação do grupo para as reuniões.

Nas reuniões dos PGMs, todas as integrantes participam. Os membros da diretoria ficam responsáveis por alguma atribuição, no entanto, a coordenadora pode atribuir às demais mensageiras o exercício de alguma atividade, para concretizar o evento.

4.2 Ambientes/domínio

Os usos da leitura e da escrita permeiam diversos espaços e variam de acordo com os propósitos de cada indivíduo. Compreende-se, então, que os denominados *ambientes* são os lugares onde circulam essas atividades e onde se dá a interação entre participantes por meio de leituras e escrita. Hamilton (2000) explica que os ambientes correspondem às circunstâncias físicas imediatas nas quais a interação acontece. Quanto ao domínio, refere-se às práticas dentro das quais o evento acontece, considerando seus sentidos e suas funções sociais.

A partir dos aportes teóricos, identificamos que o domínio, foco da nossa pesquisa, em que se inscrevem as atividades desenvolvidas pelas coordenadoras e mensageiras do Rei é o religioso. Trata-se do ambiente onde se efetivam suas práticas de leitura e escrita, subscrevendo as ações descritas anteriormente, no subitem 3.1.2, por Paz (2008) e Meurer (2005), que ressaltam a influência do ambiente nas ações dos sujeitos.

A maneira como os participantes pesquisados fazem uso das leituras e suas condutas é fortemente direcionada pelo ambiente. Observamos que os trabalhos sempre são dirigidos pelos membros da diretoria da Organização Mensageiras do Rei, juntamente com a coordenadora.

Em termos de espaço físico, os trabalhos do PGM geralmente são desenvolvidos em residências, tendo como anfitriã uma das mensageiras. Essas reuniões são realizadas sob a orientação da coordenadora local, que geralmente ministra os estudos, ficando alguns membros da diretoria responsáveis pela reflexão, pela dinâmica, pela leitura e pela acolhida de visitante, enfim, por quase toda execução do trabalho.

Registramos, através de imagens, um desses encontros, ocorridos em uma das residências de uma das mensageiras, em que trabalharam o PGM (Figura 09).

FIGURA 09 - Reunião realizada na casa de uma mensageira, desenvolvendo o Pequeno Grupo Multiplicador - PGM.



FONTE: ACERVO DA PESQUISA

A imagem imprime um envolvimento entre as integrantes. Podemos também ver livros postos sobre cadeiras, traduzindo que foram feitas leituras, visto que há toda uma organização que envolve e orienta esses encontros.

Em algumas vezes, em consenso, é realizada a divisão do grupo em duas turmas, ocorrendo o estudo em dois ambientes, em duas residências, dependendo do espaço físico de que dispõem. Tais eventos transcorrem no mesmo período e horário, tendo como base as mesmas propostas de estudo e dinâmica.

Quando são realizados esses encontros, percebemos que as participantes se envolvem mais, de modo que há uma interação maior, pois se sentem mais motivadas de levarem amigas para participarem das atividades, uma vez que o intuito do PGM é multiplicar participantes. Acreditamos que a mudança de ambiente, saindo da sala de aula na igreja para uma residência, já causa um maior estímulo à participação na reunião.

O próximo registro (Figura 10) apresenta mais uma reunião, agora na residência da coordenadora local, momento em que as participantes aproveitaram para, além de desenvolverem o PGM, realizarem a “reunião culinária”, ocasião em que compartilham alguma receita e também a produzem. Todos esses momentos têm sempre como bússola norteadora a leitura da bíblia, em conjunto com as orientações da revista *Aventura Missionária*, que traz estudos de textos reflexivos.

FIGURA 10 - PGM com desenvolvimento de receita culinária



FONTE: ACERVO DA PESQUISA

A formação dos PGMs começa a partir da construção da revista *Aventura Missionária*, que traz as orientações a serem realizadas para sua aplicação. Assim, podemos afirmar que *domínio* inicial se constitui na editora Nacional da União Feminina Brasil, no estado do Rio de Janeiro, na Rua Uruguai, 514, no bairro da Tijuca, local onde se desenvolvem toda a literatura e consequentes orientações para a organização.

A imagem que apresentamos a seguir expõe a parte externa da Sede Nacional da União Feminina Missionária Batista do Brasil, à qual estão subordinadas todas as Organizações Mensageiras do Rei e onde acontecem as edições das literaturas.

FIGURA 11 - SEDE NACIONAL DA UFMBB - RIO DE JANEIRO/RJ



FONTE : <http://www.ufmbb.org.br/>

No tocante ao *ambiente* onde se realiza a maior parte dos estudos do grupo pesquisado, consiste nas dependências da Primeira Igreja Batista da Convenção, na rua João Alexandre, s/n, centro, na cidade de Angicos/RN.

FIGURA 12 - Primeira Igreja Batista da Convenção em Angicos/RN



FONTE : ACERVO DA PESQUISA

Nesse espaço físico, existem carteiras/cadeiras para acomodar as mensageiras, mesa, cadeira para a professora, projetor de imagem (data show), computador, quadro branco e pincel atômico, ou seja, materiais que auxiliam no desenvolvimento do trabalho.

Por vezes, as Mensageiras do Rei, juntamente com sua coordenadora local, executam suas atividades para além dos muros da igreja, momento em que suas práticas religiosas se

imbricam com suas práticas sociais. Nessa oportunidade, compartilham leituras bíblicas e vivenciam o que aprendem em seus encontros.

Nessa comunidade de prática discursiva, seus encontros, algumas vezes, variam de ambiente. É relevante também destacar que cada coordenadora local é livre para planejar e realizar as atividades, conforme as necessidades e a decisão do grupo trabalhado. No entanto, esses encontros são sempre mediados por textos religiosos, um variado número de instrumentos de trabalho e artefatos materiais, assunto de que iremos tratar na seção a seguir.

4.3 Artefatos

O dicionário apresenta a seguinte definição acerca do termo *artefato*: é um produto ou objeto desenvolvido a partir de uma produção mecânica, para uma finalidade específica. Hamilton (2000) conceitua como ferramentas materiais e acessórios envolvidos na interação, inclusive os textos, ou seja, qualquer instrumento que viabilize a interação entre sujeitos em suas práticas sociais, desde que mediado por textos.

No âmbito das práticas pesquisadas, encontramos um variado número de artefatos de domínio da Organização, utilizados em suas práticas corriqueiras, como a Bíblia, que é de uso específico do domínio religioso, carregando uma gama de representatividade nesse contexto. As leituras desse artefato são sempre norteadoras para todos os estudos.

Os encontros dos PGMs são orientados através da revista trimestral *Aventura Missionária* (Figura 13), que traz matérias importantes para o desenvolvimento do caráter cristão dessas meninas e de seus relacionamentos pessoais, abordando temas como valores, relações humanas e escolhas de profissão, como também estudos e atividades para serem desenvolvidas durante os encontros.

FIGURA 13 -Revistas Aventura Missionária, publicada trimestralmente



FONTE: <http://www.ufmbb.org.br/loja/>

A revista *Aventura Missionária* é interativa, constituída de páginas com muitas imagens, o que torna o material visualmente colorido e jovem para atrair seus possíveis usuários. Além de possuir textos que descrevem uma conjuntura presente na realidade de cada adolescente, traz discussões relacionadas ao viver da faixa etária das integrantes da Organização, levando-as a uma reflexão acerca de si e do mundo à sua volta.

O referido artefato é sempre utilizado nas reuniões de PGMs, direcionando-as no evento. Tais direcionamentos encontram-se nas páginas destinadas aos estudos e na seção denominada *Aventura Real*. No entanto, seu rico acervo de conteúdos se constituem importantes elementos textuais para o aprimoramento cognitivo, emocional e espiritual das suas leitoras.

Retomando as palavras de Cole (1998 *apud* PAZ, 2008), quando advoga sobre os *artefatos*, apresentando-os como materiais que se incorporam às ações humanas com determinado objetivo, a fim de atingir metas, percebemos que o *artefato* em análise, orientador das reuniões do PGM da Organização Mensageiras do Rei, objetiva trabalhar não somente a vida espiritual das integrantes, mas também o emocional e suas relações sociais.

Nessa perspectiva, observemos na figura abaixo o sumário de uma das edições da revista *Aventura Missionária*.

FIGURA 14 - Sumário de uma das revistas Aventura Missionária

SUMÁRIO

<ul style="list-style-type: none"> • MATÉRIAS • Valores • Irmãos do coração 2 • Relações humanas • Mensageiras da paz 4 • Tome cuidado! • Violência por invasão da privacidade 6 • Escolhendo a profissão • Medicina do futuro 8 • Missões Nacionais • Ana Carolina encontra transformação em Jesus 10 • Missões Mundiais • Esperança para consolar 12 • Seguindo os passos de Jesus 14 • Em turma 16 • Histórias de virar a cabeça 18 • O sorvete da felicidade • O primeiro idioma da terra 	<ul style="list-style-type: none"> • SEÇÕES • Vídeo legal 5 • Passatempo bíblico 19 • Passatempo missionário 20 • Clube do livro real 21 • De bem com a vida 22 • Ecologia 24 • Agenda trimestral 25 • Nossa turma em fotos 26 • Nova logo das MR 27 • Objetivos para a organização MR - 2018 59 • Orientação para a liderança 60 • Missionários aniversariantes 61
--	---

ESTUDOS E ATIVIDADES	
<ul style="list-style-type: none"> • ESTUDO 1 • Deus: Criador amoroso de tudo o que existe 28 • Serviço Real - Outubro 32 • ESTUDO 2 • A maior prova do amor de Deus 33 • Aventura Real - Outubro 37 • ESTUDO 3 • Jesus Cristo: Deus entre os homens 38 • Serviço Real - Novembro 42 	<ul style="list-style-type: none"> • ESTUDO 4 • Jesus Cristo: Deus feito homem 43 • Aventura Real - Novembro 47 • ESTUDO 5 • O verdadeiro sentido do Natal 48 • Serviço Real - Dezembro 52 • ESTUDO 6 • Jesus Cristo: Salvador dos que invocam seu nome 53 • Aventura Real - Dezembro 57 • A turma em confraternização 58

FONTE: Revista Aventura Missionária - Edição 4T/17

Nas páginas da revista em foco, encontramos assuntos como “irmão do coração”, que traz para o palco discursivo a matéria a respeito de adoção de crianças, visto que na idade da adolescência, muitas vezes, há uma barreira em aceitar novos irmãos, principalmente adotivos. Dentre outros artigos, identificamos o exposto na seção *clube do livro real*, que geralmente é escrito pela mensageira Leilane Samaniego, ocasião em que faz a indicação de alguma leitura a cada trimestre, apresentando uma resenha do livro indicado. Esse trabalho constitui um importante incentivo à leitura, despertando a curiosidade da mensageira para ler e conhecer o livro exposto em cada trimestre.

No âmbito das práticas dos PGMs, o referido artefato destina a seção intitulada de *estudos e atividades* para ser trabalhada durante os encontros, que envolve leituras e escritas. Geralmente, um número de seis estudos são selecionados para cada trimestre, com vistas a serem realizados. Eles vêm sempre com orientações que direcionam a sua aplicação.

Além dessa revista, a comunidade específica lança mão de um grande número de *artefatos* que são utilizados nas demais reuniões do grupo, dentre os quais destacamos os seguintes:

- ✓ Ata (para registro das reuniões de planejamento trimestral e eleições da diretoria)
- ✓ Revistas das etapas (necessárias para mudarem de etapa e serem graduadas)
- ✓ Livros biográficos (que trazem biografias missionárias)
- ✓ Certificado (entregue no final do curso)
- ✓ Bandeira da Organização MR (devendo estar presente nas reuniões)
- ✓ Caderneta de relatórios
- ✓ Bíblia (instrumento norteador em todas as reuniões)

Agregam-se à relação de tais instrumentos os cadernos, materiais de rascunhos, dos quais a coordenadora e, por vezes, alguma mensageira se utilizam para fazerem anotações de estudos a serem compartilhados ou não nas reuniões subsequentes.

4.4 Atividades

A sociedade é movimentada por meio das ações de seus respectivos agentes sociais. As diversas atividades realizadas por estes é a mola propulsora que move os mais diversos domínios que constituem uma comunidade, podendo ser família, igreja, escola, trabalho, dentre tantas outras esferas.


Ao adentrarmos nos eventos e nas práticas de letramento em observação, identificamos que as atividades são sedimentadas na visão de uma prática que venha atravessar aquele ambiente e que se faça presente em suas ações diárias. Em sua maioria, são desenvolvidas coletivamente, com a participação de todos, sob o olhar e orientação da coordenadora.

Apesar de as coordenadoras contarem com o ato discricionário, existindo liberdade quanto ao planejamento e à ação das atividades, estas contam com um importante instrumento norteador, que são as revistas trimestrais, as quais trazem em seu escopo orientações e ideias de como desenvolver as atividades durante o trimestre. Tais revistas sempre contêm

direcionamentos, guias para que os encontros sejam participativos, sob a direção do Pequeno Grupo Multiplicador (PGM).

Nesses encontros do PGM, as atividades são sempre divididas entre algumas messageiras, contando com as seguintes orientações: boas-vindas, tempo de cantar e tempo de orar (momento em que a messageira responsável levará informações, contidas na revista, sobre missionários para que orem por estes). Trazem também o momento da dinâmica (quebra-gelo), que é uma sugestão da revista, mas que pode ser modificada a critério da messageira, conforme acordado com sua coordenadora. Por fim, temos o tempo da reflexão/estudos, que pode ser desenvolvido com a participação de messageiras ou somente com a orientadora (Figura 15).

FIGURA 15 - Orientações para a realização de uma reunião de PGM



Aventura Real

8º ENCONTRO

A TURMA EM CONJUNTO E NOS PGMs

TEMA: **O sorvete da felicidade** (p. 18)

O encontro ocorre nas dependências do templo, em três momentos: em conjunto, em PGMs e em grupos. Dependendo do espaço, os PGMs e os grupos podem se reunir em salas separadas.

EM CONJUNTO

Boas-vindas: A vice-presidente dará as boas-vindas e orará pelo encontro.

Quebra-gelo (5min): Uma MR perguntará: Em momentos de dificuldade, como você se sente quando alguém a trata com generosidade? As meninas poderão compartilhar suas experiências. Ao final, a MR fará a leitura de Colossenses 3.12.

Tempo de orar pelos missionários (5min): Seguindo as orientações da página 64, a líder de serviço real conduzirá o momento de oração.

Tempo de cantar (5min): A cargo da líder de música.

compaixão pode transformar situações adversas em momentos agradáveis, tanto para os que nos cercam quanto para nós. Para encerrar, fará as perguntas abaixo, para reflexão e compartilhamento:

1. Mesmo sabendo que lhe custaria algo, o sorveteiro agiu com amor ao próximo. Você faria o mesmo em uma situação semelhante?
2. O que mais chamou sua atenção na história do sorveteiro?
3. Cite exemplos de como transformar uma situação ruim em um momento agradável.

Tempo de orar (10min): Em duplas, cada menina fará seu pedido, e uma orará em favor da outra.

Tempo de multiplicar (5min): As meninas trocarão entre si os cartões "Meu alvo". Cada uma intercederá silenciosamente em favor das pessoas cujos nomes constarem no cartão recebido. Ao final, os cartões serão devolvidos.

NOS PGMs

Tempo de compartilhar (20min): A líder do PGM apresentará a história "O sorvete da felicidade". Em seguida, fará este comentário: Um gesto de generosidade e

TEMPO DA AVENTURA REAL (40 min)

Para as visitantes: Reunidas em um só grupo, as visitantes pensarão em ações que possam mudar situações adversas. Antecipadamente, a orientadora deverá colocar em uma caixa vários papéis com exemplos de situações adversas. O grupo irá sortear pelo menos três situações e pensar em possíveis ações para transformá-las positivamente.

Para as MR: Agrupadas de acordo com a etapa em que se encontram, as MR deverão se ocupar em atividades da Aventura Real.

Quarto Trimestre de 2017 : : 47


FONTE: Revista Aventura Missionária - Edição 4T/17

Nessas atividades, o grupo das Mensageiras do Rei, juntamente com sua orientadora, sempre se utiliza de estudos que trazem reflexões acerca de questões que fazem parte das vivências dessas meninas e que correspondem às suas respectivas faixas etárias. São assuntos que abrangem namoro, relacionamento entre pais e filhos, amizade, mentiras e comportamentos, sempre levando essas meninas, à luz das Escrituras Sagradas, a refletirem

sobre qual deve ser a sua atitude e como agir com sabedoria. Além disso, é trabalhado o espírito de liderança, visto que nesses encontros quase toda a responsabilidade da realização é atribuída às mensageiras.

Essas reuniões são sempre mediadas por leituras e suas participantes são levadas a fazerem uso da Bíblia. Além disso, elas podem complementar com outros textos/estudos, utilizando-se de leituras participativas, com discussões e reflexões sobre textos lidos, fazendo uma relação com o seu viver e com as suas práticas cotidianas. Observemos o texto (Figura 16) que deu origem ao PGM apresentado na Figura 15.

FIGURA 16 - Texto base para o desenvolvimento do estudo de um PGM



Histórias de unir a cabeça

O sorvete da felicidade

A revista Homiletics relatou o fato de que, em certa cidade americana, houve um enorme engarrafamento. Debaixo do sol da tarde, pegajosas de tanta umidade, as pessoas estavam visivelmente aborrecidas.

No engarrafamento, estava preso também um vendedor de sorvete. Cansado daquela lentidão, ele desceu do caminhão, foi lá atrás, abriu uma caixa, pegou um sorvete e começou a degustá-lo pacientemente. No carro logo atrás, estavam quatro crianças, cujos olhos começaram a crescer de vontade de estar no lugar daquele feliz. O sorveteiro, percebendo isso, voltou à caixa, pegou quatro sorvetes, foi ao carro e os ofereceu às crianças. A farra não parou por aí. Aos poucos, o homem foi rodeado de uma verdadeira multidão. Quando o trânsito por fim se pôs a andar, o homem já havia esvaziado quatro caixas, que ele decidiu pagar do seu bolso à empresa para a qual trabalhava.

De volta à fábrica, o sorveteiro foi chamado imediatamente à sala do gerente. Para sua surpresa, em vez de receber qualquer repreensão ou ser demitido, foi parabenizado pelo gerente, que lhe disse: "Foi a melhor investida de relações públicas em muitos anos." Vários pais haviam ligado para a empresa, elogiando a bondade do funcionário que, com seu gesto, havia transformado uma situação frustrante num momento de prazer.

O primeiro idioma da terra

Conta Earl A. Loomis Jr. que, no século XIII, o Imperador romano chamado Frederico achou que seria de grande utilidade para os homens saberem qual teria sido nosso primeiro idioma. O hebraico? O grego? O latim?

Intrigado, Frederico mandou que se fizesse a seguinte experiência: vários bebês seriam isolados de qualquer convívio com os demais seres humanos. Segundo ele, sem nenhum contato com os idiomas falados, os bebês se expressariam naquilo que teria sido o idioma original dos homens.

A alimentação dos bebês foi confiada a amas de leite, cuja única função seria amamentá-los. Mas antes elas tiveram que fazer o juramento de que jamais produziram qualquer som junto desses bebês.

Em completo silêncio, as amas faziam seu trabalho. Assim, desde o seu nascimento, os bebês jamais ouviram qualquer palavra ou som de um ser humano.

Um ano depois, o resultado da experiência foi este: todos os bebês haviam morrido.

João Soares da Fonseca
Pastor - Rio de Janeiro - RJ - jsoaresc@gmail.com

FONTE: Revista Aventura Missionária - Edição 4T/17

Esse texto, que mediou as discussões do grupo de estudo da organização pesquisada, gerou para as Mensageiras do Rei relevantes ensinamentos. O momento foi construído por meio de muitas interações, já que todas conseguiam emitir algum valor apreendido através da leitura e dos questionamentos levantados.

O fato de as mensageiras participarem ativamente dos encontros, visto que há divisão de tarefas, revezadas entre elas, quase que rotineiramente, apresenta-se como uma prática que vem a auxiliar em suas ações sociais, como podemos observar no relato dessa colaboradora:

Sempre percebi que no colégio eu tinha muito mais facilidade em apresentar trabalhos, à frente, para todos os colegas, visto que na organização temos que fazer apresentações e liderar reuniões [...] (EXMR NOEMI).

Tais ponderações levam-nos a inferir que esses encontros são muitos mais do que práticas religiosas, pois se constituem em atividades que contribuem para um aprimoramento no viver dessa participante, preparando-a para dar conta de tarefas de outros domínios sociais (nesse caso, os afazeres da escola).

As atividades da Organização Mensageiras do Rei são desenvolvidas semanalmente, todos os sábados à tarde, sendo reservado um sábado para a realização dos PGM. No entanto, algumas das coordenadoras, colaboradoras da nossa pesquisa, desenvolvem o trabalho em dias e horários diferentes, em virtude da liberdade e conveniência que cada uma dispõe, adaptando o trabalho de acordo com a realidade de cada região e observando o tempo mais adequado para desempenharem suas atividades.

A Organização Mensageiras do Rei observada desenvolve um trabalho bem dinâmico. Algumas vezes, as participantes encontram-se para realizar uma receita culinária, por exemplo. Porém, há também momentos direcionados ao cuidado com o corpo, como o encontro denominado “dia do esporte”, momento em que elas realizam alguma atividade física, sob a orientação de um educador físico, pertencente à denominação ou da própria comunidade, em alguma quadra de esporte da cidade.

Outra atividade externa é a prestação de serviço social, denominada de *serviço real*. As participantes ficam bem animadas em realizá-la. Geralmente, saem para fazer visitas a várias pessoas da comunidade, no intuito de compartilharem um pouco das Escrituras Sagradas. Nesses momentos, elas leem versículos bíblicos, anteriormente estudados, e dividem com pessoas da comunidade essas leituras, podendo ser idosos, adultos, pessoas sem teto, pois não

há distinção. Buscam levar uma palavra de alento aos corações e também alguma ajuda material, quando necessário.

5 AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO DA ORGANIZAÇÃO MENSAGEIRAS DO REI – CONSTRUINDO AGENTES REFLEXIVOS

Em consonância com as discussões suscitadas no capítulo teórico, intencionamos neste quinto capítulo, investigar como os eventos de letramento da organização Mensageiras do Rei dialogam com as práticas sociais das suas integrantes. Cumprindo mais um objetivo da nossa pesquisa e assim responder a mais uma inquietação.

Observamos que as vozes que ecoam das seções anteriores, referentes aos estudos sobre o letramento crítico e religioso, solidificam-se no discurso e nas ações do domínio da nossa pesquisa, a Organização Mensageiras do Rei. Tal entendimento imprime a ideia de que as palavras não são neutras, nem vazias de significado, mas trazem consigo um compromisso de vivenciá-las ou não. Esse posicionamento pode nos tornar agentes reflexivos acerca da realidade, ocasionando mudanças para si e refletindo no meio em que estamos inseridos. Esse é o foco do assunto que iremos tratar neste momento.

No tocante às atividades desenvolvidas pela Organização Mensageiras do Rei, podemos observar que nelas encontram-se imbuídas as ideias trazidas por Freire (1987), referentes a aprender em reciprocidade de consciências. Dessa forma, não existe um professor, mas um coordenador, o qual tem a função de apresentar informações solicitadas pelos respectivos participantes e proporcionar condições favoráveis à dinâmica de grupo, utilizando-se do diálogo.

Essas ponderações instauram-se na dinâmica de trabalho executada nos encontros entre as mensageiras e a coordenadora, que são sempre partidárias ao desenvolvimento da consciência cristã da própria menina, levando-as, à luz dos ensinamentos bíblicos, a construir seu próprio entendimento, a moldar suas atitudes, a fim de refletir positivamente em suas práticas sociais, conforme pudemos observar no estudo apresentado através das Figuras 15 e 16, no capítulo anterior, *Perfilando o letramento na Organização Mensageiras do Rei*, na seção *Atividades*.

As atividades estabelecidas nos encontros de PGM seguem uma dinâmica que dá voz a cada mensageira, oportunizando-a a expressar suas opiniões acerca de um variado número de assuntos. Ao mesmo tempo, tal trabalho leva essas meninas a um leque de reflexões sobre suas

ações diante do mundo. Baseando-se nesse pensamento, apresentamos a seguir a Figura 17, abordada em um encontro da organização:

FIGURA 17 - Texto escrito para a seção "Comportamento" da revista Aventura Missionária



Diga não à corrupção!

Você sabe o que significa corrupção? Segundo o dicionário, é o ato ou efeito de corromper, que é o mesmo que tornar podre, estragar, decompor. O calor, por exemplo, corrompe certos alimentos.

Hoje, em geral, a palavra corrupção tem sido empregada com o sentido de suborno, que é o ato ou efeito de subornar. Quer um exemplo? A testemunha, que havia sido subornada pelo acusado com cinco mil reais, prestou depoimento falso. Subornar, portanto, significa comprar alguém (com dinheiro ou não) para obter alguma vantagem pessoal.

A pessoa corrupta, na verdade, está pensando apenas em si própria, o que a leva a desprezar o próximo. E você pode imaginar uma sociedade em que cada pessoa pensasse apenas em si mesma? Seria um caos, você não acha? Numa sociedade assim, valeria agir de qualquer maneira: com desonestidade, com mentiras, com trapaceas...

A vida em sociedade exige regras, que precisam ser respeitadas

por todos. Também é preciso que as pessoas observem certos princípios, a fim de que as relações interpessoais (entre as pessoas) possam ser agradáveis. Dentre esses princípios, destaco a verdade. Veja o que diz Provérbios sobre ela:

"Quem fala a verdade manifesta a justiça; porém a testemunha falsa produz a fraude."

"Os lábios mentirosos são abomináveis ao Senhor; mas os que praticam a verdade são o seu deleite."

Provérbios 12.17 e 22

A corrupção está diretamente ligada à falta da verdade. É que a pessoa corrupta também é mentirosa, uma vez que, para conseguir o que deseja, ela mente, trapaceia e até prejudica o próximo. E o hábito de sempre falar a verdade tem que ser uma das marcas do verdadeiro cristão. Em todas as relações que estabelecemos com nossos

semelhantes, temos que ser sinceros e exatos em nossas palavras, para que ninguém duvide do que dizemos nem nos chame de mentirosos. Quem fala a verdade, além de estar agindo de modo correto, está contribuindo para que ninguém seja prejudicado.

A professora de Marina havia dado matéria nova e avisado a turma de que cairia na prova. Marina não estudou e tirou uma nota baixa. Quando seus pais viram a nota, perguntaram-lhe o que havia acontecido. Marina, então, disse que a professora não havia ensinado direito a matéria. Seus pais ficaram zangados e foram ao colégio reclamar da professora. Por causa de uma mentira, a professora foi chamada à direção para explicar o que havia acontecido. Por não ter assumido seu erro, de certa forma, Marina prejudicou a professora.

Como mensageira do Rei, você deve agir como seu Rei em todos os momentos da sua vida. E Jesus sempre falou a verdade. Desse modo, ele deixava sua marca por onde passava. É assim que você também deve agir. Fale sempre a verdade, a fim de que aqueles que convivem com você possam aprender a agir com honestidade e justiça. Assim, você estará ajudando a construir uma sociedade mais justa e solidária. Pense nisso!

Lidia Barros Pierott Moreira

Coordenadora Nacional de AM - UFMBB
Rio de Janeiro - RJ

Nesse artigo, encontramos ensinamentos voltados ao letramento crítico, com vistas a desenvolver a politização de suas participantes, ideais também apregoados por Freire (2001). Esses ensinamentos favorecem o desenvolvimento da consciência acerca do dever de cada uma enquanto cidadã e da justiça social, apresentando ações pautadas na verdade, dever de todos os agentes sociais. A revista *Aventura Missionária* traz para o palco das discussões, na Organização Mensageiras do Rei, um assunto tão debatido no mundo contemporâneo – a corrupção.

O texto é escrito em uma linguagem jovem, a fim de se tornar mais compatível com a linguagem de suas leitoras. Além disso, traz exemplos que se coadunam com a faixa etária do público leitor, buscando expandir a sua concepção sobre o assunto abordado, trabalhado por meio de debates e diálogos.

Seguindo essa explanação, convém inferir que esse *domínio*, além de trazer assuntos relevantes, estabelece uma dinâmica que favorece o direito de suas sócias ao pronunciamento, contribuindo para trabalhar o aspecto reflexivo e a valorização quanto à opinião de cada uma, na perspectiva de contribuir para o desenvolvimento de sua *autonomia*. Nessa organização, essas práticas discursivas são regulares. A esse respeito, Freire (1987) conceitua a perspectiva adotada de pedagogia dialógica, construída por meio de diálogos, dando voz ao educando. De forma semelhante, Martins (2012) afirma a importância desse trabalho, incorporando a experiência de leitura e favorecendo a construção de sujeitos participativos.

Ao desenvolver suas atividades, a coordenadora traz os assuntos para a roda das discussões, oportunizando às suas participantes exporem seus pensamentos, de modo a ampliar sua visão de mundo. À medida que essa dinâmica vai se desenvolvendo, observamos que há harmonia quanto ao entendimento do grupo. Dantas (2012) lembra que o fenômeno aderência às formas de pensamento de um grupo social indica não apenas que essa aderência ocorre por causa da solidariedade e da afiliação social, mas pelo fato de que, quando alguém compartilha um pensamento, é possível identificar a que vínculo social está ligado.

Além de promover a consonância das ideias e oportunizar a essas meninas partilharem seus entendimentos e desenvolverem a autonomia do pensamento, identificamos que nessa organização também é trabalhado o protagonismo por meio da distribuição de tarefas e de responsabilidades. Para tanto, são apresentadas para suas participantes oportunidades de atuarem através de realizações de estudos (que pode ser produzido pela própria mensageira), organizações de eventos, compartilhamento de aprendizado, trabalhos que podem contribuir para a melhoria de seu comportamento, enriquecimento da arte de pensar e consolidação da personalidade, ao mesmo tempo que essa comunidade cria oportunidades para que elas possam

praticar o exercício de responsabilidade, à medida que realizam essas tarefas. As mensageiras Eunice e Jemina registram a participação ativa nas atividades:

[...] toda reunião tem o escalamento para quem vai levar um louvor, quem vai dá a palavra, quando não são as professoras (MR EUNICE).

[...] a gente fez uma organização para as crianças da nossa igreja e do bairro, que era uma “tarde alegre” e que nós organizamos tudo, as lembrancinhas, os louvores e eu me senti muito feliz porque nós deixamos alegria nos olhos daquelas crianças com brinquedos, por nós mesmas arrecadados (MR JEMINA).

Pontuamos aqui a importância da solidez da autonomia do educando nessas atividades, lembrando que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 1996, p. 25). Nessa visão, caminham as atividades desenvolvidas nessa organização, apregoando a preocupação em desenvolver o caráter crítico da mensageira, pautado nos ensinamentos bíblicos, para que as meninas se tornem construtoras do seu próprio entendimento. Em outras palavras, há um convite para que se interiorize e repense a sua história. Para tanto, são trabalhadas situações rotineiras da vida de qualquer adolescente, levando-as a refletirem sobre suas atitudes e consequências diante da sociedade, em sua vida familiar e em outros ambientes.

Em entrevista à revista *Aventura Missionária* de 2014, a ex-mensageira Jéssica Reis Silvano, do Rio Grande do Sul, reforça em suas palavras a ideia de transformação que reflete em suas práticas sociais, a partir da mudança de atitude de cada uma, fundamentada em princípios bíblicos adquiridos no período em que frequentou a Organização:

[...] quando estava na organização MR, perguntava-me como eu poderia resplandecer a luz de Cristo [...] hoje, me esforço para refletir a luz de Cristo no meu trabalho. Como assistente jurídica, procuro tratar as pessoas de modo gentil, auxiliando-as na solução de seus problemas, confortando-as e fazendo com que fiquem mais tranquilas e confiantes em Deus, que está pronto a ajudá-las (SILVANO, 2014, p. 38).

Em suas palavras, Jéssica revela que o que aprendeu na organização fez com que resplandessem mudanças em diversos domínios em que atua. Ressalta que o espírito de liderança desenvolvido no período em que participou da organização faz com que se destaque na liderança das atividades acadêmicas. Reforça as suas palavras demonstrando que as mudanças que moldaram seu viver refletem, hoje, no seu trabalho, no convívio familiar, enfim, no seu cotidiano.

Montezano (2006) corrobora as elucidações acima, ao apresentar a religião protestante como matriz socializadora, que se relaciona, em termos de ideais e interesses, com a família e a escola. Dito de outra forma, a igreja mostra-se como uma instância socializadora, criando elos entre vários domínios em que seus adeptos atuam, imprimindo nos seus participantes uma forma diferente de viver, que reflete em suas atitudes. Podemos ainda tomar como exemplo o relato de Marianna Bernardes, ex-mensageira do Rio de Janeiro, que comenta o fato de refletir, no seu trabalho como advogada, os princípios adquiridos no tempo de atuação na Organização Mensageiras do Rei, “trazendo palavras de conforto, dando atenção e promovendo a conciliação, para que as pessoas sejam desafiadas a viver em harmonia” (BERNARDES, 2014, p. 39).

Sob a perspectiva dessa questão, entendemos que, apesar de esses domínios – escola, família, religião – apresentarem-se autônomos, existe um entrelaçamento entre eles, na medida em que transmitem valores fundamentais à formação humana. Assim, o que se aprende nesses domínios vai se agregando na construção do caráter de cada sujeito social, refletindo-se em suas ações nos mais variados contextos em que venham a atuar.

Nesse sentido, o letramento religioso é mais uma fonte de conhecimento, de aprendizagem a que o homem está exposto, de modo que o saber adquirido nesse domínio se perpetua para além dele. Consciente disso, a organização pesquisada vislumbra a ideia de que os assuntos trabalhados devem ser significantes para suas integrantes, para que possam assimilá-los e aplicá-los no mundo em que vivem.

Os reflexos dessas leituras vêm perturbar os paradigmas existenciais das participantes, refletindo em suas práticas e fazendo da presença do letramento religioso uma ação marcante no contexto social. Como exemplo, podemos evidenciar o trabalho da religião protestante, com seus desdobramentos, que tem se manifestado de modo bastante significativo no contexto brasileiro, mostrando-se como orientadora de comportamentos e desempenhando também um papel disciplinador de condutas (MONTEZANO, 2006, p. 59). No que toca a essa questão, algumas mensageiras, na fase de entrevista, pontuam esse assunto, ao comentarem sobre um estudo ministrado, na ocasião, por uma delas, o qual trouxe mudanças em seu modo de agir.

[...] quando eu estava estudando para dá esse assunto, é, esse assunto me tocou muito e me mudou, que foi sobre respeitar os nossos, as nossas autoridades, que é uma coisa que muito, a maioria das pessoas não dá tanto valor assim, aos professores, nossos pais (MR EUNICE).

Observemos também o que cita a ex-mensageira Débora, ao questionarmos sobre a importância da Organização:

Sem dúvida foi uma das experiências mais marcantes de minha vida. No início da adolescência precisamos de referenciais de condutas, precisamos reafirmar valores e tudo nessa organização funcionou para mim como um exemplo de ética cristã, respeito, ajuda mútua, fé, autoestima e cooperação. Considero um privilégio ter os pilares dessa organização em meu caráter e constituição pessoal.

Podemos pensar a respeito da ação desse universo religioso através das leituras e escritas ali desenvolvidas, as quais podem se constituir como alicerces para transformações que começam no interior, no mundo das emoções, crenças, pensamentos, incutindo uma nova forma de pensar, de agir no mundo, ao transformarem as condutas dessas meninas através do aprendizado, gerando agentes de transformação social por meio de suas ações. Tais ações resultam de leituras que desenham um novo *script* para o viver dessa mensageira, as quais se presentificam em suas relações sociais.

Lembremos as palavras de Freire (2001, p. 27), anteriormente citadas, quando afirma que “todo aprendizado deve estar intimamente associado à tomada de consciência de uma situação real e vivida pelo aluno”. Nessa perspectiva, podemos enxergar essa organização como “uma instância [...] considerada parceira na tarefa de transmitir valores, maneiras de agir, de fazer, que orientam ações e práticas” (MONTEZANO, 2006, p. 60), levando suas mensageiras a participarem ativamente da vida em sociedade, valorizando o próximo, buscando condutas justas e equidade social. A seguir, trazemos mais um posicionamento de uma colaboradora

Eu me tornei a pessoa que sou devido à participação da Organização Mensageiras do Rei. Uma pessoa com espírito de liderança, que participa e atua nos grupos em que está inserida, que se relaciona bem com as pessoas, que conhece a Bíblia e principalmente a Jesus Cristo (EXMR NOEMI).

O letramento desenvolvido no contexto pesquisado se traduz em ações transformadoras, no viver de seus agentes, de modo a refletir no meio em que vivem. Através de discussões, busca-se despertar nessas meninas a importância do seu papel diante da sociedade, ao mesmo tempo que intenciona construir consciências críticas e reflexivas acerca do que leem, para que a leitura não seja vazia e, assim, não reflita em seu modo de viver. Desse modo, apesar de se constituírem ações limitadas, em relação à abrangência, coadunam-se com o querer de um viver melhor e, por isso, alcançarão resultados.

Shor (1999) chama a nossa atenção para o poder da linguagem no processo de transformação de si mesmo e do mundo ao redor. Nossas ações refletem nossas identidades, no meio em que vivemos. O autor comenta que nós somos o que dizemos e fazemos. A maneira como falamos e somos falados ajuda a nos moldar nas pessoas que nos tornamos. Através de palavras e de outras ações nos construímos em um mundo que está nos construindo.

Nesse processo de mudanças, a Organização Mensageiras do Rei, como agência de letramento, em suas práticas sociais rotineiras, tem desenvolvido um importante trabalho, a fim de suavizar as diferenças sociais, inserindo no seio da sociedade os excluídos, fortalecendo seus seguidores, trabalhando sua espiritualidade, sem deixar de lado sua autoestima e suas necessidades sociais. Imprime, assim, sua marca transformadora, buscando aliviar as patologias da comunidade em que está inserida.

6 O EXERCÍCIO DA LEITURA E ESCRITA NA ORGANIZAÇÃO MR – FOMENTANDO ESCRITORES

Neste capítulo pretendemos, através de análises, contemplar o último objetivo específico proposto na nossa pesquisa – *analisar os impactos dos letramentos da organização, no exercício da leitura e escrita, na vida da mensageira do Rei*, enxergando essas participantes como escritoras autônomas, que expressam seus pensamentos através da escrita, reflexo de várias leituras realizadas na Organização.

No ambiente da Organização Mensageiras do Rei é muito recorrente a prática da leitura, principalmente no estudo da Bíblia. Essas práticas de leitura realizadas nesse domínio religioso têm se apresentado como instrumento de incentivo à continuidade desse exercício em suas práticas corriqueiras. Essa afirmação é elucidada nas palavras de todas as coordenadoras, quando questionado se elas observam que as meninas passaram a se interessar mais pela leitura ao frequentar a Organização. Para ilustrar isso, temos os seguintes testemunhos:

Sim, elas são desafiadas à prática da leitura, principalmente da leitura da Bíblia, mas também de outros livros, desenvolvendo a comunicação oral e escrita. Uma das experiências marcantes foi o desafio a participar de um campeonato, cuja tarefa era ler todos os livros das MR e elaborar um resumo de cada um, de vez em quando algumas relataram o que tinham lido e, na ocasião, 3 pessoas conseguiram ler todas a coletânea de livros e foram premiadas na frente de várias pessoas (CMR RUTE).

Sim. Principalmente da Bíblia. A mãe de uma delas disse que depois da organização a filha se tornou motivada a participar mais dos cultos e estudar a Bíblia com mais frequência (CMR LIA).

Sim. Algumas já estão escrevendo seu próprio livro (CMR ISABEL).

Sim. Observo uma melhora no relacionamento que essas meninas têm com as práticas de leitura e escrita e tal percepção é endossada pelos relatos


positivos que recebo das mães, em cujas falas elas sempre trazem a influência das atividades realizadas durante as reuniões (CMR SARAH).

Certamente. Sempre aparecem meninas com dificuldades na aquisição da escrita e leitura. Elas precisam ler para memorizar textos, para realizar as tarefas individuais e são auxiliadas pela conselheira ou por quem já lê. Tem uma MR que queria fazer suas atividades sozinha, se esforçou tanto no grupo quanto na escola, hoje está lendo. Faz sua própria leitura, apresenta seu registro escrito em público, avançou na escola, com reconhecimento da própria professora (CEMR – MARIA).

Um detalhe que nos chama a atenção diz respeito ao fato de que os próprios familiares atestam sobre as mudanças na vida dessas meninas. Tais mudanças são oriundas do relacionamento positivo dessas meninas com a leitura incentivada pela Organização. São práticas que refletem para além do contexto religioso, gerando implicações também no âmbito do desempenho escolar de cada uma.

Para reforçar o exposto, trazemos a seguir algumas páginas ou lâminas de textos escritos por ex-mensageiras, fornecidos pela atual Presidente Nacional da União Feminina Batista do Brasil, Raquel Zarnotti dos Santos, publicados em revistas da editora, acrescentando a essas produções textuais. Apresentamos também o texto escrito por uma mensageira pertencente à referida Organização local, na perspectiva de que tenhamos uma compreensão de como as práticas de leitura no período de vivência nessa organização fomentaram e fomentam ações exitosas, auxiliando na formação do exercício da cidadania, fazendo com que esse indivíduo possa se pronunciar diante da sociedade, com sua própria voz, por meio de suas produções textuais.

FIGURA 18 - Texto escrito por ex-mensageira do Rei, exposto na seção "Relações humanas", da revista Aventura Missionária.



Inclusão

Olá! Eu sou a Cristina, do 8º ano A, e vou compartilhar sobre minha nova escola com vocês.

No primeiro dia de aula, recebemos algumas orientações especiais: Deixem à direita do corredor um espaço um pouco maior, pois Alice precisa para passar com sua cadeira de rodas; no 6º ano B, o Heitor será acompanhado do seu intérprete de LIBRAS; e no 1º ano, o Gabriel, do professor de Educação Especial, pois ele é autista.

Nesse dia, descobri que a escola obedece às leis e acolhe os alunos com necessidades especiais, por isso houve reformas, palestras, oficinas, adequações, rampas, trocas de portas... No início, foi um pouco difícil, parecia bagunçado. Achei um pouco estranho. Como assim eu estudaria em uma escola cheia de gente "desse jeito"?

Dei-me conta de que tinha pensamentos preconceituosos, pedi perdão a Deus, conversei com meus pais e decidi mudar. E o melhor jeito de mudar é conhecer, para não ter conceitos preconceituosos. Então, fiz uma

pesquisa na *internet*, conversei com uma psicóloga da igreja e tirei algumas dúvidas. Vou compartilhar com vocês o que descobri.

A principal característica da **deficiência intelectual** é a limitação no funcionamento mental, que causa aprendizagem e desenvolvimento mais lentos. O Antônio Júnior, que está no 3º ano do Ensino Médio, preparando-se para o ENEM, tem Síndrome de Down e apresenta essa deficiência. Sempre esbarramos com ele na biblioteca estudando com os outros alunos. Ele quer fazer Engenharia Mecânica. Ah, deficiência intelectual é a nova nomenclatura de deficiência mental. Não confunda, viu?

A **deficiência física** é o comprometimento do movimento do corpo – ossos, articulações e músculos. Tudo junto! E pode ser causada por diversos fatores. É o caso da Alice da minha sala. Para ajudar pessoas como ela, precisamos ficar atentos à circulação. Alguns usam cadeiras feitas sob medida, materiais

didáticos específicos e têm por perto um professor especializado.

A **deficiência auditiva** é quando a pessoa não consegue ouvir um pouco ou não ouve nada. O Heitor do 6º ano é deficiente auditivo. Ele não pode ouvir apenas de um lado – sua surdez é unilateral. Há pessoas que têm surdez bilateral, ou seja, dos dois ouvidos. Para se comunicar com pessoas surdas, é necessário aprender LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Hoje, há vários recursos tecnológicos para aprender essa língua e poder nos comunicar com nossos amigos e colegas surdos. Eu, por exemplo, tenho um aplicativo instalado no meu celular. Na minha escola, o intérprete de LIBRAS e o professor especializado estão sempre perto dos alunos com essa deficiência.

Fiquei surpresa quando descobri que a **deficiência visual** não era somente a cegueira, pois ela inclui também a baixa visão. É considerado cego ou de visão subnormal aquele que apresenta desde a ausência total de visão até alguma percepção luminosa que possa determinar formas a curtíssima distância. Eles precisam do nosso ombro, mais espaço para circular pela escola e materiais didáticos específicos com letras maiores ou em braille.

Os **transtornos globais do desenvolvimento (TGD)** foram os que demorei mais para identificar,

Inclusão na igreja

A igreja, assim como a escola, é um ambiente comunitário, onde devemos exercitar a **inclusão**.

Como mensageira do Rei, você deve se esforçar para acolher e ajudar aqueles que precisam de atenção especial. Esteja atenta às necessidades e encontre formas de ajudar e incluir portadores de alguma deficiência descrita no texto ou de outras.

Se for necessário, converse com sua orientadora, para que ela, juntamente com a liderança da igreja, possa tomar atitudes de adequação necessárias para acolher aqueles que, junto a nós, desejam adorar ao Senhor e crescer na fé e no conhecimento de Deus.

Redação

pois quem é portador tem prejuízo no desenvolvimento social, e, quando cheguei nessa escola, não vi tanta diferença, pois todos eram amigos de todos. Então, fiquei meio confusa. Só depois me disseram que Maria Julia era

6 :: Aventura Missionária

Primeiro Trimestre de 2019 :: 7

autista, e notei que ela realmente tinha movimentos peculiares.

Os portadores de TGD podem ter atraso na fala, algumas estereotipias ou movimentos repetitivos. Maria Julia, por exemplo, corre de um lado para o outro no recreio. Nós nos divertimos brincando de "SO-LE-TRAN-DO" com ela, sem falar que ela é apaixonada pelo céu e pelas estrelas. Incrível! Ah, por causa dela, do Heitor e do Gabriel do 1º ano, não temos sinal entre as aulas, nem na entrada, nem na saída, pois autistas são sensíveis ao barulho. Aqui, toca música para nos avisar que o recreio acabou.

Minha nova escola e meus novos amigos me mostraram que, por meio de pequenas atitudes, posso ser incluída nesse mundo tão peculiar; que sou especialmente



escolhida por Deus para ser amiga deles e auxiliá-los a crescer na escola e, assim, chegarmos juntos à formatura. Essa não é uma tarefa do professor, é minha. Aprendi também que posso ser instrumento de Deus para ajudar cada um a aprender, que eles podem me ensinar e que podemos juntos caminhar realmente pela inclusão, afinal, preciso lutar com eles e amá-los como Jesus os ama.

Se você tiver dúvida sobre o assunto, faça como eu, pesquise em locais confiáveis ou procure profissionais especializados. Minha fonte de pesquisa

eu compartilho com vocês abaixo. A informação será uma grande aliada para combater o preconceito e tornar o mundo escolar cada vez mais acessível aos nossos amigos especiais.

Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Orientações para implementação da política de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília: MEC, 2015. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2015-pdf/17237-secadi-documento-subsidiario-2015>

Livia F. Machado
Professora - Serra - ES

Esta é minha colega de sala Alice. Outro dia, conversando com ela, descobri que lemos os mesmos livros. Fiquei feliz de ficar mais próxima dela!

8 :: Aventura Missionária

O texto acima (Figura 18) traz para o foco das discussões o assunto de inclusão social a fim de contribuir para chamar a atenção dos leitores no tocante ao senso de justiça e igualdade, uma vez que todos somos iguais e, por isso, devemos ter as mesmas oportunidades, coadunando com as ideias do letramento crítico.

O artigo traz uma linguagem visual interativa e atrativa para o público-alvo, que são adolescentes, meninas da faixa etária de 9 a 16 anos. Encontramos uma linguagem muito acessível e, ao mesmo tempo, contextualizada, haja vista que a autora se utiliza de uma narrativa, trazendo um assunto muito importante e interessante para ser discutido entre os estudantes, nesse caso, a questão de inclusão. A organização Mensageiras do Rei, que preza pelo envolvimento de suas sócias, de forma positiva, na sociedade em que estão inseridas, traz para suas reuniões textos relevantes como este, apregoando a ideia de equidade, embasada na pedagogia crítica. É importante salientar que a escritora do referido texto teve sua trajetória de formação na Organização Mensageiras do Rei e, por meio desse material, passa a apresentar sua contribuição para o crescimento das atuais sócias.

Encontramos a preocupação em orientar atitudes de inclusão na escola e na igreja. A escritora, Livia F. Machado, ex-mensageira do Rei e atualmente professora, em Serra/ES, traz informações acerca de diversas deficiências (intelectual, física, auditiva unilateral/bilateral, visual e transtorno global do desenvolvimento – TGD), a fim de que as leitoras que se deparem com alguma dessas limitações possam identificar e saber como agir, evitando atitudes preconceituosas. Há também um cuidado em orientar a respeito de *sites* confiáveis para se obter informações sobre o referido assunto, uma vez que vivemos a era das *fakenews*.

Através do mencionado texto, enxergamos a ideia de que todo leitor/escritor pertence a um determinado grupo social e sempre que produz suas escritas apresenta nelas alguns dos conhecimentos que construiu no decorrer de suas vivências naquele grupo. O mesmo ocorre com quem experienciou participar da Organização em questão. Suas produções textuais trarão suas experiências de mundo e, ao escrever, esse indivíduo externará suas intenções, pensamentos, a fim de intervir socialmente. Livia F. Machado, através de sua escrita, objetiva desmistificar ideias preconceituosas, na busca de que sejam estabelecidos relacionamentos saudáveis, assim, externa pensamentos bastante difundidos na Organização Mensageiras do Rei.

O contato com a leitura e escrita no tempo em que esta escritora esteve nessa organização, certamente acrescentou no seu desenvolvimento da escrita, pois o contato com a leitura na infância traz frutos na vida adulta. A esse respeito, Oliveira (1996, p. 27) comenta:

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o desenvolvimento. Um para o desenvolvimento biológico e o outro para o desenvolvimento psicológico, nas dimensões afetivas e intelectuais.

A leitura é uma importante ferramenta para o desenvolvimento intelectual da criança, de modo que pequenas doses durante a infância evitarão dificuldades futuras na escrita. Bamberger (2008, p. 74) completa esse pensamento, ao expor:

Os professores que ministram aos alunos “pequenas doses” da importância da leitura todos os dias – em seu encontro com a literatura, como apoio ao trabalho escolar e aos interesses pessoais dos alunos em todos os assuntos escolares –, os professores que procuram dar eficácia a essas pequenas “doses de hábito” nas atividades diárias das horas de lazer e como tarefa durante toda a carreira escolar da criança, sem forçar, mas com naturalidade, terão acostumado, de tal maneira, a maioria dos alunos a trabalhar com livros que eles não desistirão mais tarde.

Os autores Oliveira (1996) e Bamberger (2008) vêm a contribuir com o que fora apresentado nos nossos aportes teóricos por Santos (2012). Segundo eles, a importância de disseminar a consciência do papel do sujeito ativo revela-se indiscutível, pois é através da leitura que este se torna protagonista social. O professor carrega o grande desafio de despertar no aluno o fascínio pela leitura, levá-lo a viajar pelo mundo encantador do conhecimento, fazer do seu aluno um leitor, nascendo, assim, um cidadão autônomo, capaz de articular ideias e defendê-las.

Apresentamos, a seguir, mais um resultado de produção textual de ex-mensageira, como fruto do seu envolvimento com a leitura.

FIGURA 19 - Texto produzido por ex-mensageira (encontra-se na íntegra na sessão de Apêndice desse trabalho)

Área Familiar

Conversa com pais:



relacionamento entre pais e filhos

Ana Karina Vasconcelos, RN

Vivemos dias em que as relações familiares mostram-se superficiais e até mesmo confusas. A confusão de papéis é notória quando vemos filhos autoritários, pais permissivos e na grande maioria das vezes carentes de orientação quanto ao trato com seus filhos.

Pais são o maior referencial para seus filhos de como agir e comportar-se em relação à vida. Os filhos, em especial as crianças, são como pequenas esponjas, absorvem o que lhes é apresentado. São extremamente perceptivas, captando além das atitudes, percebendo intenções e sutilezas, de modo que tais percepções marcam firmemente sua personalidade.

Estes filhos observam seus pais detalhadamente e nesta observação empenham-se em obter dados sobre a realidade e de como interagir com esta. Procuram imitá-los, muitas vezes venerá-los, internalizando uma imagem de super-herói/heroína que é mantida até a vida adulta. Ou não.

Por vezes, experimentam o desencantamento com estes pais idealizados. A Bíblia exorta: "Pais, não provoqueis vossos filhos à ira" (Efésios 6.4). Em vez de ira, semeie o amor, a consideração, o apreço, a orientação cuidadosa e atenciosa.

A Bíblia também exorta os filhos a serem obedientes a seus pais, **em tudo** (Colossenses 3.20). É desejável, portanto, que **em tudo** estes pais sejam sábios e prudentes em direcionar seus filhos.

O papel da mulher cristã: "Apenas em torno de uma **mulher que ama** se pode formar uma família" (Friedrich Schlegel).

A mulher tem um papel agregador na família. Sua sensibilidade permite que ela perceba como cada filho pensa e se comporta. Saiba suas preferências, habilidades, dificuldades e limitações. É esta sensibilidade, o afeto e a atenção dispensada que reúne e aproxima cada membro da família. É sua sabedoria na

hora de intervir, de esperar o momento adequado, de exigir na medida certa e de orientar, segundo a Palavra, que revela como o papel da mulher e mãe cristã é de importância fundamental na família.

O cuidado no falar: Há um conceito na psicologia conhecido como **profecias auto-realizadoras** que diz que quando se cria um estereótipo sobre uma criança, ela procura atender a expectativa manifestada. Exemplo: "Você não aprende nada, não consegue aprender nada, não vai conseguir nada na vida. Você é desastrada, não consegue fazer nada direito". A criança compreende esta fala como uma expectativa anunciada, uma verdade declarada e dirige-se para concretizar tal expectativa. A Bíblia ensina que "toda palavra seja boa para edificação". Efésios 4.29 ensina: "Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que seja boa para a necessária edificação, a fim de que ministre graça aos que a ouvem".

16

O texto da Figura 19, produzido pela ex-mensageira do Rei, Ana Karina de Freitas Vasconcelos, psicóloga clínica e da assistência social que trabalha com comunidades e família, traz importantes orientações para o viver em família. A revista *Visão Missionária* é direcionada para o público de faixa etária adulta, cuja produção textual tem como eixo principal trazer uma reflexão acerca da fragilidade das relações familiares, com vistas a auxiliar famílias, contribuindo com orientações capazes de ajudar a minimizar possíveis problemas existentes nessa área.

Para tanto, a escritora embasa o seu entendimento em pensamentos como o do poeta Friedrich Schlegel⁹, em versículos bíblicos e no conceito difundido na psicologia, como é o caso da teoria das profecias autorrealizadoras¹⁰, a fim de que pais tenham sabedoria ao fazer uso das palavras, para não se criar um estereótipo de suas crianças. Essa teoria pode ser usada no lar, como também em salas de aula, em que seu uso pode evitar problemas emocionais e comportamentais. Ana Karina de Vasconcelos, através de suas orientações, busca evitar sequelas no desenvolvimento da criança, ao mesmo tempo que procura orientar seus leitores a um convívio familiar sadio.

Ao analisarmos o texto (Figura 19), identificamos que seus alicerces foram sendo fundados em um longo processo, através das experiências armazenadas de conhecimentos linguísticos, conhecimentos de mundo, conhecimentos científicos que a escritora foi adquirindo durante a sua vivência. As leituras realizadas ao longo do tempo serviram de subsídios para sua escrita, uma vez que ela consegue harmonizar teorias difundidas na psicologia, instruções bíblicas, ciência e religião em uma só sinfonia.

A fundamentação do pensamento da escritora através de várias referências demonstra que esta fez uso de diversas leituras, promovendo o desenvolvimento da sua linguagem, do pensamento e do seu crescimento intelectual. Bamberger (2008, p. 11) discorre a esse respeito, afirmando:

A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo.

⁹ Karl Wilhelm Friedrich von Schlegel foi um poeta, crítico literário, filósofo, filólogo, indologista e tradutor alemão liberal.

¹⁰ A expressão foi cunhada pelo sociólogo Robert K. Merton, que elaborou o conceito (self-fulfilling prophecy) Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Profecia_autorealiz%C3%A1vel>.

O exercício da leitura é fundamental para aprimorar a linguagem e a escrita. É a ferramenta que expande o conhecimento acerca de um variado número de assuntos e que possibilita ao leitor tornar-se escritor, posicionando-se de maneira crítica diante do mundo e conduzindo os outros a uma reflexão diante de determinada questão. Por essa ótica, passaremos a expor mais um texto escrito por uma ex-mensageira, a fim de enxergarmos a influência da leitura na vida das integrantes da Organização Mensageiras do Rei.

TEXTO 20 - Texto escrito por ex-mensageira do Rei para a revista Aventura Missionária na seção "Escolhendo a profissão".



**»Desenvolvimento e
Segurança Digital**

e a maioria dos profissionais que atuam nela migraram de diferentes áreas de formação.

Gestor de Mídias Sociais

Esse profissional é responsável pela comunicação com o cliente por meio das redes sociais. Além disso, ele identifica oportunidades de negócio e observa tendências de mercado nos perfis dos seguidores da marca. Também utiliza as redes para observar a concorrência e garantir que reclamações e críticas feitas nos perfis da empresa não tomem maiores proporções.

Especialista em UX (User Experience)

Esse especialista é responsável pelo design da marca na Internet. Trabalha para garantir que o acesso do usuário ao site, aplicativo ou rede social da empresa seja fácil, intuitivo e agradável. Estudos mostram que empresas que investem nessa área têm aumento nas vendas e melhor comunicação com o cliente e, por isso, ficam mais bem colocadas em sites de avaliação e pesquisas de opinião, melhorando sua imagem empresarial e gerando recomendações entre clientes. O relacionamento empresa-cliente é um dos principais focos de investimento das grandes empresas nos próximos anos.

Especialista em Segurança Digital

Esse profissional encontra as brechas na segurança e nos

sistemas digitais da empresa. Além disso, está sempre buscando conhecer os métodos desenvolvidos para atacar ou roubar os sistemas da empresa, principalmente aqueles ligados a pagamentos e desenvolvimento de novos produtos. Ele também monitora processos e desenvolve políticas de segurança e métodos para garantir a proteção da empresa.

Viu só quanta coisa você poderá fazer se escolher trabalhar com a Internet? Aposto que você ainda não havia pensado em algumas dessas áreas. E talvez seja justamente na Internet, com a capacidade de alcançar milhares e milhares de pessoas, que esteja sua carreira profissional. E mais: pode ser que por meio dela você tenha a chance de alcançar muitas pessoas com a luz de Jesus Cristo.

Lembre-se sempre de que a carreira profissional é uma oportunidade que Deus nos dá para fazermos algo que nos dê prazer, empregando os talentos que ele nos deu. Não deve ser vista apenas como fonte de sustento, mas também como um meio para alcançarmos outras pessoas com o que há de melhor em nós: Jesus Cristo.



10 :: Aventura Missionária

Segundo Trimestre de 2018 :: 11

FONTE: REVISTA AVENTURA MISSIONÁRIA

Gabriela Mercedes, Tecnóloga em Restauração, atuante no estado do Rio de Janeiro, ex-integrante da Organização Mensageiras do Rei, traz para as leitoras da revista *Aventura*

Missionária informações e orientações sobre o desenvolvimento e segurança no domínio digital. O texto foi escrito para a sessão *Escolhendo a profissão*, que intenciona orientar seu público leitor na escolha de uma profissão. Nesse sentido, em cada trimestre é destacado algum ofício ou atividade laboral.

Condemarín e Medina (2005, p. 63) afirmam que escrever ou produzir um texto é um ato fundamentalmente comunicativo, assim, para aprender a escrever, é necessário enfrentar a necessidade de comunicar algo em uma situação real, a um destinatário real, com propósitos reais.

Nessa perspectiva, a autora Gabriela Mercedes escreve o texto (Figura 20) para demonstrar a abrangência da *internet*, ressaltando que esta não se limita somente a redes sociais, *sites* de músicas ou filmes que são foco recorrente do público jovem. No entanto, a autora apresenta um leque de possibilidades, caminhos a serem explorados por aqueles que decidirem trabalhar na esfera da atividade digital, a qual, no momento, se encontra em crescente ascensão.

O texto (Figura 20) traz a indicação de algumas carreiras profissionais que podem ser seguidas por aqueles que decidirem trilhar esse caminho digital, como *Desenvolvedor mobile*; *Gestor de mídias sociais*; *Especialista em UX (User Experience)* e *Especialista em Segurança digital*. A autora apresenta a função de cada uma dessas carreiras e as suas possibilidades no mercado de trabalho, ressaltando, ainda, que, apesar de muitas dessas profissões serem novas, o mercado tem se revelado bastante favorável para quem decidir exercer essas atividades profissionais.

Mesmo discorrendo sobre essas inovações do mercado profissional, Gabriela Mercedes não deixa de lado a orientação religiosa, buscando guiar cada menina a enxergar a profissão como uma oportunidade de Deus e, por isso, não devem pensar somente na questão financeira, almejando também a realização pessoal. O dizer de Gabriela Mercedes nos faz lembrar o que Bakhtin afirma acerca da palavra, que está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial (BAKHTIN, 1988) e, ainda, que a língua, em seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida.

Por essa ótica, a nossa linguagem está sempre impregnada de intencionalidade, seja colocada de forma explícita ou não, de modo que sempre carregará marcas de ideologias que chegam a nós por meio das interações que estabelecemos em nossas relações com o(s) outro(s). Sendo assim, o nosso dizer sempre expressará muito de nós, mas também evidenciará muito do dizer de outros com quem temos relações. Assim, a nossa comunicação é construída na dinâmica da interação social, com pessoas ou com leituras, o fato é que tudo vai sendo acrescentado a nossa vivência e expressado por meio da linguagem.

Assim, passaremos a seguir a mais um exemplo de produção textual realizado por uma ex-mensageira do Rei, que vem corroborar a questão de que nossa linguagem pode carregar conteúdos vivenciais construídos na interação social.

TEXTO 21 - Texto escrito por ex-mensageira do Rei para a revista Aventura Missionária, seção "De bem coma vida"



De bem com a vida

KEEP CALM

"E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações; sabendo que a tribulação produz perseverança, e perseverança a experiência, e a experiência a esperança." (Romanos 5.3,4)

Vivemos em uma sociedade extremamente imediatista, em que, desde cedo, temos muitas atividades e somos pressionadas a resolver os problemas para ontem. As preocupações e a busca pelo controle das circunstâncias têm a capacidade de tirar o nosso sono e nos roubar as forças logo pela manhã. A ansiedade, um dos maiores males dos tempos atuais, além de reduzir nossa energia, divide nossa atenção e, por fim, nos leva a um sentimento de frustração contínua.

Todas nós temos medo de fracassar, seja como filhas, alunas, amigas ou membros da igreja. Tirar boas notas, ter um corpo dentro dos padrões impostos pela sociedade, ser boa filha, querida por todos os colegas e professores, uma pessoa envolvida com a obra, conquistar aquele menino especial e ainda ter centenas de *likes* no *instagram* são alguns dos itens que talvez estejam no seu *checklist* da perfeição. É raro conhecer alguém que nunca tenha vivenciado esta luta pela excelência. Em alguma área da vida, já tentamos preencher o *checklist* imposto por nós e reforçado pelas pessoas ao nosso redor. Entretanto, é preciso lembrar que nunca seremos completamente perfeitas até o encontro com Jesus. Antes disso, permaneceremos dando nosso melhor, investindo tempo, forças e talentos, confiando que Deus está no controle de tudo. Ele e sua vontade são perfeitos e nos moldam a cada dia.

Existem dias nos quais tudo parece estar dando errado. Alguém que você ama a desapontou, seus pais brigaram, você não obteve sucesso em um projeto para o qual tanto se dedicou ou até mesmo perdeu um ente querido. Diversas são as situações que podem estremecer a nossa fé, fazendo-nos questionar onde Deus está quando enfrentamos tantos problemas. O medo e a ansiedade têm a capacidade de paralisar nossa mente, influenciar nossas decisões e interferir em nossos relacionamentos, inclusive com Deus. Diante da preocupação em termos tudo sob controle, frequentemente deixamos de entregar nossas vidas àquele que tem o melhor separado para cada uma de nós. Paciência não é apenas a habilidade de esperar, é manter o coração confiante e entregue enquanto se aguarda.

Por vezes, a ansiedade sobre diferentes aspectos da vida se torna excessiva e provoca reais prejuízos no funcionamento diário. Quando essa preocupação constante é acompanhada de sintomas físicos como inquietação, dificuldade de concentração ou perturbações do sono, podemos estar diante de um Transtorno de Ansiedade, condição que exige diagnóstico e acompanhamento por um especialista, assim como os transtornos alimentares como anorexia, bulimia e compulsão alimentar.

Portanto, querida mensageira do Rei, meu desejo é que você cresça cada vez mais em sabedoria, tendo consciência de que nem tudo sempre estará sob seu domínio, mas que Deus tem o controle de tudo. Lembre-se de que aquele que deposita sua fé em Deus não deixa de ter medos, mas sabe que está protegido no abrigo seguro que é o amor do Senhor. Exija menos de você e valorize mais aquilo que você faz bem. Não esqueça que, para conseguir dar seu melhor, você precisa cuidar primeiramente da sua saúde mental e física. Seu corpo e sua mente são templos do Espírito, cuide deles conforme esta responsabilidade e seja feliz.

Forte abraço,

Sara Roberta Antunes da Silva
Aluna do 6º ano de Medicina da UFRJ
Rio de Janeiro - RJ

24 • Aventura Missionária

FONTE: REVISTA AVENTURA MISSIONÁRIA

A autora do texto acima (Figura 21), Sara Roberta Antunes da Silva, estudante do 6º ano de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, faz parte do grupo de ex-mensageiras do Rei que teve seu viver influenciado pelas práticas dessa organização que preza não somente pela vida espiritual da menina, mas também pelo incentivo aos estudos. Prova

disso é que a autora teve acesso a um dos cursos mais concorridos, na segunda melhor universidade brasileira, de acordo com a revista Exame¹¹.

Produzir seu próprio texto para expor seu pensamento acerca de algo talvez não tenha sido uma tarefa tão fácil de realizar pela autora, mas revela sua aproximação com a leitura, veículo que facilitou a sua produção textual e melhorou a articulação de suas ideias, para que, através do seu discurso, possa exercer influência sobre suas possíveis interlocutoras.

Sara Roberta traz sua contribuição para as leitoras da revista *Aventura Missionária* escrevendo um tema muito pertinente na vida secular, *a ansiedade*. Seu texto vem trazer um alerta para esse problema de saúde, o qual, provavelmente, atinge boa parte da população. A autora comenta que a ansiedade pode se agravar, tornando-se um *transtorno* que exige diagnóstico e acompanhamento por parte de profissionais especializados.

Por meio de seu texto, a autora lança seu olhar de estudante de medicina sobre o problema de saúde em discussão, procurando harmonizar sua orientação profissional com a espiritual, sinalizando assim a esfera de comunidade discursiva a que está ligada, pois cada enunciado por ela apresentado “é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunidade discursiva” (BAKHTIN, 2010, p. 297).

Podemos observar que o texto não somente revela a comunidade discursiva a que a autora está vinculada, mas também a relação de proximidade que Sara Roberta demonstra ter com o seu público leitor, nesse caso, as meninas Mensageiras do Rei, ao se dirigir a elas por meio da expressão *querida mensageira do Rei* (Figura 21). Por intermédio de seu texto, a autora dialoga diretamente com essas meninas, procurando chamar a sua atenção para os cuidados com a saúde, na perspectiva de que elas possam ter a mente e o físico saudáveis.

Uma pessoa emocionalmente saudável está muito mais propensa ao sucesso educacional, como também em suas relações pessoais e sociais. Isso posto, Barcelos (2015) argumenta que a autoestima alta, a empatia e a motivação podem facilitar o processo de aprendizagem, além disso, a atenção ao afeto pode melhorar nossa relação fora e dentro da sala de aula de forma recíproca.

Por fim, abordaremos ainda outro texto produzido por mais uma integrante da Organização Mensageiras do Rei. Esta, por sua vez, frequenta a quarta etapa da organização em questão.

¹¹ Fonte: <<https://exame.abril.com.br/carreira/as-15-melhores-faculdades-de-medicina-do-brasil-em-2018/>>.

TEXTO 22 - Texto produzido por Mensageira do Rei, na cidade de Angicos/RN, para estudo ministrado na Organização, foco da pesquisa.



Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela. E porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem. (Mateus 7:13,14)

Na vida do ser humano existem dois caminhos a serem trilhados, o caminho estreito e o largo. O primeiro é o que conduz à vida, já o segundo, mais fácil de ser trilhado, por isso muitos o escolhem, mas de acordo com a Bíblia, ele leva a perdição eterna.

Muitos amigos podem nos incentivar a caminhar pela estrada larga para acompanhá-los, e muitas vezes caímos nessa cilada, pensando em ter mais amigos, mais companhias, está inserido em um grupo e não sermos chamados de caretas. Essa estrada pode parecer bem atrativa, mas são felicidades momentâneas, como colar em uma prova para obter uma boa nota.

Na verdade, o caminho largo é cheio de promessas falsas e decepções. Provérbios 16:25 diz: Há caminhos que parece reto ao homem, mas no final conduz à morte. O caminho largo pode parecer bacana por algum tempo, mas seu coração nunca encontrará paz nele. Chegará um momento em que você vai sentir que falta algo.

A verdadeira aceitação e alegria são oferecidos por Deus no caminho estreito, que pode até parecer difícil segui-lo e você pode perder até alguns "amigos", mas vale a pena encontrar esse grande AMIGO, que é Jesus.

Você está em uma encruzilhada? Tome a decisão firme de seguir O CAMINHO ESTREITO para a vida!

***Daiany de Medeiros Verde (14 anos)**
Mensageira do Rei
Angicos/RN*

FONTE: ACERVO DA PESQUISA

A autora do texto acima (Figura 22), Daiany de Medeiros Verde, mensageira do Rei, é ainda atuante na organização e também estudante do Ensino Médio em um Instituto Federal do Rio Grande do Norte.

Ao produzir seu texto, a autora o fez fundamentando-se em passagens bíblicas para expor seu pensamento, suas ideias. Direcionou sua mensagem para suas companheiras de estudos bíblicos para que fosse aplicada em um dos encontros da organização. A referida mensagem traz para o centro das discussões a ideia de *pertencimento*, *aceitação*, ou seja, a preocupação que todas as pessoas têm, mas que na adolescência (público-alvo do texto) se acentua: o desejo de pertencimento a um determinado grupo. Esse pertencimento costuma funcionar como uma espécie de porto seguro, sobretudo para os adolescentes. Nesse contexto, a autora mostra que, para tanto, muitas vezes, se abre mão do que é correto, passando a trilhar caminhos incertos e arriscados.

O texto é orientado para que seu público leitor faça uma reflexão a respeito dos dois caminhos que existem para ser trilhados, mas que somente um trará a paz que todos almejam. No final do seu texto, Daiany de Medeiros Verde destaca que a verdadeira aceitação e alegria somente é encontrada por aqueles que decidirem trilhar o caminho estreito, o qual leva a Deus.

A enunciadora imprime no seu texto marcas de um viver enraizadas nas práticas religiosas, leituras e reflexões bíblicas, mas também em seu contato com leituras em outros contextos, como a ideia do pertencimento. Reflexões contemporâneas afirmam que a construção de sentidos, mediante a fala, a escrita ou a leitura, está diretamente relacionada às atividades discursivas e às práticas sociais às quais os sujeitos têm acesso ao longo do seu processo de sociabilização (MATENCIO, 1994).

Portanto, entendemos que as marcas linguísticas e semânticas do texto em questão imprimem muito da personalidade, do conhecimento e da crença, alicerçadas através das leituras praticadas pela autora.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

(A Organização Mensageiras do Rei) tem proporcionado a elas um meio de melhorar seus desempenhos na oralidade, estímulos à criatividade e autonomia, reforço no processo de letramento. Socialização com outros grupos, desenvolvendo valores de respeito e solidariedade. Mudança de comportamento, pois são estimuladas a serem sempre coerentes com as novas aprendizagens.

(CEMR MARIA)

A presente pesquisa, situada na seara do letramento religioso, objetivou investigar *como se constituem os eventos de letramento no ambiente da Organização Mensageiras do Rei* e como os referidos eventos contribuem para o êxito no rendimento escolar das participantes da referida organização e, conseqüentemente, para os seus desenvolvimentos intelectual e social.

Os objetivos mais específicos, por sua vez, consistiram em descrever alguns eventos e práticas de letramento propostos da organização, a partir do que estabelece Hamilton (2000) em termos de participantes, domínio, artefatos e atividades, inclusive identificar como esses eventos dialogam com as práticas sociais das suas integrantes.

Em nosso exercício analítico, objetivando descrever o evento de letramento religioso, destacando o Pequeno Grupo Multiplicador (PGM), realizado na Organização Mensageiras do Rei, fundamentamo-nos nas categorias estabelecidas por Hamilton (2000). Identificamos os *participantes* desse grupo de estudo, composto de uma coordenadora local, uma diretoria e demais mensageiras. Quanto ao *ambiente* em que atuam, geralmente optam por realizar as atividades em alguma residência de uma das mensageiras, fazendo uso, nessas reuniões, de um variado número de *artefatos*, com destaque para a revista trimestral *Aventura Missionária* e a *Bíblia*. Já as *atividades* desenvolvidas, em sua maioria, seguem as orientações contidas na revista ora mencionada.

Destacamos aqui o nosso olhar para a dinâmica que envolve as atividades realizadas pelas integrantes da Organização Mensageiras do Rei. Portanto, observamos que as práticas de leitura desse contexto religioso se perfazem tanto dentro da igreja quanto fora de suas dependências físicas, estendendo-se à comunidade. Outro fato peculiar é que, para a realização de todas as atividades, ou a sua maioria, as colaboradoras fazem uso da leitura da Bíblia como artefato norteador.

A dinâmica estabelecida na Organização objetiva quebrar as barreiras do individualismo, criando um ambiente propício a um trabalho de cooperação e amizade em que todas contribuem para a concretização das tarefas específicas do grupo. Há também a preocupação com o desenvolvimento emocional de suas integrantes, razão pela qual sempre são apresentados temas direcionados a essa área, uma vez que se acredita que quando os sujeitos são bem-sucedidos emocionalmente haverá êxito na aprendizagem e na atuação social.

Durante o período de geração de dados, encontramos impressa na linguagem de cada uma das participantes a valorização da construção do conhecimento, por meio da relação religião e educação, o que certamente favorecia o desempenho educacional, fazendo-as enxergar que a Organização Mensageiras do Rei assume um papel importante em sua vida, com reflexos positivos na aprendizagem.

Observamos que o processo de trabalho dessa organização imprime no caráter de suas integrantes a ideia de dedicação, envolvimento com os estudos, seja no campo espiritual, seja no âmbito da formação acadêmica. Suas sócias são expostas a uma boa quantidade de leitura, em que todas a que tivemos acesso relatam que estas serviram de alicerces para a construção de seu conhecimento, caráter e constituição pessoal, munindo-as de um conhecimento que se perpetua por toda a sua existência, constituindo-se assim numa ferramenta que ajuda em suas relações pessoais e em seu agir nos diversos espaços sociais em que atuam.

Como resultado desse envolvimento com as práticas de leitura, encontramos jovens em ascensão educacional. Ou seja, identificamos que as ex-mensageiras, participantes da nossa pesquisa, possuem um nível elevado de escolaridade, cursaram ou estão cursando uma graduação e até pós-graduação em diversas áreas do conhecimento. O envolvimento destas com os estudos é unânime. Há uma busca por resultados positivos, um investimento na qualificação, em uma boa conduta e aprendizagem no espaço educacional.

A partir dessas ponderações, alcançamos o nosso último objetivo, que era o de identificar os impactos dos letramentos dessa organização, no exercício da leitura e escrita, na vida da mensageira do Rei. Assim, percebemos que o contato dessas participantes com as leituras, no período em que cursavam as etapas da organização, oportunizou a possibilidade de constituírem-se como leitoras e escritoras. Prova disso é o fato de que muitas se desenvolveram na arte da escrita, publicando artigos para revistas e produzindo estudos a serem ministrados nas reuniões.

As práticas de escrita das participantes e ex-participantes da Organização, implementadas a partir das leituras realizadas, encontram-se sempre perpassadas por

ensinamentos que se coadunam com uma perspectiva de valorização do próximo, capazes de nos fazer refletir acerca das necessidades humanas, tanto materiais quanto espirituais.

Além disso, são desenvolvidas nos trabalhos com as mensageiras práticas de autonomia, instigadas por atividades de leituras que orientam atitudes emancipatórias, levando-as a praticar o exercício da liderança, da responsabilidade e da capacidade de tomar decisões frente às demandas sociais surgidas em seu cotidiano. Sendo assim, as Mensageiras do Rei não são apenas receptoras de conhecimento, mas também agentes que reconstróem o que aprendem não somente junto às demais participantes da Organização, mas também aos membros da comunidade externa. Isso corrobora o que afirma Freire (1996), ao declarar que somente existe ensino quando este resulta num aprendizado em que o aprendiz se torna capaz de recriar ou refazer o ensinado.

Assim, ressaltamos a importância de trazer à baila um trabalho investigativo dando visibilidade às ações de linguagem que emergem da Organização Mensageiras do Rei, que, apesar de fazer 70 anos de existência, ainda segue anônima para muitos, mesmo com uma atuação com relevantes contribuições sociais, seja na vida familiar, seja na escolar, seja em outras esferas em que suas sócias estejam inseridas.

Finalmente, esperamos que nossas discussões tenham contribuído para uma maior compreensão da importância do letramento religioso e suas implicações para outros letramentos (educacional, familiar, dentre outros) não menos relevantes à formação e à atuação humana.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fabio Fetz. *A leitura e a escrita como prática religiosa: um estudo de caso sobre crianças e adultos pertencentes à igreja metodista*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- ALMEIDA, Ronaldo. Religião na metrópole paulista. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 19, n. 56. p. 15-27, out. 2004.
- ANDRÉ, Marli Eliza. *Etnografia da Prática Escolar*. Campinas: Papyrus, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura?* São Paulo: Ática, 2008.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Letramento emocional no ensino de línguas. In: TOLDO, Claudia; STURM, Luciane (Org.). *Letramento: práticas de leitura e escrita*. Campinas: Pontes, 2015.
- BARTON, David; HAMILTON, M.; IVANIC, R. *Situated Literacies*. London: Routledge, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BAYNHAM, Mike. *Literacy practices: investigating literacy in social contexts*. London: Longman, 1995.
- BERNARDES, Marianna. Refletindo a luz de Cristo sempre e para sempre. *Revista Aventura Missionária*, UFMBB, Rio de Janeiro, 2014.
- BÍBLIA, A. T. Isaías. In: BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada: nova versão internacional. Traduzida pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. 2. ed. São Paulo. 2000. p. 921.
- BÍBLIA, A. T. Neemias. In: BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada: nova versão internacional. Traduzida pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. 2. ed. São Paulo. 2000. p. 598.
- BLOMMAERT, Jan. *Ethnography, Superdiversity and linguistic landscapes chronicles of complexity*. Clevedon: Multilingual Matters, 2013.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto, 2006.

BORGES, Inês. Augusto. *Educação e Personalidade: a dimensão sócio-histórica da educação cristã*. São Paulo: Mackenzie, 2002.

CAFIERO, Delaine. *Leitura como processo: caderno do professor*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 68 p. (Coleção Alfabetização e Letramento)

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: Fundação Editora UNESP (FEU), 1999.

CANÇADO, Márcia. Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n. 23, p. 55-69, jan./jun. 1994.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

COMBER, Barbara. Negotiating Critical Literacies. *School Talk*, v. 6, n. 3, p. 1-3, 2001.

COMBER, Barbara. Critical Literacy in The Early Years: emergence and sustenance in an age of accountability. In: LARSON, J.; MARSH, J. (Ed.). *The sage handbook of early childhood literacy*. London: Sage, 2013. p. 587-601.

COMBER, Barbara. Pedagogy as work: educating the next generation of literacy teachers. *Pedagogies*, v. 1, n. 1, p. 59-67, 2006.

CONDEMARÍN, Mabel; MEDINA, Alejandra. Avaliação Autêntica: um meio para melhorar as competências em linguagem e comunicação. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CORTEZ, Luiz.; MARTINS, Edson. Jesus e o Ensino Andragógico. *ENSAIOS PEDAGÓGICOS*. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET. ISSN 2175-1773 – Junho de 2014.

COSTA, Klébia Ribeiro. *Letramento no trânsito: eventos e práticas na formação de condutores de veículos*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

COSTA, Maria Aparecida. *Um estudo das práticas de letramento de técnicos e agentes de pesquisa na PNAD / IBGE*. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.

COSTA, Synésio Batista. *A importância da música para as crianças*. São Paulo: Abemúsica, 2002.

COULMAS, Florian. *Escrita e Sociedade*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

DANIELS, Harry. *Vygotsky e a pedagogia*. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2003.

DANTAS, Maria Nívia. *Mundos do letramento e agência na construção da identidade de seminaristas católicos*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

DOMINGUES, Gleyds. *Andragogia de Jesus: a metodologia de Ensino que transformou o processo educativo*. Curitiba: Santos, 2017.

EBY, Frederick. *História da Educação Moderna: teoria, organização e práticas educacionais*. Tradução de Maria Angela Venagre de Almeida, Nelly Aleotti Maia e Malvina Cohen Zaide. São Paulo: Globo, 1962.

FAIRCLOUGH, Norman. *Critical discourse analysis*. London: Longman, 1995.

FAJARDO, Margarita Felipe. *A review of critical literacy beliefs and practices of english language learners and teachers*. Universidade de Sydney Papers em Tesol, n. 10, p. 29-56, 2015. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/search?q=tradu%c3%a7%c3%a3o+do+ingles+para+o+portugues&oq=tradu%c3%a7%c3%a3o&aqs=chrome.1.69i57j69i5912j013.3553j0j8&sourceid=chrome&ie=utf-8>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Tradução de Kátia de Mello e Silva. Revisão Técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra. São Paulo: Cortez & Moraes, 2001.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paze Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRANDO, KatlenBöhm. *O Letramento a partir de uma perspectiva teórica: origem do termo, conceituação e relações com a escolarização*. 2012. Disponível em:

<<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewfile/3275/23>>. Acesso em: 01 out. 2018.

GRANVILLE, Stella. *Language, advertising, and power: critical language awarenessseries*. Johannesburg: Hodder And Stoughton And Wits University Press, 1993.

HAMILTON, Mary. Expanding The New Literacy Studies: using photographs to explore literacy as social practice. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. (Org.). *Situated literacies*. London: Routledge, 2000.

HEATH, Shirley Brice. Protean shapes in literacy events: ever-shifting oral and literate traditions. In: TANNEN, D. (Ed.). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood: Ablex, 1982. p. 91-117.

JANKS, Hilary. *Literacy and power*. New York: Routledge, 2010.

JANKS, Hilary. Seeding change in South Africa: new literacies, new subjectivities, new futures. In:DOECKE, B.; HOMER, D.; NIXON, H. (Ed.). *English teachers at work*. Kent Own: Wakefield press in association with the Australian association for the teaching of English, 2003.p. 183-205.

JONES, Katy Newell; MCCAFFERY, Juliet. Rebuilding Communities: The contribution of integrated literacy and conflict resolution programmes. In: *Critical literacy: theories and practices*. Centre for the study of social and global justice, v. 1, jul. 2007. Disponível em: <<http://www.criticalliteracyjournal.org/cljournalissue1volume1.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

JORNAL BATISTA. *Mensageiras do Rei recebem nova Coordenadora Nacional*. Ano CXVI Edição 37, Domingo, 10.09.2017.

JUNG, Neiva Maria; SEMECHECHEM, Jakeline. Artigo: Eventos religiosos e suas práticas de letramento em comunidades multilíngues e multiculturais. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 17-37, jul.-dez 2009.

KLEIMAN, Ângela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela. O processo de aculturação pela escrita: ensino da forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, Angela B.; SIGNORINI, I. (Org.). *O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KLEIMAN, Ângela. *Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?* Campinas: CEFIEL - UNICAMP; MEC, 2005.

LAGE, Ana Cristina Pereira. Letramento religioso e cultura escrita: as Clarissas em Portugal e no Brasil (Século XVIII). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27. 2013. *Anais...* Natal. Associação Nacional de História (ANPUH).

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LARSON, Joanne; MARSH, Jackie. *Making Literacy Real: theories and practices for learning and teaching*. Thousand Oaks: Sage, 2015 [2005].

LEITE, Juliana Ferreira. *Letramento e religião: influência de práticas religiosas no letramento*.2013. Trabalho final de curso (TFC) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LEWISON, Mitzi; LELAND, Christine; HARSTE, Jerone. *Creating critical classrooms: reading and writing with an edge*. 2. ed. New York: Routledge, 2014.

LOPES, Hernandes Dias. *O líder que restaurou uma nação*. São Paulo: Hagnos, 2006.

LOPES, V. G. *Linguagem do Corpo e Movimento*. Curitiba: FAEL, 2006.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São paulo: EPU, 1986.

LUZURIAGA, Lorenzo. A educação religiosa reformada. In: _____. *História da educação e da pedagogia*. São Paulo: Nacional, 1959. p. 108-124.

MAKONI, Sinfree, PENNYCOOK, Alastair (Ed.). *Disinventing and reconstituting languages*. Clevedon: Multilingual Matters, 2007.

MANUAL DA ORGANIZAÇÃO MENSAGEIRAS DO REI. 4. ed. ver. – Rio de Janeiro: União Feminina Missionária Batista do Brasil, 2004. Disponível em: <http://ufmbb.org.br/mr/?page_id=887>. Acesso em: 10 nov. 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Fala e Escrita: oralidade e letramento como práticas sociais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Disponível em: <<http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/29.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Letramentos e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, Inês *et al.* (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. São Paulo: Mercado de Letras, 2001. p. 23-50.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção primeiros passos).

MATENCIO, Maria de Lourdes. *Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1994.

MATTOS, Andréa Machado; VALÉRIO, Kátia Modesto. Letramento crítico e ensino comunicativo: lacunas e interseções. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 135-158, 2010.

MCKINNEY, Carolyn. language and power. In: *Post-colonial schooling: ideologies in practice*. New York: Routledge, 2016.

MEDEIROS, Lindneide Dannyelle. *Letramento e trabalho: um estudo sobre práticas de letramento dos profissionais do CRAS em curso de formação para a maternidade*. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

MENDONÇA, Antonio C. Ideologia e educação no Brasil. *Revista cristianismo y sociedade*, México, ano 29, n. 107, 1991.

MENEZES, Vera; SILVA, Marina Morena; GOMES, Iran Felipe. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2013.

MEURER, José Luiz. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, J. L.; DÉsirÉ, Adair Bonini; MOLTA-ROTH (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

MINAYO, Maria Cecília. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Da aplicação da linguística a linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R.; ROCA, P. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 11-24.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MONTE MOR, Walkyria. Investigating critical literacy at the university in Brazil. In: *Critical literacy: theories and practices*. Centre for the study of social and global justice (CSSGJ). v. 1, jul. 2007. Disponível em: <<http://www.criticalliteracyjournal.org/cljournalissue1volume1.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

MONTEIRO, Charles. História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. *Métis: História e Cultura*, v. 5, n. 9, p. 11-23, jan/jun. 2006.

MONTEZANO, Maria de Lourdes. *Cultura religiosa protestante e rendimento escolar nas camadas populares: um estudo sobre práticas socializadoras*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2006.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MORGAN, Wendy. *Critical literacy in the classroom: the art of the possible*. New York: Routledge, 1997.

NORTON, Bonny. Critical literacy and international development. *Critical literacy theories and practices*, v. 1, n. 1, p. 6-15, 2007.

O'BRIEN, Jennifer. Children reading critically: a local history. In: COMBER, B.; SIMPSON, A. (Ed.). *Negotiating critical literacies in classrooms*. Mahway: Erlbaum, 2001. p. 37-54.

OLIVEIRA, Débora Maria da Silva. *Blog proerd no sertão: letramento e ação social*. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. Gêneros Textuais e Letramento. *Rev. RBLA*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 325-345, 2010. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/rbla/2010_2/02-maria%20do%20socorro.pdf>. Acesso em: 15 de mar. 2018.

OLSON, David R. *O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. São Paulo: Ática, 1997.

OLIVEIRA, Maria Alexandre. *Leitura prazer: interação participativa da criança com a literatura infantil na escola*. São Paulo: Paulinas, 1996.

PAHL, Kate; ROWSELL, Jennifer. Artifactual critical literacy: a new perspective for literacy education. *Berkeley review of education*, v. 2, n. 2, p. 129-151, 2011.

PAZ, Ana Maria Oliveira. *Registros de ordens e ocorrências: uma prática de letramento no trabalho da enfermagem hospitalar*. 2008. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma Linguística Crítica: linguagem, identidade e questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

REILY, Duncan Alexander. *A influência do metodismo na reforma social na Inglaterra no século XVIII*. S.L.: Junta Geral de Ação Social da Ig. Metodista, 1953. Disponível em: <http://www.metodista.org.br/content/interfaces/cms/userfiles/files/influencia_social_metodismo_seculo18.pdf>. Acesso em: 09 out. 2018.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. Colaboração de José Augusto de Souza Peres *et al.* 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SANTOS, Ivoneide Bezerra de Araújo. *Projetos de letramento na educação de jovens e adultos: ensino da escrita em uma perspectiva emancipatória*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

SANTOS, João Marcos Leitão. Religião e educação contribuição protestante a educação brasileira. *Tóp. Educ.*, Recife, v. 17, n. 1-3, p. 113-151, 2007.

SHOR, Ira. What is critical literacy? *Journal of pedagogy, pluralism, and practice*: v. 1: ISS. 4, Article 2, 1999. Disponível em: <<https://digitalcommons.lesley.edu/jppp/vol1/iss4/2>>. Acesso em: 09 out. 2018.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em linguística aplicada. In: CAVALCANTI, M. C. (Org.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Carlos Henrique. *Ô de casa, com licença, posso entrar? São os agentes comunitários de saúde e suas práticas de letramento no programa saúde da família*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

SILVANO, Jéssica Reis. Refletindo a luz de Cristo sempre e para sempre. *Revista Aventura Missionária*, Rio de Janeiro, 2014.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. São Paulo: Autêntica, 1999.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

SOLÉ, Isabel. Ler, leitura, compreensão: “Sempre falamos da mesma coisa? *Articles de didáctica de l' llengua i de la literatura*, n. 7, p. 7-19, jan. 1996.

STREET, Brian. *Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

STREET, Brian. Perspectivas interculturais sobre o letramento. Traduzido por Marcos Bagno. *Revista USP*, n. 8, 2006. Disponível em: <<http://www.Revistas.Usp.Br/Flp/Article/View/59767/6287>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

SZYMANSKI, Heloisa. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: SZYMANSKI, H. (Org.). *A entrevista reflexiva em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Plano, 2002.

TEIXEIRA, Olga Suely; CORDEIRO, Rubério. Anais do II Encontro Internacional de História Colonial. *MNEME – Revista de Humanidades*, Caicó, v. 9, n. 24, set/out. 2008. ISSN 1518-3394. Disponível em: <www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais>. Acesso em: 27 abr. 2018.

TERZI, Sylvia Bueno. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meio iletrados. In: KLEIMAN, Angela B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

TOSCANO, Moema. *Introdução a Sociologia Educacional*. Petrópolis: Vozes, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VASQUEZ, Vivian Maria. Ipods, puppy dogs, and podcasts: imagining literacy instruction for the 21st century. *School talk*, v. 15, n. 2, p. 1-2, 2010.

VASQUEZ, Vivian Maria. Re-designing critical literacies. In: PANDYA, J.; ÁVILA, J. (Ed.). *Moving Critical Literacies Forward: a new look at praxis across contexts*. New York: Routledge, 2014. p. 174-186.

VASQUEZ, Vivian Maria. Classroom inquiry into the incidental unfolding of social justice issues: seeking out possibilities in the lives of learners. In: COMBER, B.; CAKMAC, S. (Ed.). *Critiquing whole language and classroom inquiry*. Urbana: National Council Of Teachers Of English, 2001. p. 200-215.

VASQUEZ, Vivian Maria. *Critical Literacy*. Oxford research encyclopedia of education. 2016. doi: 10.1093/acrefore/9780190264093.013.20. Disponível em: <<http://education.oxfordre.com/view/10.1093/acrefore/9780190264093.001.0001/acrefore-9780190264093-e-20?print=pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. A psicologia social das religiões mundiais. In: _____. *Ensaaios de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

APÊNDICES





APÊNDICE A
QUESTIONÁRIO PARA CONSELHEIRAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
PESQUISA: LETRAMENTO RELIGIOSO: UM OLHAR SOBRE A ORGANIZAÇÃO MENSAGEIRAS
DO REI

ALUNA PESQUISADORA: Mestranda Rosineide Tertulino de Medeiros Guilherme
 PROF^a. ORIENTADORA: Prof^a. Dra. Ana Maria de Oliveira Paz

Caro(a) colaborador(a),

Com este questionário, queremos refletir um pouco acerca do trabalho da Organização Mensageiras do Rei, ao mesmo tempo que daremos visibilidade a este no contexto acadêmico. O nosso objetivo é observar as práticas de leitura e de escrita realizadas nessa organização e o seu reflexo na vida das mensageiras e no seu contexto social. Para tanto, salientamos que a identidade dos colaboradores será preservada e destacamos a relevância da sua colaboração para o êxito da nossa pesquisa.

Contamos com a sua participação e desde já agradecemos!

Atenciosamente,

Rosineide Tertulino de Medeiros Guilherme

QUESTIONÁRIO (CONSELHEIRA)

- 1) Idade:
- 2) Nível de escolaridade concluído:
- 3) Qual seu cargo na Organização Mensageiras do Rei?
- 4) Qual sua função?
- 5) A organização Mensageiras do Rei em que você trabalha pertence a que Igreja e região?
- 6) Há quanto tempo você trabalha na Organização Mensageiras do Rei?
- 7) Quais os materiais de escrita e leitura que você utiliza nas reuniões das MRs?
- 8) Ao trabalhar com meninas na Organização Mensageiras do Rei, você percebe que muitas passaram a se interessar mais pela leitura? Você pode citar alguma experiência relatada por alguma das meninas?
- 9) Você acredita que as leituras e escritas nessa Organização têm sido instrumento de transformação social na vida dessas meninas?
- 10) Você pode citar alguma experiência relatada por alguma mensageira em que ela tenha utilizado as leituras feitas na Organização em sua prática social?
- 11) Você observa que a Organização Mensageiras do Rei influenciou de certa forma a melhorar o relacionamento dessas meninas com escrita e leitura?
- 12) Para você, qual a grande contribuição que a Organização MR tem feito na vida das mensageiras, além da religiosa?



APÊNDICE B
QUESTIONÁRIO PARA MENSAGEIRAS E EX-MENSAGEIRAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
PESQUISA: LETRAMENTO RELIGIOSO: UM OLHAR SOBRE A ORGANIZAÇÃO MENSAGEIRAS DO REI

ALUNA PESQUISADORA: Mestranda Rosineide Tertulino de Medeiros Guilherme
 PROF^a. ORIENTADORA: Prof^a. Dra. Ana Maria de Oliveira Paz

Caro(a) colaborador(a),

Com este questionário, queremos refletir um pouco acerca do trabalho da Organização Mensageiras do Rei, ao mesmo tempo que daremos visibilidade a este no contexto acadêmico. O nosso objetivo é observar as práticas de leitura e de escrita realizadas nessa organização e o seu reflexo na vida das messageiras e no seu contexto social. Para tanto, salientamos que a identidade dos colaboradores será preservada e destacamos a relevância da sua colaboração para o êxito da nossa pesquisa.

Contamos com a sua participação e desde já agradecemos!

Atenciosamente,

Rosineide Tertulino de Medeiros Guilherme

QUESTIONÁRIO (MENSAGEIRA/ EX-MENSAGEIRA)

- 1) Idade:
- 2) Nível de escolaridade concluído:
- 3) Há quanto tempo frequenta ou frequentou a Organização Mensageiras do Rei?
- 4) A qual igreja e região pertence(ia) a organização que você frequenta(ou)?
- 5) Ao frequentar a Organização Mensageiras do Rei, você percebe que passou a ler com mais frequência?
- 6) Quais os materiais de escrita e leitura que você utilizava nas reuniões das MRs?
- 7) No seu dia a dia, cite um momento em que você recorreu a algo que aprendeu na leituras feitas na Organização Mensageiras do Rei e utilizou no seu relacionamento com outras pessoas.
- 8) Participar da Organização Mensageiras do Rei influenciou de certa forma a melhorar seu relacionamento com escrita e leitura?
- 9) As leituras feitas na Organização MR influenciaram na escolha da sua profissão (*caso já trabalhe*)?
- 10) Fale sobre a experiência de pertencer/ter pertencido à Organização Mensageiras do Rei. O que isso representou para a sua vida?



APÊNDICE C
SOLICITAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
PESQUISA: LETRAMENTO RELIGIOSO: UM OLHAR SOBRE A ORGANIZAÇÃO
MENSAJEIRAS DO REI

ALUNA PESQUISADORA: Mestranda Rosineide Tertulino de Medeiros Guilherme
PROFa. ORIENTADORA: Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Paz

SOLICITAÇÃO

Eu, ROSINEIDE TERTULINO DE MEDEIROS GUILHERME, brasileira, casada, portadora do RG 1475.518 e CPF nº 027.046.714-94, residente na Rua São José, Bairro Centro, em Angicos/RN, venho, na condição de aluna pesquisadora, apresentar a Sua Senhoria a transcrição fidedigna ora impressa das entrevistas e fotos da sua filha, participante da Organização Mensageiras do Rei, os quais participaram, voluntariamente, na condição de colaboradores em pesquisa acadêmica realizada sob minha responsabilidade, cujo procedimento ocorreu no ano de 2017.

No ensejo, solicito a autorização quanto ao uso dessas informações no sentido de dar prosseguimento a esta pesquisa, que objetiva analisar eventos e práticas de letramento verificáveis no transcorrer das atividades desenvolvidas na Organização Mensageiras do Rei e, conseqüentemente, ampliar o foco de investigação dos Estudos de Letramento no âmbito da esfera religiosa.

Saliento que as referidas informações prestadas servirão de objeto de estudo para a produção de dissertação de mestrado assim como para material de discussão em apresentações de trabalhos e publicação de textos em anais de eventos de cunho acadêmico e científico promovidos por instituições de ensino superior.

Confiante no vosso atendimento à solicitação proposta, antecipadamente agradeço.

Atenciosamente,

Angicos/RN, 04 de junho de 2019.

Rosineide Tertulino de Medeiros Guilherme
Mestranda - PPgEL/UFRN
Mat. nº XXX



APÊNDICE D
NOTAS DE CAMPO

NOTA DE CAMPO 1
DATA: 25 DE MARÇO DE 2017
LOCAL: IGREJA BATISTA EM ANGICOS
<p>ATIVIDADE/SITUAÇÕES VIVENCIADAS:</p> <p>NO DIA 25 DE MARÇO DE 2017, ESTAVA REUNIDA NAS DEPENDÊNCIAS DA IGREJA BATISTA EM ANGICOS A COORDENADORA DA ORGANIZAÇÃO MENSAGEIRA DO REI, JUNTAMENTE COM TODAS AS MENSAGEIRAS.</p> <p>Após uma oração, louvor foi ministrado pela coordenadora um estudo baseado na bíblia, mais precisamente nos versículos de João 13:34,35, que diz <i>amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Somente assim podereis ser reconhecidos como meus discípulos.</i></p> <p>Após algumas ponderações e discussões sobre o assunto, foi questionado qual o papel de cada uma diante da sociedade. Como poderiam demonstrar esse amor? Será que elas estavam obedecendo esse versículo? Elas se interessavam pelo seu próximo? Quem era esse <i>próximo</i>?</p> <p>Assim, foi decidido colocar em prática a ordem de Jesus. Praticar o amor. Demonstrar esse amor. Resolveram fazer algumas visitas a vizinhos de suas residências, levando algum docinho e um pouco da palavra de Deus. A maioria fez essa atividade em dupla.</p> <p>Todas registraram esse momento através de fotos e postaram no grupo do <i>Whatsapp</i> da organização.</p> <p>No sábado seguinte, compartilharam a alegria de terem realizado essa tarefa e o quanto foi gratificante levar um pouco de atenção e, também, da palavra de Deus para aquelas pessoas, demonstrando que elas são importantes.</p>


NOTA DE CAMPO 2
DATA: 13 DE AGOSTO DE 2017
LOCAL: IGREJA BATISTA EM ANGICOS
ATIVIDADE/SITUAÇÕES VIVENCIADAS: <p>A organização a princípio contava com apenas 7 mensageiras, foi então que a conselheira juntamente com outras irmãs da igreja resolveram realizar um <i>acampadentro</i> uma espécie de acampamento dentro da igreja, onde as meninas passariam um dia inteiro, envolvidas com diversas atividades.</p> <p>O objetivo seria divulgar o trabalho da organização entre meninas da comunidade, que ainda não conheciam e por isso não participavam dos encontros. Essa divulgação também tinha por finalidade que surgisse o interesse entre estas de se associarem.</p> <p>O tema do acampadentro foi <i>Meu alvo é Cristo</i>. Foram confeccionadas lembrancinhas (bloco de anotações, copo com a logomarca, caneta e pulseira) para distribuir entre as participantes. As atividades foram coordenadas pela coordenadora e mais três jovens, distribuindo a parte de louvor, estudo, brincadeiras e alimentação. As mensageiras ficaram responsáveis pela recepção das convidadas e distribuição de lembrancinhas por elas confeccionadas. Podíamos ver no semblante de cada uma a alegria de estarem realizando essa atividade.</p> <p>Cada mensageira ficou responsável por cinco convidadas, as quais seriam como uma espécie de <i>anjo</i>, cuidando, dando atenção, estudando a Bíblia juntas. Elas confeccionaram um cartão para presentear cada uma dessas filhas adotivas com uma mensagem bíblica.</p> <p>O estudo foi desenvolvido através da Bíblia e também do livro <i>826 notas de amor para Emma</i>, do escritor Garth Callaghan. Após contar a história de Emma, foi feita uma analogia com a Bíblia, que, assim como o pai de Emma deixou 826 notas de amor, Deus, o Pai amoroso, também deixou 66 cartas para nós. A partir daí foi escolhida pela preletora estudar a carta de II Timóteo.</p>

Após estudo, brincadeiras, almoço e lanche, foram distribuídos cartões para quem queria se associar e participar dos futuros trabalhos da organização, serem candidatas a mensageiras do Rei. Todas as convidadas preencheram, totalizando 28 inscrições. Ao final do trabalho, cada uma compartilhou o que iria levar de aprendizado daquele encontro.



ACAMPADENTRO – MEU ALVO É CRISTO

NOTA DE CAMPO 3
DATA: 27 DE AGOSTO DE 2017
LOCAL: IGREJA BATISTA EM ANGICOS
<p>ATIVIDADE/SITUAÇÕES VIVENCIADAS:</p> <p>No dia 27 de agosto de 2017, estava reunida nas dependências da igreja Batista, em Angicos, a coordenadora da Organização Mensageira do Rei, juntamente com 21 mensageiras. Neste encontro, a coordenadora iniciou o trabalho, tendo a ajuda de algumas mensageiras que fazem parte da diretoria, ficando estas com a parte de louvor, chamada de presença das sócias e oração.</p> <p>Em seguida, foi ministrado o estudo baseado no livro de Lucas 3:11 e, respondendo ele, disse-lhes: <i>quem tiver duas túnicas, reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos, faça da mesma maneira</i> e Filipenses 2:4 <i>“cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros”</i>. Ocorreram várias discursões acerca da importância de ajudar ao necessitado e do papel que cada uma tinha diante dessa situação. Em seguida, foi apresentada a proposta de vivenciar, praticar o ensinamento aprendido. Foi então que a coordenadora expôs a proposta de arrecadarem alimentos não perecíveis, a fim de doarem a famílias carentes da comunidade.</p> <p>Todas as mensageiras ficaram empolgadíssimas em realizar tal atividade. A princípio, foram divididas de acordo com o bairro em que residem, Centro/Alto da Esperança e Alto da Alegria, a fim de, no final, formarem várias cestas básicas.</p> <p>Nessa mesma ocasião, também foi discutida a questão de levar o alimento espiritual para essas famílias. Foi nesse momento que foi questionado qual texto da Bíblia poderiam compartilhar, então a coordenadora leu os versículos que estão em Mateus 10:30,31, que diz: <i>e até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais, pois; mais valeis vós do que muitos passarinhos</i>. Após todas lerem, cada uma em sua Bíblia, a coordenadora questionou acerca do que o versículo estava falando. Foi dada uma pausa para refletirem. O silêncio foi quebrado pela voz de uma das mensageiras – <i>o cuidado de Deus, o cuidado que Ele tem por nós!</i> É essa a mensagem.</p> <p>A coordenadora reforçou a fala da jovem, ao comentar a profundidade do versículo, quando diz que Deus sabe quantos fios de cabelo cada uma tem, mostrando que cada detalhe da vida de cada ser humano é importante para Deus e nada foge do</p>

seu controle. Todo detalhe do nosso viver é importante para Ele. Após reflexões sobre esse versículo, foi decidido que seria ele que iriam compartilhar. As mais desinibidas quiseram ficar responsáveis pela leitura na casa visitada.

NOTA DE CAMPO 4
DATA: 26 DE AGOSTO DE 2017
LOCAL: COMUNIDADE DO BAIRRO ALTO DA ESPERANÇA
ATIVIDADE/SITUAÇÕES VIVENCIADAS: <p>No dia 26 de agosto de 2017, foi realizada a culminância do trabalho desenvolvido no dia 12/08/17. As cestas básicas foram distribuídas.</p> <p>Conseguiram formar duas cestas básicas para doarem a famílias carentes. A escolha das famílias foi feita entre famílias de crianças necessitadas, alunas do PEPE Semear, uma creche da igreja. A coordenadora da Organização Mensageiras do Rei, em posterior conversa com a professora do programa PEPE, explicou a sua proposta e pediu que esta indicasse duas famílias mais carentes, visto que todas são, mas, em razão do número resumido de cestas básicas arrecadadas, somente duas famílias seriam presenteadas.</p> <p>Feita a indicação, chegou o dia da visita. Todas estavam eufóricas, dividiram-se em dois grupos. Na ocasião, a coordenadora contou com a ajuda de uma auxiliar para ir com um dos grupos.</p> <p>Ao chegar em uma das casas escolhidas, fomos recebidas por uma senhora de aproximadamente 70 anos, sua filha e mais dois netos. A princípio, o grupo se apresentou, pediu licença para compartilhar o versículo de Mateus 10:30,31, lido por uma das mensageiras, e depois foi feita uma explanação sobre a importância daquela família para Deus e que Ele conhecia as necessidades deles, fosse espiritual, fosse financeira.</p> <p>Após a leitura e explanação, explicaram a questão da cesta básica e perguntaram se elas desejavam receber. Após aceitarem, foram feitas a entrega e uma oração final em prol da família.</p>

NOTA DE CAMPO 5
DATA: 09 DE SETEMBRO 2017
LOCAL: RESIDÊNCIA DA PRESIDENTE DAS MENSAGEIRAS EM ANGICOS
<p>ATIVIDADE/SITUAÇÕES VIVENCIADAS:</p> <p>No dia 09 de setembro de 2017, parte do grupo das mensageiras se reuniu na residência da jovem presidente e a outra parte na casa da vice-presidente. Dividiram-se por bairro (Centro e Alto da Esperança/Alto da Alegria), a fim de executarem o chamado <i>Pequeno Grupo Multiplicador – PGM</i>.</p> <p>Acompanhamos a equipe do centro em suas atividades. O trabalho teve a seguinte divisão: <i>Boas-vindas; quebra-gelo (que iniciou com a seguinte pergunta: como você se sente quanto tem a oportunidade de ajudar alguém? – cada menina teria a oportunidade de compartilhar sua resposta); tempo de orar; tempo de cantar e estudo/reflexão.</i></p> <p>A mensageira presidente dirigiu o momento de reflexão, trazendo uma história que se encontrava na revista aventura missionária, cujo título era <i>quando salvar os outros é salvar-nos</i>. Contava a história de um conhecido indiano <i>Sundar Sing</i>, que se converteu a Cristo. Em uma das suas viagens evangelísticas com um amigo tibetano, uma viagem difícil em meio a muita neve e que se não fosse a ação de ajudar um homem que encontrou no meio do caminho, caído, sendo necessário carregá-lo nas costas, depreendendo esforço, fazendo com que seu corpo ficasse aquecido, mantendo-o vivo, teria morrido em meio aquele frio intenso. <i>Às vezes, protestamos contra Deus em função dos fardos que Ele permite que carreguemos, sem saber que eles podem ser a razão de nossas próprias vidas. (revista Aventura Missionária).</i></p> <p>Após a exposição da história, a líder fez as seguintes perguntas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Você costuma reclamar quando tem de carregar fardos? A partir de hoje, qual será sua atitude quanto isso acontecer novamente? 2) Diga como você pode, no seu dia a dia, ajudar crianças carentes, idosos, moradores de rua, famílias com necessidades, dentre outras. 3) Que mais chamou a sua atenção na história do cristão indiano? <p>Na oportunidade, foi discutida uma ação que poderiam fazer em prol de alguém. Foi levantada a ideia de fazerem o <i>dindim solidário</i>, que poderiam distribuir</p>

com pessoas que vinham das cidades vizinhas, que não têm banco, e gastavam horas na fila. Todas acharam interessante. Ficaram de depois organizar melhor o evento.

No final oraram e foi servido um delicioso lanche, preparado pela mãe da mensageira anfitriã.



NOTA DE CAMPO 6
DATA: 30 DE SETEMBRO DE 2017 E 14 DE OUTUBRO DE 2017
LOCAL: IGREJA BATISTA EM ANGICOS
ATIVIDADE/SITUAÇÕES VIVENCIADAS: <p>No dia 30 de setembro de 2017, nas dependências da Igreja Batista de Angicos, ocorreu mais um reunião da Organização Mensageiras do Rei. Neste dia, foi realizado um planejamento do que fariam para o dia das crianças.</p> <p>Foi então decidido que fariam uma <i>tarde alegre</i> para crianças carentes que frequentam a creche da Igreja Batista, como também para as do bairro e as crianças da igreja.</p> <p>Decido isso, foram divididas as mensageiras em cinco equipes: 1) equipe do lanche; 2) equipe das brincadeiras; 3) equipe para arrecadar brinquedos para presentear as crianças e para premiar nas brincadeiras; 4) equipe do teatro, que traria uma mensagem evangelística; e 5) equipe do louvor.</p> <p>O dia marcado para realizarem o referido trabalho foi no dia 14 de outubro, uma vez que seria o sábado mais próximo do dia 12/10. Sendo um dia em que todas teriam disponibilidade.</p> <p>Chegado o dia 14 de outubro de 2017, foi realizado esse trabalho que tinha um brilho especial, muito interessante, pois o objetivo havia sido alcançado, o de desenvolver o espírito do protagonismo, da autonomia entre as mensageiras. Elas fizeram tudo, desenvolveram suas atribuições com muita maestria e entusiasmo.</p> <p>Após o término das atividades, todas se reuniram pra deixar a igreja com o ambiente organizado, limpo, desenvolvendo um dos ideais da organização – <i>a mordomia</i>.</p>

NOTA DE CAMPO 7
DATA: 07 DE OUTUBRO DE 2017 E 17 DE OUTUBRO DE 2017
LOCAL: IGREJA BATISTA EM ANGICOS
ATIVIDADE/SITUAÇÕES VIVENCIADAS: <p>No dia 07 de outubro de 2017, foi trabalhada uma das propostas que a revista <i>Aventura Missionária</i> trazia. A atividade sugerida era a de que gravassem um vídeo e mandassem para alguns missionários da junta de missões nacionais ou mundiais que estivessem aniversariando, motivando-os, animando-os.</p> <p>Essa revista trazia o nome de vários missionários aniversariantes. Na ocasião, foi escolhido um versículo para lerem para estes, com o intuito de animá-los no trabalho de evangelização.</p> <p>Na oportunidade, foi gravado o vídeo pela coordenadora e depois resolveram também fazer um vídeo para o pastor da igreja, para que este sentisse também o carinho, admiração e respeito que a organização tem por ele. Para cada vídeo, todas deixavam uma mensagem.</p> <p>Feitos os vídeos, foram encaminhados no dia 17/10/17. Para o pastor, foi enviado via <i>Whatsapp</i>; já para os missionários, foi encaminhado via e-mail, de acordo com os endereços eletrônicos que constavam na referida revista.</p> <p>Foi encaminhado para missionários que estavam no Brasil e em outros países. Qual não foi a alegria quando um dos missionários contemplados com o envio do vídeo, justamente um que se encontrava na Angola, retornou o e-mail agradecendo as palavras e o carinho, de modo que elas ficaram bem animadas ao lerem as palavras de gratidão.</p> <p>As mensageiras não conheciam aquela missionária, mas vê que uma ação tão simples e que pôde alegrar um coração tão distante, a alegria tomou conta de todas, podíamos ver no olhar de cada uma.</p>

NOTA DE CAMPO 8
DATA: 07 DE NOVEMBRO DE 2017
LOCAL: IGREJA BATISTA EM ANGICOS
ATIVIDADE/SITUAÇÕES VIVENCIADAS: <p>No dia 07 de novembro de 2017, estavam todas as 21 mensageiras reunidas nas dependências da Igreja Batista, a presidente da diretoria. Uma das mensageiras, eleita entre elas, foi quem dirigiu todo o trabalho dessa tarde.</p> <p>Essa menina trouxe um estudo, extraído de reflexões bíblicas, baseado nos seguintes textos bíblicos: <i>Rm 13.1 - toda pessoa esteja sujeita às autoridades superiores, pois não há autoridade que não venha de deus; e as autoridades que há foram ordenadas por deus. Rm 13.2 - por isso, quem resiste à autoridade resiste à ordenação de deus, e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação.</i></p> <p>O tema escolhido foi respeitando as autoridades, o objetivo da sua mensagem foi trazer uma reflexão sobre a importância de respeitarem seus pais, seus professores, aqueles que Deus havia constituído como autoridades na vida de cada uma. Essa mensageira compartilhou que muitas vezes falava mal de alguns professores, mas percebeu, através desses versículos, que sua atitude não estava de acordo com o que Deus nos orienta.</p> <p>Todas as demais mensageiras estavam bem atentas àquelas palavras. Havia se identificado com a situação, o que fez com que o estudo fosse bem participativo. Todas queriam compartilhar uma experiência vivenciada no ambiente escolar.</p> <p>Observamos que todas saíram, naquela tarde, bem impactadas, reflexivas, desejosas de mudanças em seus relacionamentos.</p>

NOTA DE CAMPO 9
DATA: 14 DE ABRIL DE 2018
LOCAL: IGREJA BATISTA EM ANGICOS
<p>ATIVIDADE/SITUAÇÕES VIVENCIADAS:</p> <p>No dia 14 de abril de 2018, estavam reunidas nas dependências da Igreja Batista em Angicos a coordenadora da organização mensageira do Rei, juntamente com 15 mensageiras.</p> <p>Na oportunidade, foi trabalhado um estudo muito interessante, da revista Aventura Missionária, cujo tema era <i>certo ou errado, como saber?</i> Ao iniciar, foram dadas as boas-vindas pela presidente, que em seguida orou pelo encontro.</p> <p>Depois foi aplicado um quebra-gelo a cargo de uma das mensageiras. Após esse momento, foi realizado o <i>tempo de cantar</i>, a cargo da líder de música.</p> <p>Esse tempo foi seguido do estudo, que ficou a cargo da orientadora responsável, que fez a introdução do tema, logo após, dividiu as mensageiras em três equipes, a fim de que dramatizassem três casos, 1) um fim de semana com os amigos; 2) festa de aniversário; e 3) em dia de prova.</p> <p>Os três casos traziam situações bem presentes no cotidiano de cada uma. O primeiro caso abordava a questão da <i>mentira</i>; o segundo, tratava do <i>namoro</i> e o último evento trazia uma situação sobre <i>cola na escola</i>. O fato de se identificarem com as situações fez do tempo de estudo bem participativo.</p> <p>Entre uma apresentação e outra de cada equipe, a orientadora conduziu momentos de discussões em torno do assunto, sobre o que cada uma faria no lugar dos personagens.</p> <p>Ao final, observaram à luz das escrituras sagradas quais as orientações de Deus para aquelas situações e assim como deveriam agir (Efésios 5:6-7; Efésios 6:1-3; Provérbios 1:22 e 19:5; Romanos 8:5; Mateus 26:41; Gálatas 6:8; Eclesiastes 3:1; Mateus 5:37; Filipenses 4:8, dentre outros). Ao término, todas leram I Coríntios 6:12 e em seguida uma mensageira fez uma oração.</p>